

SAULO VEIGA OLIVEIRA

**O SUICÍDIO DE ESCRAVOS EM CAMPINAS E NA
PROVÍNCIA DE SÃO PAULO (1870-1888)**

CAMPINAS

2007

SAULO VEIGA OLIVEIRA

**O SUICÍDIO DE ESCRAVOS EM CAMPINAS E NA
PROVÍNCIA DE SÃO PAULO (1870 - 1888)**

*Dissertação de Mestrado apresenta à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre
em Ciências Médicas, área de concentração em
Ciências Biomédicas.*

ORIENTADORA: ANA MARIA GALDINI RAIMUNDO ODA

CAMPINAS

2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

OL4s Oliveira, Saulo Veiga
 O Suicídio de escravos em Campinas e na província de São Paulo
 (1870-1888) / Saulo Veiga Oliveira. Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Ana Maria Galdini Raimundo Oda
Dissertação (Mesrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Saúde Pública. 2. Suicídio. 3. Escravidão - Campinas (SP).
4. Suicídio - História. 5. Escravidão. I. Oda, Ana Maria Galdini
Raimundo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Ciências Médicas. III. Título.

**Título em inglês : The suicide of slaves in Campinas and the province of
São Paulo (1870 – 1888)**

Keywords: • Public Health
 • Suicide
 • Slavery
 • Suicide - History

Titulação: Mestre em Ciências Biomédicas
Área de concentração: Ciências Médicas

Banca examinadora:

Profa. Dra Ana Maria Galdini Raimundo Oda
Profa. Dra. Ângela de Araújo Porto
Prof Dr Paulo Dalgalarondo

Data da defesa: 27 - 08 - 2007

Banca examinadora de Dissertação de Mestrado

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ana Maria Galdini Raimundo Oda

Membros:

Profª. Dra. Ana Maria Galdini Raimundo Oda

Profª. Dra. Ângela de Araújo Porto

Prof. Dr. Paulo Dalgalarrodo

Curso de pós-graduação Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 27/08/2007

DEDICATÓRIA

Para Daniela, com muito carinho, e também para Vitor, sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada.

Agradeço especialmente à Dr. Ana Maria Oda, minha orientadora, pela dedicação e cuidados sempre dispensados durante todo o processo de realização desta pesquisa. Pelas ótimas e valiosas idéias, pela ajuda com a bibliografia, pelos vários textos e livros entregues a mim, pelos e-mails sempre presentes e pelos longos telefonemas principalmente nos últimos meses da pesquisa.

Agradeço também ao professor Paulo Dalgalarrrondo, do departamento de psiquiatria da Unicamp, pelas idéias e pelas conversas sempre animadas na sala do acervo de História da Psiquiatria no Brasil, tornando o estudo algo muito mais alegre.

Ao Dr. Marcelo Kimati, meu orientador de monografia, que me ensinou muito da arte de pesquisar e de lidar pessoalmente com o objeto da pesquisa.

À CAPES, que possibilitou a realização desta pesquisa, pelo apoio financeiro importantíssimo. À FAPESP, cuja bolsa “Jovem Pesquisador” destinada à minha orientadora, pôde ter a reserva técnica utilizada para as necessidades da pesquisa.

Agradeço à minha família, que mesmo com a distância, esteve comigo nos momentos felizes e complicados. Isabela, obrigado pelas discussões inteligentes e pelas opiniões perspicazes. Marcelo obrigado pelas risadas e pelas disputas eternas. Meu pai obrigado pelo exemplo, menos intencional do que você queria, mas por isso mesmo mais verdadeiro e forte. Minha mãe, obrigado pela dedicação, e pelo exemplo também.

Aos funcionários do departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, Lílían e André, obrigado pela ajuda, sempre quando era preciso, e pelos cafezinhos nas tardes sonolentas. À Auxiliadora, pelos papos sempre interessantes e agradáveis.

Aos professores Cláudio Banzato, Mario Pereira, Egberto Turato e Sergio Arruda, da Faculdade de Ciências Médicas. Robert Slenes, Fernando Rosa, Omar Ribeiro e Robin Wright, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, pelas cuidadosas leituras e contribuições à pesquisa.

Aos companheiros de mestrado Ana Lúcia, Sabrina e Daniela.

Aos amigos Rodrigo César, Marcela Miwa, Marcel, Adilton, Mateus, Julio e todos aqueles que me apoiaram das mais diversas formas.

Como não citar meu irmão baiano Vitor. Abrigado sempre pelas palavras, em todos os diversos momentos que pudemos passar juntos. Do sério historiador ao folgazão cozinheiro das tardes de domingo.

À Deus, pelas maravilhosas oportunidades que coloca em nosso caminho.

E agradecimentos especiais à Daniela, pelos diversos momentos em que passamos juntos, pelo aprendizado inestimável sobre a vida e sobre nós mesmos, pelo apoio, coragem e exemplo, pelos projetos e sonhos para o futuro. Sempre, muito obrigado.

	PÁG.
RESUMO.....	<i>xxvii</i>
ABSTRACT.....	<i>xxxi</i>
INTRODUÇÃO.....	35
CAPÍTULO I- REVISÃO DA LITERATURA.....	39
Breves apontamentos sobre a história do suicídio.....	41
O suicídio como pecado e crime.....	41
Mudanças na visão do suicídio.....	43
O suicídio e os alienistas europeus.....	46
Durkheim e o suicídio.....	48
Suicídio na atualidade.....	51
O suicídio de escravos na historiografia brasileira.....	56
O banzo.....	56
Viajantes e moradores estrangeiros.....	60
Medicina e escravidão.....	68
Obras de medicina do século XIX.....	69
Loucura e suicídio de escravos nas teses de medicina.....	71
Escravidão e infanticídio.....	77
O suicídio escravo visto no século XX.....	78
Suicídio e rebeldia escrava.....	81
Estudos recentes.....	83
Escravidão, progresso e civilização.....	89

CAPÍTULO II- DESCRIÇÃO DAS FONTES E RESULTADOS.....	97
Fontes e arquivos pesquisados.....	99
Relatórios Provinciais de São Paulo.....	101
Os suicídios nos relatórios.....	105
Síntese dos dados obtidos dos Relatórios Provinciais de São Paulo.	107
Jornal Gazeta de Campinas.....	113
Dados obtidos das notícias da Gazeta de Campinas.....	127
Comparação entre os dados obtidos dos Relatórios Provinciais e da Gazeta de Campinas.....	143
Taxas de suicídio por 100.000 habitantes livres ou escravos.....	145
CAPÍTULO III- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	149
Os escravos nas notícias de jornal.....	151
Rastros do preto Ambrósio.....	154
Observações preliminares sobre os registros e as notícias de suicídio.....	156
O perfil dos suicidas a partir das notícias da Gazeta e das estatísticas policiais.....	158
Possíveis significados da redução dos suicídios.....	172
Na província de São Paulo, os escravos se matavam mais do que as pessoas livres?.....	173
Suicídio e negociação.....	174
CONCLUSÕES.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185

ANEXOS.....	197
Anexo 1- Processo judicial sobre suicídio de escravo.....	199
Anexo 2- Relatório de 1872. “Mapa dos escravos fugidos, turbulentos e ébrios..”	203
Anexo 3- Relatório de 1871. “Projectos de insurreição”	205
Anexo 4- Relatório de 1864. Homicídio e simulação de suicídio de escravo.....	209
Anexo 5- Relatório de 1862. “Mapa dos crimes e outros fatos ocorridos...”	211
Anexo 6- Relatórios da Província de São Paulo - documentos consultados.....	213
Anexo 7- Descrição das notícias de suicídios de escravos.....	219
Anexo 8- Descrição das notícias de livres.....	239
Anexo 9- Gazeta de Campinas - exemplares consultados.....	255

	PÁG.
Tabela 1- Relatórios Provinciais de São Paulo: suicídios (1861-1887).....	108
Tabela 2- Total de casos de suicídio entre livres e escravos (1861 a 1887).....	109
Tabela 3- Tentativas de suicídio (1862 – 1887).....	109
Tabela 4- Relatórios Provinciais de São Paulo. Suicídios segundo condição (livres ou escravos), 1870-1887.....	110
Tabela 5- Relatórios Provinciais de São Paulo. Meios utilizados nos suicídios (1870-1887).....	111
Tabela 6- Relatórios Provinciais de São Paulo. Escravos. Motivações atribuídas aos suicídios.....	112
Tabela 7- Relatórios Provinciais de São Paulo. Livres. Motivações atribuídas aos suicídios.....	112
Tabela 8- Relatórios Provinciais de São Paulo. Motivações atribuídas aos suicídios sem condição especificada.....	112
Tabela 9- Distribuição anual dos casos de suicídios e tentativas noticiados, segundo condição - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	128
Tabela 10- Local de ocorrência e condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	130
Tabela 11- Sexo e condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	131

Tabela 12-	Procedimentos das autoridades, segundo condição, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	132
Tabela 13-	Meios utilizados segundo condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	133
Tabela 14-	Escravos. Meios utilizados segundo sexo nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	134
Tabela 15-	Escravos. Meios utilizados pelos homens, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	136
Tabela 16-	Escravos. Meios utilizados pelas mulheres, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	136
Tabela 17-	Livres. Meios utilizados pelos homens, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	137
Tabela 18-	Livres. Meios utilizados pelas mulheres, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	138
Tabela 19-	Livres. Nacionalidades nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	139
Tabela 20-	Livres. Profissões nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	140

Tabela 21-	Escravos. Motivações atribuídas nas notícias de suicídios - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	141
Tabela 22-	Livres. Motivações atribuídas nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887).....	142
Tabela 23-	Suicídios: casos registrados nos Relatórios e nas notícias da Gazeta de Campinas (1870-1887).....	144
Tabela 24-	População estimada da Província de São Paulo, por condição.....	146
Tabela 25-	Média de casos por ano – Relatórios Provinciais.....	146
Tabela 26-	Média de casos por ano – Gazeta de Campinas.....	147
Tabela 27-	Cálculo de suicídios por 100.000 habitantes, segundo condição.....	147

	PÁG.
Gráfico 1- Relatórios Provinciais de São Paulo. Suicídios segundo condição (livres ou escravos), 1871-1887.....	111
Gráfico 2- Distribuição anual dos casos de suicídios e tentativas noticiados, segundo condição - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	129
Gráfico 3- Escravos. Meios utilizados segundo sexo nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887).....	135

RESUMO

Ainda que se afirme, na historiografia brasileira, que foram muitos os casos de suicídios entre escravos, este não é um ponto estudado detalhadamente. O suicídio é quase sempre citado de passagem, em geral acompanhando comentários sobre a formação de quilombos ou sobre fugas, homicídios e outras ações violentas que expressariam o protesto escravo.

A pesquisa teve como fontes o jornal *Gazeta de Campinas* e os *Relatórios Provinciais de São Paulo*. A partir das notícias publicadas no jornal, entre 1871 e 1887, recuperamos os dados referentes às visões correntes sobre os atos suicidas entre cativos e pessoas livres, na província de São Paulo. Os Relatórios, documentos oficiais, nos informam a visão dos dirigentes políticos na segunda metade do século XIX, com grande acento na questão estatística. Para ambas as fontes, discutimos os possíveis significados dos dados quantificáveis obtidos, tais como frequência, local de ocorrência, distribuição segundo condição e sexo, meios utilizados e motivações atribuídas aos suicidas.

Conclui-se que, sendo os atos suicidas manifestações humanas não redutíveis a um único tipo de explicação (sociológica, antropológica ou psicopatológica), não parece justificável que entre os escravos o suicídio seja tomado como auto-explicável pela desfavorável condição escrava. A pesquisa nas fontes indica a variedade de situações em que se deram tais atos, analisados de acordo com o contexto histórico em que ocorreram. Assim, a análise contribui para desfazer explicações simplificadoras, como aquela recorrente nos *Relatórios Provinciais* do século XIX, que afirmava serem os suicídios de escravos obviamente decorrentes “dos desgostos provenientes do cativeiro”.

ABSTRACT

The suicide of slaves in the Brazilian historiography is not a point studied with details. The suicide in general is cited with commentaries about the formation of quilombos, escapes, homicides and other violent actions that would express the protest of slaves.

The research had as sources the periodical *Gazeta de Campinas* (1871-1887) and the Provincial Reports of São Paulo (1838-1888). In both the sources had been selected the specific points of view on the suicidal acts between slaves and free people.

For both the sources, we argue the possible meanings of the data, such as frequency, place of occurrence, distribution according to condition and sex, ways used and motivations attributed for the suicidal acts.

The analysis contributes to undo simple explanations, as the recurrent in the Provincial Reports, that it affirmed to be the suicides of slaves obviously decurrent “of the disgusts proceeding from the captivity”.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa teve por objetivo estudar a prática de atos suicidas entre os escravos brasileiros, na Província de São Paulo, mais especificamente a região da cidade de Campinas. O período contemplado são as duas últimas décadas da escravidão.

Supostamente, as taxas de suicídio entre negros escravos e ex-escravos seriam maiores, em comparação com as da população de indivíduos livres, como afirma com frequência a literatura histórica sobre a escravidão. Entretanto, este é um tema que não possui um estudo sistematizado e constante, o que traz para esta pesquisa um caráter de utilidade, já que contribuiria com mais detalhes sobre um ponto pouco estudado na história da escravidão no Brasil.

A dissertação está dividida em três capítulos. O capítulo I se refere à revisão da literatura, onde são expostos breves apontamentos sobre a história do suicídio no mundo ocidental, e também se revisa como o suicídio de escravos foi tratado na historiografia brasileira. No fim deste capítulo, visando contextualizar a situação dos escravos em São Paulo, são fornecidas informações sobre a província e sobre o município de Campinas, no período estudado.

O capítulo II consta da descrição minuciosa das fontes pesquisadas, que são os relatórios dos presidentes de província e as notícias de suicídio no jornal Gazeta de Campinas. Ainda neste capítulo, optamos por adicionar os resultados obtidos, onde os dados recolhidos são apresentados, utilizando-se tabelas e gráficos para apresentar os resultados quantificáveis.

O capítulo III traz a discussão, onde se realiza a retomada de alguns pontos importantes dos resultados - colocados no capítulo II - articulados à luz dos trabalhos já realizados sobre o tema e as conclusões do trabalho.

A presente dissertação conta ainda com oito anexos. O Anexo 1 comenta e transcreve trechos de processo judicial sobre o suicídio de um escravo, de 1819, o único encontrado nesta pesquisa. Os Anexos 2, 3, 4 e 5 reproduzem, respectivamente, as folhas de rosto e conteúdos selecionados dos Relatórios

Provinciais de São Paulo publicados em 1873, 1871, 1864 e 1863. O Anexo 6 traz um quadro com informações sobre os Relatórios consultados (datas de publicação, nomes dos autores e títulos dos documentos). No Anexo 7 apresenta-se um quadro com as datas de publicação e as principais informações obtidas de notícias sobre suicídios e tentativas cometidas por escravos publicadas no jornal Gazeta de Campinas; no Anexo 8, o mesmo para as notícias de pessoas livres. Finalmente, o Anexo 9 lista os exemplares consultados da Gazeta de Campinas (1870-1888).

CAPÍTULO I- REVISÃO DA LITERATURA

Breves apontamentos sobre a história do suicídio

Com a intenção de contextualizar historicamente o fenômeno do suicídio entre os escravos brasileiros, faz-se importante uma breve história do suicídio, principalmente a partir da Idade Média aos dias atuais.

Autor considerado referência na história do suicídio, Georges Minois ressaltava a dificuldade em se trabalhar com o tema. Minois escreve sobre o suicídio na sociedade ocidental, focalizando sobretudo a Europa. Ele adverte que as fontes usadas para o estudo do tema devem ser diferentes das usadas para estudar mortes de caráter natural. As fontes não poderiam se restringir aos registros paroquiais de óbitos, e sim serem as mais variadas possíveis, com o objetivo de maximizar a possibilidade de coleta de dados posto que, por muito tempo, o suicídio foi considerado um pecado aos olhos da Igreja e um crime para o direito jurídico. Assim, como o autor cita, arquivos judiciais, memórias, crônicas, jornais e literatura são também importantes fontes para pesquisa sobre o suicídio (Minois, 1995, p. 7 a 8).

O suicídio como pecado e crime

É importante ressaltar que durante todas as “idades” da história ocidental, o suicídio sofreu algum tipo de interdição. Nas poucas ocasiões em que não era considerado um tabu, ainda permanecia em um local à parte, sempre suscitando discussões.

Na Roma antiga, o suicídio não era interditado legal ou religiosamente, a não ser para as categorias sociais dos escravos e dos soldados. Para os primeiros, se matar era considerado um atentado a propriedade privada, e para os segundos, penas específicas existiriam contra os que sobrevivessem a tentativas de suicídio (Minois, 1995, p.66).

No decorrer do tempo, são aplicadas diversas penalidades para os que cometem suicídio, para os que tentam se matar e não conseguem, e em alguns momentos, para os familiares dos suicidas. As práticas vão desde decepar a cabeça do suicida, expor seu cadáver em praça pública, arrastar o cadáver pelas ruas da cidade, impedir o enterro cristão e dentro das Igrejas, excomunhão do suicida, confisco de bens do suicida e em alguns casos dos familiares, entre outras.

O termo suicídio é publicado pela primeira vez em 1642, unindo dois termos latinos: “sui” (de si) e “caedes” (crime). Pouco a pouco, o novo termo passa a ser utilizado, substituindo antigas expressões existentes para se falar de suicídio, como “carrasco de si mesmo”, sempre associadas a idéias religiosas (Minois, 1995, p.228).

Minois recolhe alguns dados, para o período da Idade Média, a partir de fontes variadas, como memórias, jornais burgueses e clericais, e registros judiciais. Conclui, para o período de 1249 a 1484, que o suicídio é praticado por ambos os sexos, e em todas as categorias sociais: “A morte voluntária é considerada como o resultado de uma tentação diabólica pelo desespero ou como uma atitude de loucura” (Minois , 1995, p.15).

Ele realiza ainda uma divisão entre os tipos de suicídio, a partir das categorias sociais dos sujeitos envolvidos. O camponês e o artesão enforcariam-se para escapar da miséria e do sofrimento, em um tipo de suicídio que seria considerado “egoísta”, na classificação feita em fins do século XIX por Durkheim. O clérigo e o cavaleiro deixavam-se morrer para escapar à humilhação da derrota para os inimigos nas várias guerras da Idade Média. Assim, mesmo que em ambos os casos os atos possuam o mesmo objetivo final, matar-se ou deixar-se morrer, eles são vistos de forma diferente, de acordo com a categoria social do sujeito. No primeiro caso, o suicídio é visto como crime, sendo o cadáver alvo de todas as punições já citadas. No segundo caso, para os cavaleiros, a morte voluntária é vista como um grande sacrifício, em prol de uma grande causa,

um ato de honra e coragem diante da guerra. Para os clérigos, uma manifestação de fé até o martírio final (Minois, 1995, p.19).

Outras categorias de suicídio que Minois cita são a dos judeus e a dos heréticos. Os primeiros se matam em geral por causa das perseguições cristãs, particularmente em períodos que precedem e acompanham as cruzadas. Os segundos se matam também por causa das perseguições, ou em virtude de suas próprias crenças, sendo numerosas as imolações voluntárias, por recusa de abjuração e receio de suplícios.

Conclui o autor que, mais do que o ato do suicídio em si, o que é levado mais em conta na Idade Média são os motivos, a origem social do suicida e o comportamento expressado pelo indivíduo, para a sociedade. Observa ainda que as sanções religiosas e o direito penal são muito rigorosos com relação aos suicidas, mas existiria uma imensa flexibilidade em sua aplicação (Minois, 1995, p.27).

Mudanças na visão do suicídio

Lembra Minois que, para explicar um fato considerado tabu, interdito pela igreja, pelas leis e pelo senso comum, a idéia de que o suicida estaria sofrendo de loucura sempre foi colocada, ao lado da influência demoníaca.

Na Idade Média, acreditava-se que o diabo poderia influenciar os indivíduos a cometerem suicídio, através de um desespero diabólico, que poderia ser aplacado pela atitude da confissão. Os que mesmo fazendo uso desta ajuda se deixam sucumbir, estariam destinados ao inferno. Ao contrário dos que sucumbem pela loucura, pois se entende que a responsabilidade do ato não é do suicida, sendo que este poderia ser salvo (Minois, 1995, p.55).

Novas influências marcam o final da Idade Média, caracterizando de forma diferente a visão do suicídio no Renascimento e Idade Moderna. Inicialmente, por influência da divulgação da literatura da antiguidade clássica, a questão do suicídio passa por mudanças significativas. Algumas passagens que

retratam suicídios o fazem sob nova ótica, não a da loucura ou da influência demoníaca, mas como atos de heroísmo (Minois, 1995, p.84).

Assim, neste período, a visão sobre o suicídio se amplia a ponto de, em alguns momentos, este ser considerado uma opção destituída da aura de negatividade em que esteve presente durante vários séculos.

Chamada a princípio como auxiliar da justiça, a medicina gradativamente vai buscando as origens das tendências suicidas, deslocando suas explicações iniciais - as causas sobrenaturais e demoníacas - e ancorando-as em explicações médicas e somáticas. Os suicidas vão sendo, crescentemente, vistos mais como doentes, mais como vítimas do que como criminosos (Minois, 1995, p.175).

Cada vez mais, os distúrbios da inteligência, dos afetos e da vontade passam a ser considerados como causados por desequilíbrios orgânicos, e são muitas as explicações para eles, dependendo da corrente teórica. Em linhas gerais, segundo Isaias Pessotti, na Europa do século XVII, as três grandes correntes explicativas da fisiologia normal do corpo humano (doutrinas iatroquímica, iatromecânica e pneumática) consideravam as manifestações de loucura como tendo causas orgânicas, fossem estas diretamente cerebrais ou devidas a problemas em vários órgãos que, indiretamente, afetariam o cérebro, de forma *simpática*. É preciso recordar também que a medicina dos séculos XVII e XVIII, sobretudo no que diz respeito às classificações diagnósticas, recebeu relevantes influências do racionalismo e do empirismo, como por exemplo a do filósofo francês René Descartes (Pessotti, 1994, p.124-141).

A chamada teoria humoral é a base da fisiologia humana deste período, e é importante mencionar seus princípios porque eles, embora modificados por outros referenciais teóricos, continuarão muito atuantes nas explicações de loucura do século XIX, inclusive naquelas que poderiam levar ao suicídio.

Vem da tradição médica atribuída a Hipócrates (Grécia, século V a.C.), modificada e difundida posteriormente por Cláudio Galeno e seguidores (Pérgamo, Ásia Menor, século II d.C.) a idéia de que o corpo humano possuía quatro humores (secreções internas) básicos, cujo equilíbrio determinaria o seu correto funcionamento: o sangue, a bÍlis, a fleuma (ou pituíta) e a atrabÍlis (ou bÍlis negra).

A perturbação chamada de *melancolia* foi relacionada, desde a antiguidade, ao excesso de uma substância espessa e corrosiva, a bÍlis negra. O termo bÍlis negra é a tradução do grego de *melaine chole* (no latim, *atrabilis*); então, as palavras melancolia e bÍlis negra são sinônimas. Porém, como lembra Jean Starobinski, ainda que a palavra *melancolia* atravessasse séculos na nomenclatura médica e na cultura ocidental em geral, ela vai mudando de significados, privilegiando fenômenos diversos e variadas explicações causais (Starobinski, 1962, p.9). Mas pode-se dizer que excessiva tristeza e medos infundados sejam sinais constantes, assim como associações da melancolia à escuridão, ao sombrio, à morte.

A partir do início do século XIX, outras causas, como os excessos nas atividades físicas e mentais e as paixões sem controle, serão consideradas: tais fenômenos perturbariam os indivíduos e poderiam originar distúrbios que levariam a várias formas de loucura e, eventualmente, ao suicídio.

Ocorre, então, a chamada secularização do suicídio. Por secularização entende-se o processo em que determinada visão de mundo deixa de ser organizada pela religião e passa a ser organizada por instituições laicas, dentro do contexto de formação do Estado moderno¹. O suicídio passa, gradativamente, a ser um assunto despido de influências religiosas, se dissociando aos poucos da

¹ Segundo o Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, secularização “designa o processo, iniciado na Idade Média e que continuou a manifestar-se nos tempos modernos, de afastamento, separação e emancipação, praticamente de todos os campos do universo da vida humana, do contexto de sentido fornecido pela fé cristã” (p.81). Retirado de: Amorim, Paulo Sérgio. Secularização? Disponível em: <http://www.comunidadeshalom.org.br/formacao/vidacrista/secularizacao.html>. Acesso em: 01 jul. 2007.

idéia de crime e pecado. Este caminho pode ser percebido nas maneiras de se lidar com o cadáver dos que cometem suicídio, já que paulatinamente vai se tornando absurdo castigar um cadáver e fazer com que inocentes, como os parentes do morto, sofressem sansões.

O suicídio e os alienistas europeus

No século XIX, consolida-se a associação entre o suicídio e a alienação mental; os conflitos entre moral e civilização e as exigências excessivas impostas aos indivíduos pelas transformações da modernidade são vistos pelos médicos como causadores de desarranjos mentais, que no extremo levariam ao auto-extermínio (Dalgalarondo, 1996). Ao mesmo tempo, as estatísticas hospitalares adquiriam mais importância, e os alienistas nos hospícios de certa forma sentiam-se obrigados a registrar todos os casos de suicídios entre os insanos (Berrios e Mohanna, 1990).

Importantes fundadores da área da medicina dedicada ao mental, chamada de alienismo e mais tarde de psiquiatria, como os franceses Philippe Pinel e Jean-Étienne Esquirol ocuparam-se das relações entre loucura e suicídio.

Pinel publicou seu *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental* em 1800. A obra teve uma grande circulação internacional; pouco depois da sua primeira edição, o *Tratado* seria traduzido e publicado em espanhol (1804) e em inglês (1806). Na América do Norte, a versão inglesa foi amplamente divulgada e na América hispânica circularam o original francês e a tradução em castelhano. No Brasil circulou o original francês, o que reflete a marcante influência teórica de autores franceses em nosso incipiente ensino médico² (Oda e Dalgalarondo, 2007).

² Para uma visão geral sobre a história da organização do ensino médico no Brasil, consultar: Ferreira LO.; Fonseca MRF da.; Edler FC. A Faculdade Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In: Dantes, M. A. M. (org.). *Espaços da ciência no Brasil* (1800-1930). Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ. 2001, p. 59-80

Na classificação de Pinel, uma das espécies de alienação mental é a *melancolia*:

(...) quadros caracterizados por “delírio exclusivo sobre um objeto”, isto é, uma idéia delirante (ou um conjunto de idéias relacionadas) que dominaria a vida mental dos sujeitos, absorvendo-os e desviando sua atenção do mundo exterior, o que os tornaria taciturnos e reservados, mas aparentemente são até que revelassem seu delírio, sendo preservada em geral sua capacidade de julgamento. Para Pinel, haveria dois tipos de comportamentos na melancolia, um manifestando orgulho e soberba, relacionado a delírios de grandeza e poder, e outro demonstrando consternação, tristeza profunda e desespero, ligado a idéias delirantes de morte, doença, culpa e destruição (Oda e Dalgarrondo, 2007).

Estas últimas seriam características da “variedade de melancolia que conduz ao suicídio”, título de uma das partes da Seção IV do *Tratado*. Como para a maioria das moléstias mentais, Pinel considerava que as causas do que denominava melancolia seriam principalmente *morais*: desejos exaltados contrariados, profundos desgostos, tremendas injustiças, grandes terrores, excessos sexuais, abuso de álcool, educação infantil muito rígida ou complacente, enfim, todo tipo de excesso passional que desvirtuava a razão (Pinel, 1980 [1800]).

A partir das noções de melancolia e de mania racional de Pinel, seu discípulo Esquirol construirá o conceito de monomania, isto é, loucuras de um só tema, incidindo parcialmente sobre a inteligência, o afeto ou a vontade, sendo a razão preservada, fora do “tema” delirante. Resumidamente, as monomanias seriam decorrentes de fixações da inteligência (idéias fixas) causadas por paixões intensas. Entre as monomanias, destacam-se a lipemania ou monomania triste, que poderia ser relacionada ao suicídio, e ainda a monomania suicida, quando muitas vezes haveria uma impulsão ao ato, o que Esquirol denominava de “monomania instintiva ou sem delírio”, situação em que o doente seria levado a praticar atos violentos, mesmo contra sua vontade e sua consciência. Como

observa Paul Bercherie, os alienistas franceses tenderiam a generalizar o uso do termo “monomania”, que passaria a designar uma infinidade de atos mórbidos, como incêndios, roubo, embriaguez, suicídio, etc. (Bercherie, 1989, p.48-52).

Porém, observe-se que Esquirol admitia outras causas para o suicídio, além de moléstias mentais, e que, a partir da segunda metade do XIX, o discurso sobre relações constantes e necessárias entre perturbação mental e suicídio não era unânime entre os alienistas (Berrios e Mohanna, 1990).

É relevante considerar a incidência das concepções dos alienistas franceses sobre as visões de certos observadores do suicídio entre os escravos, ressaltando-se que a associação entre este e quadros psicopatológicos, como a melancolia, foi corrente também no Brasil.

Durkheim e o suicídio

Segundo Durkheim,

“suicídio é todo caso de morte provocado direta ou indiretamente por um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima e que ela sabia que devia provocar esse resultado.” (Durkheim, 2000, p.14)

Émile Durkheim (1858-1917) ocupa-se do estudo do suicídio no final do século XIX, tendo publicado o clássico *O Suicídio* em 1897. Considerado um dos pais fundadores da sociologia, ele propõe a organização de um método para a fundação desta nova ciência. Até então estudado dentro de uma chave moral (Douglas apud Nunes, 1998), juntamente com outros crimes, como assassinato, o estudo sobre o suicídio é inovado quando Durkheim utiliza-se de estatísticas como instrumento básico, quando evidencia fatores que estão fora do indivíduo como importantes para as taxas de suicídio, e finalmente, quando aborda a questão do suicídio através de um viés não-moralista.

A proposta de Durkheim é considerar o suicídio como fato dado pelo social, não pessoal ou psicológico. Ao invés de tomar o suicídio como evento particular isolado, que exija um exame em separado, sua intenção é analisar o suicídio a partir de uma abordagem mais ampla, considerando todos os suicídios em conjunto, em dado espaço de tempo, para dada sociedade. Procedendo desta forma, ele observa que surge algo novo, em suas palavras, “com unidade e individualidade, e pois com sua natureza própria”. Algo que, possui “uma natureza eminentemente social”, um fato social (Durkheim, 2000, p.17).

Segundo Raymond Aron, importante comentarista da teoria de Durkheim, a escolha do suicídio como objeto de estudo, sendo este um tema aparentemente individual, serve para demonstrar até que ponto os indivíduos são determinados pela realidade coletiva. A prova de que o suicídio é determinado pela sociedade corroboraria a tese geral da sociologia de Durkheim (Aron, 1982, p.308):

Quando o indivíduo se sente só e desesperado, a ponto de se matar, é ainda a sociedade que está presente na consciência do infeliz, e o leva, mais do que sua história individual, a esse ato solitário. (Aron, 1982, p.308)

Durkheim estabelece uma tipologia do suicido, realizada em função de correlações estatísticas por ele realizadas. Assim, define três tipos de suicídio: o suicídio altruísta, suicídio egoísta e suicídio anômico.

Analisando dados como religião, sexo, idade e existência de filhos, o autor conclui que os indivíduos que possuem mais fatores de preservação, ou seja, mais ligações efetivas com a sociedade se suicidam menos. Assim o suicídio egoísta é próprio daqueles indivíduos deixados a si mesmos, que desenvolvem desejos infinitos e nunca se satisfazem. Estes indivíduos não estão integrados ao grupo social, seus desejos são incompatíveis com a realidade social (Aron, 1982 p.312 a 313).

Oposto ao suicídio egoísta, está o suicídio do tipo altruísta. O indivíduo que o pratica está totalmente imerso no grupo social ao qual pertence, a ponto de dar sua vida, por falta absoluta de individualismo. Um imperativo social é determinante de sua morte, como o capitão que naufraga com seu navio, o militar que se sacrifica em prol de um ideal (Aron, 1982, p.313-314).

O terceiro tipo de suicídio é chamado de suicídio anômico. Interessa bastante ao autor, por ser o mais representativo da sociedade moderna. É revelado pela comparação estatística entre a frequência de suicídio e as fases econômicas de determinada sociedade (Aron, 1982, p.314). Esta comparação põe à mostra momentos em que a sociedade passou por crises, ou por grandes momentos de prosperidade, que coincidiriam com o aumento da taxa de suicídio. Por serem processos imediatos, as crises não permitem que os indivíduos se ajustem às novas condições, provocando um desregramento geral, a perda da autoridade disciplinar da sociedade, quando esta se faria mais importante (Nunes, 1998, p.7). Nestes casos, o suicídio seria fruto do sofrimento advindo do alto grau de desregramento vivido pelos indivíduos, em momentos de crise.

Durkheim discute a associação entre o suicídio e o que denomina de “estados psicopáticos”, quando aborda o que considera serem causas “extra-sociais” do fenômeno: as disposições individuais orgânico-psíquicas (entre elas a loucura), o ambiente físico e a imitação. Ele defende que apenas o que considerava como “causas sociais” teriam efetiva influência sobre as taxas de suicídio, sendo a loucura e o ambiente físico pouco relevantes para a determinação final das taxas de morte voluntária em cada sociedade.

A obra de Émile Durkheim é um marco na história do estudo do suicídio, além de ser a obra fundadora de uma nova disciplina, a Sociologia. Ela é a primeira produção intelectual a considerar o suicídio dentro de uma categoria social, e não religiosa, médica ou moral. Na atualidade, não devemos ler as conclusões de Durkheim “ao pé da letra”, mas contextualizando o momento histórico de sua produção. Deve-se recordar que seu intuito não era explicar o suicídio completamente, em todos os seus aspectos, psicológicos, morais,

médicos, etc. Seu objetivo era usar o fenômeno do suicídio para entender a nova sociedade e o novo homem nascidos com a Revolução Industrial.

Desta forma, não se poderia deixar de mencionar sua obra nesta revisão bibliográfica, pela originalidade e pelo valor de seu trabalho. Entretanto, parece que no esquema explicativo de Durkheim não caberiam, de forma generalizada, todos os suicídios dos escravos brasileiros. Talvez alguns deles pudessem ser julgados próximos aos suicídios “anômicos”, em especial no caso dos africanos, decorrentes do desenraizamento cultural provocado pela deportação ao Brasil. Porém, parece mais prudente evitar a transplantação simplista dos conceitos deste autor, construídos em um contexto muito diferente daquele no qual se deram concretamente os suicídios dos cativos no Brasil.

Suicídio na atualidade

Atualmente, a questão do suicídio é vista como sendo pertinente tanto aos estudos das ciências humanas e sociais quanto das ciências da saúde, demandando necessariamente investigações interdisciplinares.

Mundialmente, o suicídio é considerado um sério problema de saúde pública, e está entre as dez causas de morte mais comuns, em indivíduos de todas as idades, na maioria dos países, e tem crescido entre os mais jovens. Em razão disto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou, em 2002, o *Estudo Multicêntrico de Intervenção no Comportamento Suicida* (SUPRE-MISS), que objetiva desenvolver métodos para o estudo do comportamento suicida em diferentes contextos sociais e culturais, avaliar estratégias de prevenção e estabelecer bases para futuras pesquisas, sendo o Brasil um dos países pesquisados (OMS, 2002).

Suicídio e psicopatologia

O suicídio tem recebido maior atenção no campo da saúde, em especial de pesquisadores das áreas de psiquiatria, psicologia e saúde coletiva. De forma geral, se observam mudanças na forma de se lidar com os indivíduos que se envolvem em episódios de suicídio. A posição atual se coloca muito mais compreensiva e vigilante do que julgadora em relação aos atos do indivíduo.

Atos de auto-agressão vêm sendo pensados como comportamentos, características e não como fatos isolados ou episódios desprovidos de ligações com outras áreas da vida do sujeito. Segundo especialistas no tema: “Podemos nos referir a comportamento suicida como todo ato pelo qual um indivíduo causa lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau de intenção letal e de conhecimento do verdadeiro motivo desse ato.” (Botega et al., 2006, p. 431). Assim, “comportamento suicida” tem uma definição abrangente que necessariamente envolve a história do sujeito e não somente centra as atenções em um ato específico, o momento da tentativa de suicídio. Pensamentos, ameaças, gestos, tentativas e, finalmente, o suicídio, estão englobados nesta definição (idem).

Nos estudos psiquiátricos atuais, a noção sobre a presença obrigatória de uma doença mental em envolvidos em atos suicidas é ainda um ponto parcialmente esclarecido e que desperta controvérsias, havendo resultados discrepantes conforme o tipo de método usado para identificar tais transtornos.

Nas tentativas de suicídio, as pesquisas se dirigem diretamente aos próprios praticantes destes atos, em geral aplicando instrumentos de pesquisa padronizados e acompanhando os sujeitos por certo período. Nos casos de suicídios consumados, estas investigações lançam mão de informações colhidas de fontes secundárias, tais como pessoas relacionadas ao falecido e de eventuais registros médicos do mesmo, o que se chama de “autópsia psicológica”. Vários pesquisadores da área acreditam que em cerca de 90% dos casos de suicídio seria possível chegar a algum diagnóstico formal de transtorno mental que seria diretamente relacionado ao auto-extermínio (Ernst et al, 2004).

Entretanto, autores mais críticos ressaltam as muitas limitações dos métodos de diagnóstico *post-mortem*, já que os informantes estão influenciados pela perda recente. Observam ainda a importância de estudar e compreender os variados significados pessoais e coletivos (religiosos, filosóficos, psicológicos, etc.) da morte e do suicídio; em vários casos, indica-se que o suicídio poderia ter sido uma escolha racional e consciente do sujeito em plenas condições de se auto-determinar (Mello, 2000).

Alguns fatores de maior risco para o suicídio estão identificados, entre eles, tentativas prévias de suicídio, história familiar de suicídio e presença de transtornos psiquiátricos (Ernst et al, 2004). Dentre estes transtornos, principalmente quadros de depressão grave, uso de álcool e drogas, psicoses com delírios (como a esquizofrenia) e transtornos de personalidade podem se associar mais comumente ao suicídio (Mello, 2000). Além das doenças psiquiátricas, tem sido observada a associação entre atos suicidas e doenças físicas incapacitantes, dolorosas e terminais (Botega, 2006).

Outros fatores de ordem psicossocial associados a atos suicidas são situações próximas de perdas afetivas, abortos recentes e gravidez indesejada, sobretudo na adolescência (Botega, 2006). De forma geral, situações de exposição a diversos tipos de violência vem sendo relacionadas a maior risco de atos suicidas e de outros agravos à saúde (Minayo, 1994).

Suicídio e cultura

Um campo de estudos promissor nos estudos sobre o suicídio é o da chamada psiquiatria transcultural, que articula conceitos e instrumentais de pesquisa da antropologia, da sociologia e da psiquiatria, e cujas pesquisas se desenvolvem sobretudo no hemisfério Norte, sendo ainda incipientes no Brasil.

Estes estudos têm se ocupado das relações entre internalização da cultura e suicídio ou entre gênero, cultura e suicídio, do suicídio em certos subgrupos culturais ou étnicos, etc. Exemplos são os estudos sobre o fenômeno

das altas taxas de suicídio das mulheres na área rural da República Popular da China, que parecem ser correlacionados ao sistema de crenças local, à posição da mulher na sociedade, às suas adversas condições de vida, à submissão a situações de extrema violência, etc. (Shiang et al, 1998).

No Brasil, um tema relevante para pesquisa é a elevada taxa de suicídios em certos grupos indígenas. Embora as estatísticas nem sempre sejam confiáveis e requeiram interpretação cuidadosa, por se tratar de eventos ocorridos em pequenas populações, vem sendo relatados índices de suicídios expressivos entre os Ticuna, do Alto Solimões, entre os Guarani do Mato Grosso do Sul e entre o grupo Sorowahá, do Amazonas (Oliveira et al, 2003). O aparente caráter seqüencial dos eventos e a ocorrência sobretudo em jovens certamente exigem uma cuidadosa abordagem antropológica e epidemiológica

Epidemiologia do suicídio

De forma geral, do ponto de vista das características sócio-demográficas, os suicídios tendem a ser mais freqüentes entre os homens, concentrando-se nas faixas etárias de 14 a 40 anos e acima de 65 anos, sendo mais comum nas áreas urbanas, entre indivíduos separados ou divorciados e solteiros, desempregados e aposentados, e em situações de isolamento ou abandono social (Botega, 2006).

Os dados oficiais sobre suicídio no Brasil expressam números modestos, em comparação com outros países. Segundo a Organização das Nações Unidas, para o ano de 1992, no Brasil, 3,5 indivíduos por 100.000 habitantes se matam, na Finlândia, o índice é de 24,3, na Hungria, 32,9, e na Lituânia, país com maior número de suicídios por 100.000 habitantes, o índice é de 41,9. Os dados atuais para o país apontam o enforcamento como método mais utilizado para o suicídio, para ambos os sexos, seguido de arma de fogo e envenenamento. Para as tentativas, o método mais utilizado é a ingestão de medicamentos, seguido da ingestão de venenos e cortes e perfurações (Botega et al., 2006).

Com relação ao município de Campinas, Letícia Marin-Léon e Marilisa Barros (2003) deram aos dados sobre mortes por suicídio (1976-2001) um cuidadoso tratamento analítico estatístico, tendo encontrado um coeficiente de mortalidade de menos de 5 casos por 100.000 habitantes. O estudo indicou uma maior mortalidade masculina, na razão de 2,7 de suicídios masculinos para cada suicídio feminino. Entre os homens, os meios mais utilizados foram o enforcamento (36,4%) e as armas de fogo (31,8%). Entre as mulheres predominou o envenenamento (24,2%), seguido pelas armas de fogo e enforcamento (21,2% cada).

As pesquisadoras concluem que o coeficiente de mortalidade por suicídio em Campinas é baixo, de acordo com os parâmetros internacionais, e similar ao brasileiro. Os registros oscilaram no período pesquisado, com aumentos e declínios sucessivos, sem tendência contínua de crescimento ou de redução. Uma importante observação de seu estudo é que, diferentemente dos homicídios, os suicídios não apresentaram aumento progressivo das taxas de acordo com a diminuição do nível socioeconômico dos envolvidos (Marin-Léon e Barros, 2003).

É importante observar que, no início do século XXI, há ainda muitos problemas com os números das estatísticas de suicídio, apesar dos avanços no controle do Estado sobre os registros populacionais, que era muito rudimentar no fim do século XIX, período aqui estudado. Estima-se que os registros oficiais de óbitos por suicídio podem ser até três vezes menores do que os realmente ocorridos, segundo Marin-Léon e Barros (2003). Tal subnotificação pode ser atribuída a fatores como preconceito da família, que omite o fato, e à inclusão errônea de casos de suicídios nas estatísticas de mortes violentas, acidentais e mal-definidas.

Concluindo, todas estas observações sobre os estudos atuais sobre o suicídio indicam que ele continua sendo hoje um tema complexo, dos pontos de vista da saúde, epidemiológico ou sócio-antropológico.

O suicídio de escravos na historiografia brasileira

O banzo

O primeiro texto em língua portuguesa a dedicar-se especialmente à saúde dos escravos³ (Capela, 1977) parece ter sido a *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e o Brasil* (1793), de Luiz Antonio de Oliveira Mendes, que a apresentou à Real Academia de Ciências de Lisboa.

Ali o autor, nascido na Bahia, formado em leis por Coimbra e possuidor de conhecimentos de medicina, trata detalhadamente dos transtornos que poderiam acometer a saúde os negros capturados como escravos, desde a África, na sua travessia atlântica, na chegada aos portos brasileiros e em sua nova vida no país, bem como os meios de saná-los e preveni-los. A obra é muito rica em descrições de doenças dos escravos, como o mal de Luanda, o mal do bicho, febres, bexigas, etc. No capítulo V, Mendes considera:

Uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o banzo. O banzo é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; a ingratidão, e a aleivozia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza, com que o tratam; o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo, que pode melancolizar. É uma paixão da alma, a que se entregam, que só é extinta com a morte: por isso disse, que os pretos africanos eram extremosos, fiéis, resolutos, constantíssimos, e susceptíveis no último extremo do amor, e do ódio (...)

³ Capela, J. Prefácio. In: Mendes, Luiz Antonio de Oliveira. *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e o Brasil*, apresentada à Real Academia de Ciências de Lisboa, 1793. Porto, Publicações Escorpião, 1977, p. 7-18.

Este mesmo banzo por vezes observei no Brasil, que matara a muitos escravos; porém sempre por efeitos do ressentimento do rigor, com que os tratavam os seus senhores (Mendes, 1977 [1793], p.61-62).

Quando aconselha os “meios de acautelar, e remediar as enfermidades”, Mendes observa:

O Banzo é outra gravíssima enfermidade, que surda, e insensivelmente abrasando, e consumindo a escravatura, a vai fielmente a entregar à morte. O meio mais pronto, e o mais natural, que quanto a mim pode haver para se exterminar esta moléstia de tão péssimas conseqüências, pois que seu curativo não pode achar socorros ainda na melhor Medicina, deve ser o excogitar-se tudo quanto possível seja para desterrar-se da infeliz escravatura aquela justa paixão, a que se entrega, na cogitação de que vive combatida dos maiores males.

Em a dissuasão deste justo sentimento deve ter o primeiro lugar um trato, que seja capaz de a desimaginar, de que ela não vive, e que não fora trazida para uma positiva desgraça, na qual se acha sepultada; deve ter o segundo lugar, comportarem-se os seus senhores para com ela de um modo benigno, e afável, indicando-lhe que se acham bem servido, inspirando na escravatura os sentimentos, de que tem eles por acerto, e por fortuna a uns bons escravos, para na recompensa nascerem os outros correlativos sentimentos nos escravos; deve ter o terceiro lugar, o moderarem-se os castigos; deve ter o quarto lugar, a permissão de ela se divertir, e folgar a seu modo, e ainda com a convocação de seus compatriotas, e semelhantes; para lhe influir um justo prazer, e a necessária alegria, o que só é capaz de fazer desterrar o Banzo, e as cogitações fúnebres, a que com facilidade se entregam (Mendes, 1977 [1793], p.85-86).

Vale destacar que a descrição do *banzo* feita por Mendes⁴ parece ter se tornado clássica, influenciando autores que o sucederam na descrição dos sofrimentos dos africanos escravizados. Embora nem sempre haja citação direta desta fonte, ecos da descrição de Mendes podem ser encontrados nos textos dos estrangeiros que viajaram ou viveram no Brasil no século XIX e, em consequência, nos estudos históricos subsequentes (Oda e Oliveira, 2007).

Esta influência estendeu-se ainda a representações pictóricas de caráter antiescravista, conforme demonstrou Robert Slenes (2002) ao analisar as litografias do artista bávaro J. M. Rugendas, publicadas entre 1827 e 1835. Como observa Slenes, com tais imagens Rugendas intencionava iluminar certos aspectos “positivos” do caráter dos negros, com claros objetivos políticos, isto é, demonstrar a capacidade dos africanos para o altruísmo, o amor eterno e outros elevados sentimentos morais, caros ao ideário ocidental cristão. Neste sentido, na obra “Negros novos”, o artista estaria aludindo à descrição de Mendes de um caso de separação familiar, em que a esposa vendida como escrava pelo próprio marido entra em estado de profunda tristeza e deixa-se morrer de banzo (Oda, 2007).

André João Antonil reconhece que os africanos trazidos ao Brasil como escravos eram seres diversos em suas capacidades de arranjar meios de melhor “passar a vida” sob condições extremamente desfavoráveis. E, ainda diz ele, mesmo não sendo donos de si, os cativos mostravam suas vontades e criavam laços afetivos.

“Uns chegam ao Brasil muito rudes, e muito fechados, e assim continuam por toda a vida. Outros em poucos anos saem ladinos, e espertos, assim para aprenderem a doutrina cristã, como para buscarem modo de passar a vida [...]. Os que desde novatos se meteram em alguma fazenda, não é bem que

⁴ Excertos da ‘Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d’África e o Brasil’, de Luis Antonio de Oliveira Mendes, com destaque para a descrição do ‘banzo’, foram republicados na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 10, n.2, pp. 362-376. 2007.

se tirem dela contra sua vontade, porque facilmente se amofinam, e morrem” (Antonil, 1997 [1711], p.23).

Von Martius faz uma comparação entre o banzo do negro e do índio, citando que em ambos a melancolia reina como causa da morte. Cita que os negros parecem sentir mais do que os índios os sentimentos dolorosos, morrendo depois de muitos meses. Os índios pouco exteriorizam o que sentem, salvando-se quando retornam à liberdade das matas. Trabalham como autômatos, sempre com a idéia de fugir. O negro experimenta a exaltação de suas emoções, consumindo-se em tristeza, lembrando do passado, revivificado a cada momento por sua imaginação. Martius demonstra algumas imagens correntes dos índios brasileiros, de que os primeiros seriam mais resistentes, já que morreriam com mais dificuldade do que os índios. Os negros seriam ainda emotivos, passionais, ao passo que os índios seriam frios e distantes. Os índios ainda seriam dominados por influências psíquicas, sujeitos a comportamentos fixos e determinados.

Dois autores médicos, citados por Ana Oda em sua tese de doutorado, teceram algumas hipóteses sobre o banzo. O primeiro, o parasitólogo Pirajá da Silva, na década de 1940, coloca que o banzo, em muitos casos, seria a manifestação da chamada *doença do sono*, endêmica na África. Transmitida por uma mosca não existente no Brasil, a doença não teria se propagado no país. Contemporaneamente, Álvaro Rubim de Pinho, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e etnopsiquiatra, escreve sobre o banzo e também sobre outras formas de melancolia, a *malinconia*, o *tangolomango*.

A Malincolia se caracterizaria por estados de tristeza epidêmicos, observados já pelos jesuítas, que os tratavam através de métodos de persuasão. O Tangolomango se difere da forma de melancolia anterior por ser um mal súbito que levaria ao definhamento.

Rubim de Pinho realizou entrevistas com negros idosos da Bahia, que tiveram contato em sua juventude com negros ex-escravos. Recolhendo informações dos escravos, o autor cita a descrição da chegada dos negros da Bahia:

havia alguns que estavam caquéticos, próximos da morte, mas outros que se reanimavam apenas passados poucos dias ao contato da luz do sol e com outra alimentação, mesmo que continuada a situação de escravidão e mesmo que continuada a distância em relação à terra natal (Rubim de Pinho, 2003, p.61).

Como médico, Rubim de Pinho dá sua explicação sobre os estados de melancolia dos negros, associando fatores psicológicos, depressão e anorexia, a fatores biológicos, oriundos de uma carência alimentar geral, e ainda de possíveis doenças parasitárias. Uma explicação que para os olhos do momento histórico atual, se mostra plausível.

Viajantes e moradores estrangeiros

Uma importante fonte para o estudo do suicídio entre os escravos, e genericamente, sobre aspectos do Brasil do século XIX, são os relatos dos visitantes estrangeiros. Eles que vinham ao Brasil com objetivos variados, desde expedições científicas, missões diplomáticas, até a passeio ou restabelecimento da saúde. Muitos acabaram produzindo considerações sobre os locais que visitavam, através de registros escritos ou iconográficos.

Sobretudo a partir dos relatos destes viajantes ou moradores temporários, inicia-se a tradição que diz ter sido alta a frequência dos suicídios entre os cativos, sempre relacionados pelos narradores a reações nostálgicas decorrentes da perda da liberdade e dos vínculos com a terra e grupo social de origem e ainda aos castigos excessivos impostos pelos senhores. Citando somente alguns autores, referências ao banzo e aos suicídios entre escravos (sua frequência, métodos usados, motivações, etc.) podem ser encontradas nas obras de Carl F. von Martius, Henry Koster , Joseph-François Sigaud,

Jean-Baptiste Debret⁵ , Thomas Ewbank, Robert Walsh, F. Dabadie, Rugendas, Freireyss⁶.

A historiografia brasileira vem dialogando com estes autores no que se refere aos suicídios de escravo e esta pode ser uma interlocução fecunda, desde que observados alguns cuidados. Na leitura destas obras, é relevante que não sejam negligenciados aspectos específicos dos contextos históricos em que viveram estes autores, em especial as dimensões políticas e científicas dos seus relatos de viagem.

Assinale-se ainda a necessidade de considerar que estes relatos fornecem as percepções e crenças de homens brancos (europeus ou norte-americanos) sobre o comportamento, a moralidade e a mentalidade de raças ditas primitivas, em sua relação com o clima e a (in)salubridade dos trópicos, as condições da vida escrava e as doenças (físicas ou mentais).

Henry Koster, inglês que vem para o Brasil em busca de melhores ares para tratar de seus pulmões, adquire terras em Pernambuco e se torna senhor de engenho, em 1809, falecendo no Brasil em 1819 ou 1820 (Câmara Cascudo, p.11-24, apud Koster, 1978). Ele escreve que os negros nascidos no Brasil, denominados de negros crioulos, são uma versão melhorada de seus ancestrais, em suas palavras, o ramo da árvore africana que fora “transplantada, cultivada e melhorada em sua mudança para o novo mundo” (Koster, 1978, p.380 apud Oda, 2003, p.402).

⁵Martius, Carl Friedrich Philipp von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Tradução de Pirajá da Silva. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939, p. 29-33. [*Das Naturell, die Krankheiten, das Arztthum und die Heilmittel der Ueberwohner Brasiliens, 1844*]. Koster, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. Tradução e prefácio de Luis da Câmara Cascudo. 2ª. ed. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 372-433. [*Travels in Brazil, 1816*] Sigaud, Joseph-François Xavier. *Du climat et des maladies du Brésil*. Paris, Fortin, Mason et C., 1844, p. 126-142. Todas as traduções deste autor para o português foram feitas por Ana Maria Oda.

Debret, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo, Livraria Martins, 1940, vol 2, p. 186. [*Voyage pittoresque et historique au Brésil, 1834-39*]

⁶ Os últimos citados por Karasch, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1805-1850)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 415-420.

Descreve os negros, de maneira generalizada, como “homens elegantes, ousados e bravos, obedientes aos brancos” (Koster, 1978, p.381 apud Oda, 2003, p.113). De maneira particularizada, Koster descreve algumas etnias de negros que vieram para o Brasil, especificando características físicas e qualidades de caráter. Para os negros denominados gabões, o autor dita que eram a mais selvagem das nações, inclusive se supunha que eles seriam antropófagos, além de “muito sujeitos ao desânimo e ao suicídio subsequente” (Koster, 1978, p.398 apud Oda, 2003, p.114).

Uma passagem da obra do autor demonstra a tendência ao suicídio deste grupo específico:

“Sucedem que há exemplo de dez ou vinte desses negros, adquiridos juntos, em pouco tempo todos morreram de desgosto, ou puderam encontrar um fim para suas vidas, de maneira mais sumária” (Koster, 1978, p.398 apud Oda, 2003, p.114).

Mesmo sendo considerados muito selvagens, em alguns momentos poderiam ser bem espertos, como observado por Koster, na ocasião em que, com intencionalidade, recusavam-se a aprender a língua e as tarefas a eles designadas.

O médico francês Joseph-François Xavier Sigaud, radicado no Rio de Janeiro de 1825 a 1856, na obra *Du climat e des maladies du Brésil* (Clima e doenças do Brasil)⁷, ao falar do banzo cita textualmente a já referida

⁷ As referências ao suicídio e ao banzo no livro de Sigaud aqui utilizadas baseiam-se em trabalho de pesquisa de Ana Maria Galdini Raimundo Oda, ainda em curso, no âmbito do projeto “Dos desgostos provenientes do cativeiro: uma história da psicopatologia dos escravos brasileiros no século XIX” (FAPESP, Auxílio Jovem Pesquisador, processo 04/00442-4) (Oda, 2006).

O importante livro de Sigaud não foi traduzido para o português, até o momento. Ali, o autor discute, a partir da perspectiva da climatologia médica, as relações entre climas, raças e doenças, havendo passagens do livro dedicadas às moléstias dos escravos. Além do banzo e do suicídio, ele menciona certas doenças relacionadas ao tráfico transatlântico, como o escorbuto e a disenteria, e relata as doenças consideradas mais comuns, como a “caquexia africana” (que relaciona à ingestão de terra), o “maculo” (gangrena retal), a sífilis, a tuberculose, a cegueira, etc. Para análise sobre a variada atuação de Sigaud, ver Ferreira, Luis Otávio. José Francisco Xavier Sigaud: um personagem esquecido, uma obra reveladora. *História, ciências, saúde – Mangueiras*, vol. 5, n. 1, p. 125-26, 1999.

obra de Mendes (Sigaud, 1844, p.142 apud Oda, 2006) definindo como tal um tipo de morte lenta deliberadamente buscada através da recusa da alimentação, e relacionada a uma causa moral, por exemplo, os ciúmes, os castigos injustos e a nostalgia.

Sigaud invoca sua experiência pessoal, como clínico, ao referir às motivações a aos meios mais comuns de suicídio praticados pelos escravos. Diz que o suicídio era mais comum entre negros das raças Mina e Congo; entre os primeiros, seria “obra de forte resolução” e entre os segundos o resultado “de um completo desarranjo das faculdades mentais caracterizado por uma mania aguda” (Sigaud, 1844, p.128-129 apud Oda, 2006).

Para evitar a “tendência a idéias funestas, muito comum entre estes infelizes” o médico refere que os jesuítas haviam recorrido à música, no que foram seguidos pelos donos de engenhos de cana, e por proprietários em locais onde se encontravam muitos escravos. Para o médico, a música e o estímulo às práticas da religião católica deveriam combater este mal (Sigaud, 1844, p.142 apud Oda, 2006).

Sigaud indica ainda os meios mais comuns usados pelos escravos, em especial entre os citados Minas e Congos, sendo o enforcamento o método preferido, mais do que o uso de armas de fogo e a ingestão de venenos. Ele observa que, a despeito da reputação de conhecedores de ervas venenosas, os escravos quando queriam se matar preferiam usar venenos potentes vendidos nos mercados de produtos agrícolas para matar ratos, formigas ou cupins, como o arsênico, o vitríolo ou o sublimado corrosivo. O médico já testemunhara, entretanto, um caso de suicídio por mastigação e ingestão de folhas de tabaco. Diz ainda ele que os mesmos venenos usados em suicídios poderiam ser usados pelos escravos para homicídios por vingança. As negras velhas, “espécie de feiticeiras” segundo ele, eram quem conheceriam e orientariam o uso de plantas narcóticas, às vezes usadas para envenenar vagarosamente seus senhores, ou na expressão citada como sendo dos escravos, para os abrandar ou amansar (Sigaud, 1844, p.140, apud Oda, 2006).

O autor refere ainda um meio de suicídio muito particular, a morte por auto-sufocação. Este curioso método consistiria em engolir a própria língua para deixar de respirar; quanto a isto, Sigaud adverte os céticos que, apesar de alguns fisiologistas discordarem que existisse esta possibilidade de provocar a própria morte, ele próprio já vira três casos entre negros Mina (Sigaud, 1844, p.141, apud Oda, 2006).

Mary Karasch (2001) realiza uma extensa relação dos viajantes que se ocuparam, em suas observações, do suicídio de escravos. A seguir um resumo dos viajantes citados pela autora.

Rugendas cita que, para o escravo cujo senhor recusasse a compra de sua liberdade, este tentaria a fuga, caso fracassasse, cometeria suicídio. Walsh menciona que diariamente a enseada carioca estava sempre cheia de cadáveres de negros. É importante mencionar que a polícia não contabilizava estes casos de afogamentos como suicídio, a não ser que existissem testemunhas (Karasch, 2001, p.416).

O norte-americano Thomas Ewbank, que no ano de 1846 permaneceu sete meses no Rio de Janeiro, cita que o suicídio de escravos era fato constante, e representavam grande número, em comparação aos ocorridos com os livres. Além de relatar alguns casos de suicídios, Ewbank transcreve o diálogo que teve com um amigo seu, ao observar uma velha escrava carregando um barril de água na cabeça, preso a um colar de ferro que a mesma escrava tinha ao pescoço:

“É causa de admiração que grande parte de vossos escravos se emancipem pela morte em vez de preferir suportar uma vida nestas condições?” “Tratá-los desta maneira”, respondeu um amigo meu, “ou aplicar-lhes máscaras é proibido, mas as leis que os protegem são desrespeitadas” (Ewbank, 1976, p.12).

Ainda segundo Ewbank, o número total de casos não poderá ser conhecido, pois não recebiam reconhecimento por parte das autoridades. Em outro momento, autor cita que o número de suicídio é muito grande, sendo que nem a metade dos casos são enumerados. Outro ponto apontado é de que a maioria dos suicídios ocorre por afogamento (Karasch, 2001, p.415) (Ewbank, 1976, p.212).

O médico e capelão da colônia britânica no rio de Janeiro, Robert Walsh chegou ao Brasil em outubro de 1828, aos 56 anos, zarpando em 4 de maio de 1829. Escreve o livro *Notícias do Brasil: 1828-1829*, onde relata fatos importantes e também corriqueiros de sua estadia no Brasil.

Walsh cita que o povo (os donos de escravos) era atormentado pelas doenças indefinidas, atribuídas aos venenos administrados por seus escravos. Os venenos seriam minerais e plantas, e outros mais secretos, que não produziram efeito imediato. Debilitavam gradualmente o organismo, causando morte lenta, mas certa. Cita um exemplo de veneno, o cabelo cortado em pequenos pedaços e adicionado à comida (Walsh, 1985, p.175).

Outros viajantes citam casos de suicídio onde se podem observar outros motivos, como a já citada volta à África. D'Assier cita o caso de um velho africano que fizera um pacto de morte com seus companheiros, quando havia chegado ao Brasil, mas somente um teve coragem de se matar, tendo sua cabeça decapitada pelo feitor. Assim o espírito, sem cabeça, não conseguiria retornar à terra natal. (Karasch, 2001, p.418) Shillibeer conta o caso de um escravo que não conseguia ganhar o suficiente para seu senhor e por este motivo se matou com uma navalha (idem, p.420) Dabadie cita o caso de um escravo tenaz em seu objetivo de se matar e não ser escravo. Após três tentativas de suicídio, a administração da Santa Casa, onde estava se recuperando da última tentativa, interveio e comprou sua liberdade (idem, p.420) Walsh conta o caso de uma escrava que foi salva de uma tentativa de se matar por afogamento, pois preferia morrer a ser devolvida a seu senhor, que sempre a agredia. (idem, p.417)

Freireyss, estrangeiro que escreveu sobre sua viagem ao Brasil entre 1814-1815, enfatizou a importância da nostalgia como causa de suicídio entre os negros, chegando a afirmar que aproximadamente uma terça parte das mortes dos negros a bordo dos navios teria como causa o amor pela terra natal. (Karasch, 2001, p.417).

Sobre a relação entre o desejo de morte e a ingestão de terra como meio de suicídio, encontramos relatos em vários viajantes.

Carl F. von Martius, que chegou ao Brasil como membro da comitiva da grã-duquesa austríaca Leopoldina, vinda para se casar com Dom Pedro I permaneceu no Brasil no período entre 1817 e 1820. Martius descreve o hábito de comer terra como associado, no caso dos índios, a uma nostalgia, quando obrigados a viver como trabalhadores, “um modo de vida que a eles estranho e desagradável”. Para os negros e mestiços, este vício podia também ocorrer, e nem mesmo o castigo pode libertá-los do “vício geofágico” (Martius, 1939, p.110-112 apud Oda, 2003, p.401-402)

Henry Koster cita também a ação de comer terra, mas observa que esta ação é considerada um hábito, e não um vício. A contínua vigilância e castigos revertem o quadro, quando o escravo não está resolvido a morrer. Para estes, o consumo de grandes quantidades de areia e barro é, segundo o autor, uma das maneiras de se matar. Considerado um hábito, não uma doença, Koster nota que o escravo adulto é muito mais predisposto. (Koster, 1978, p.399 apud Oda, 2003, p.402)

Jean-Baptiste Debret, pintor e desenhista francês, esteve em território brasileiro entre 1816 e 1831, fazendo parte de uma missão de artistas franceses solicitada por Dom João VI. Em uma de suas pinturas, Debret retrata a máscara de metal utilizada para evitar que o escravo comesse terra. A ocorrência deste hábito, tratado como vício pelos senhores de escravos, se dá, segundo o autor, entre as nações apaixonadas pela liberdade. Um aspecto interessante apontado por ele é de que os senhores, na ocasião da compra de um escravo, faziam

exame da cor da pálpebra inferior de seu olho, buscando o sintoma deste hábito entre os escravos, que é a presença de uma brancura lívida. (Debret, 2001, p.88-89 apud Oda, 2003, p.405-406.)

Sigaud, em seu tratado sobre o clima e as doenças do Brasil, cita de início o naturalista explorador das Américas, Humboldt: “Em todas as regiões da zona tórrida os homens têm um desejo espantoso e quase irresistível de comer terra”. Segue ele dizendo de sua experiência no país, pois havia verificado que ocorria em um grande número de nações indígenas e nos negros vindos da África, este gosto por comer terra, que os negros trariam de seu país natal. Sigaud adverte que “entre estas duas classes de indivíduos, a ingestão de terra determina acidentes produzindo [...] uma verdadeira caquexia que mata em pouco tempo” (Sigaud, 1844, p.120, apud Oda, 2006).

A caquexia africana tem por causa, em muitos casos, a alimentação viciosa do gesso e da terra que os negros comem com uma incrível avidez, sobretudo as crianças pequenas. A máscara de ferro que se coloca sobre o rosto destes infelizes é o único meio de cura, deve-se perseverar em seu emprego para não correr o risco de recidiva (Sigaud, 1844, p.132, apud Oda, 2006).

Schlichthorst é mais um dos viajantes que aponta o suicídio dos escravos através do hábito de comer terra. Algumas nações seriam mais sujeitas a este tipo de morte, como os monjolos (Karasch, 2001, p.416). Walsh também cita esta maneira de se matar, mas, fazendo uma ressalva, diz que este hábito seria o efeito, e não a causa de uma doença, “surgida devido ao estado doentio do estômago, que se assemelha a uma afecção que na Europa acompanha a verminose nas crianças” (Walsh, 1985, p.175) Ele indica o fato de que esta explicação para a tendência de se comer terra fosse uma suposição comum, compartilhada por mais pessoas.

Em síntese, observa-se que, em certos relatos da primeira metade do século XIX, a ingestão de terra é considerada uma ação deliberada e firme em direção à morte, um método de suicídio; em outros, um vício incurável que

acarreta danos à saúde, como a hidropisia e a anemia, podendo levar a um estado de grande prostração e até à morte (Oda, 2003).

Sobre a relação feita pelos estrangeiros entre suicídio e a ingestão de terra, a historiadora Mary Karasch, em ampla pesquisa sobre a vida dos escravos no Rio de Janeiro, pensa que não seja possível estabelecer claramente qual era ligação entre os dois atos, para que eles fossem associados. Lembra que a geofagia poderia ser um sintoma de desnutrição grave, e faz a hipótese de que os suicidas pudessem comer terra para “matar a dor da fome enquanto definhavam até a morte”, especialmente os africanos (Karasch, 2001, p.417).

Medicina e escravidão

Os cronistas estrangeiros são também importantes fontes de informação sobre as condições de vida e as doenças dos escravos. Como observa a historiadora Ângela Porto, eles deixaram observações associando a grande incidência de doenças entre os cativos à má alimentação e aos maus-tratos, bem como assinalaram a existência de terapêuticas africanas conservadas no Brasil. Esta autora lembra que as relações dos escravos com a saúde estavam associadas a uma lógica de explicação da doença diversa daquela corrente entre os médicos e letrados brasileiros, sendo que o estudo do legado do negro à prática médica ainda está por fazer (Porto, 2006). Analisando a raridade de estudos aprofundados sobre a saúde do escravo na historiografia brasileira, ela observa que os tratados recentes sobre a escravidão no Brasil passam ao largo dessa questão.

Recorda ainda que uma influente obra sobre as relações entre medicina e sociedade, publicada na década de 1970, o livro *Danação da norma* (Machado et al., 1978), de certa forma disseminou a idéia de que para a medicina da época o escravo seria uma reflexão secundária. Eles apontaram que, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apenas três teses sobre essa temática foram defendidas (Duarte, 1849; Jardim, 1847; Santos, 1851) e que o tema estaria

praticamente ausente nas publicações da Academia Imperial de Medicina. Disso se concluiu que, como regra geral, a medicina e os proprietários pouco se importavam com os cuidados à saúde dos cativos. Porém, Ângela Porto adverte que estudos recentes têm alterado esta visão, indicando que o tratamento dispensado aos escravos variava conforme a situação, dependendo das relações estabelecidas com os proprietários e com o grau de liberdade de ação obtida pelo escravo, por exemplo maior na área urbana que rural (Porto, 2006).

Obras de medicina do século XIX

As informações descritas a seguir, sobre referências ao psicopatológico nas teses de medicina do século XIX, fazem parte de pesquisa ainda em andamento (Oda, 2006).

Estas teses eram escritas pelos concluintes do curso de graduação em medicina, para obtenção do diploma de doutor. Eram trabalhos de conclusão de curso, cujos “pontos” eram previamente selecionados pela Faculdade. Apenas três teses de medicina tratam exclusivamente da “higiene” dos escravos. A estas se acrescenta uma quarta tese que tem a seção de proposições sobre a alimentação das “classes pobres” e dos escravos. As teses são da Faculdade do Rio de Janeiro e foram publicadas em 1847, 1851 e 1853. São elas:

Algumas considerações sobre a higiene dos escravos, de Davi Gomes Jardim, *Ensaio sobre a higiene da escravatura no Brasil*, de José Rodrigues de Lima Duarte, *Algumas observações sobre estadística sanitária dos escravos em fazendas de café* de Reinhold Teuscher e *Do regimen das classes pobres e dos escravos, na cidade do Rio de Janeiro em seus alimentos, e bebidas. Qual a influencia deste regimen sobre a saude?*, de Antonio José de Santos.

A tese de José Rodrigues de Lima Duarte não foi localizada nos arquivos consultados.

Na sua tese, David Gomes Jardim (1847) disserta sobre as doenças dos cativos, considerando quais seriam as causas mais comuns de suas enfermidades e que tratamento deveriam receber os enfermos. Em sua breve dissertação, descreve o regime alimentar, o vestuário, as condições de trabalho, de sono, de habitação e suas relações com as moléstias mais comuns entre os negros, como a opilação e a tísica, os tétanos, as oftalmias. Não menciona alienação mental, loucura, melancolia ou banzo. Apenas destaca que, dentre as causas das doenças dos negros está “a triste consideração de seu penoso estado” (Jardim, 1847, p.1). O autor destaca o abuso de álcool, comum entre os negros: “Os negros têm uma tendência mui pronunciada para as bebidas alcoólicas; não há obstáculos que se lhes antepõem, e os privam de se entregarem a este vício” (Jardim, 1847, p.8).

Também Antonio José dos Santos (1851, p.31), nas 14 proposições que faz sobre a alimentação das classes pobres e dos escravos, refere que o abuso de bebidas alcoólicas é muito comum entre os escravos, assim como entre as classes pobres em geral, e a isso atribui muitas de suas doenças.

O médico alemão Reinhold Teuscher (1853), formado na Universidade de Iena, em seu breve ensaio (13 páginas) apresentado para obter autorização para exercer a medicina no Brasil, faz um apanhado das doenças que viu nas fazendas em que trabalhou como médico, durante os cinco anos anteriores à publicação, tendo atendido cerca de 900 escravos, distribuídos em cinco fazendas próximas à vila de Cantagalo, Rio de Janeiro (Teuscher, 1853, p.5).

Um breve comentário que aqui se faz pertinente, é a existência de um médico das fazendas, categoria esta presente em poucos relatos na historiografia brasileira. Um plantel numeroso de escravos realmente necessitaria da presença constante de médicos, que pudessem prestar auxílio aos indivíduos nas mais variadas ocorrências. Assim as perdas de escravos seriam menores, o que justificaria a presença e o gasto permanentes com médicos.

Embora muito breve, a dissertação de Teuscher fornece dados importantes sobre a assistência médica dada a escravos em fazendas, mencionando um sistema organizado de assistência aos escravos de determinado dono. Ele conta atender em cinco fazendas do mesmo proprietário, de nomes Santa Rita, Boa Sorte, Boa Vista, Arêas e Itaoca. Diz que:

Apenas as fazendas de Santa Rita e Arêas têm hospitais regulares, com enfermeiro branco, e fornecidos de todos os recursos necessários; das outras fazendas são os doentes mais graves enviados para estes hospitais; as moléstias mais graves tratam-se em casa; só Itaoca manda todos os seus doentes para o Hospital de Árêas (p.6).

O médico dá o numero de homens, mulheres e crianças escravos nas fazendas, e as estimativas de natalidade e mortalidade, bem como as doenças mais comuns, tais como a opilação nos adultos e a diarreia nas crianças. Mas não menciona alienação mental, melancolia ou banzo.

Loucura e suicídio de escravos nas teses de medicina

Entre as teses das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, não foi encontrada nenhuma cujo tema ou foco principal fosse o suicídio de escravos, ou mesmo algum tema relacionado com a sua psicopatologia. Entretanto, referências ao que se poderia chamar de psicopatológico em sentido amplo, sejam relatos de enfermidades mentais, ou considerações sobre as maneiras de sentir e reagir, as relações afetivas e as características morais dos negros surgem dispersas em várias teses, que tratam dos mais variados assuntos (Oda, 2006).

A primeira tese a tratar da especialmente da alienação mental é a de Antonio Luiz da Silva Peixoto, *Considerações gerais sobre a alienação mental*. (Rio de Janeiro, Typ. A. Burgain, 1837). Peixoto faz uma revisão dos clássicos alienistas franceses (Pinel, Esquirol, etc.) e não menciona os escravos. Fala

brevemente do tratamento dos alienados na Santa Casa do Rio de Janeiro. Segundo ele, as enfermarias de alienados (de homens e de mulheres) da Santa Casa eram locais sem “regímen, limpeza, polícia e caridade”, considerando que “calabouço” seria um nome mais apropriado ao lugar. Menciona ainda o uso do *tronco*, originalmente destinado aos escravos da Santa Casa que fossem castigados, para aprisionar alienados muito agitados, mesmo homens livres (Peixoto, 1837, p.28-29; p.40, apud Oda, 2006).

Em sua dissertação sobre o suicídio, Bernardino José Rodrigues Torres (*Dissertação médico-philosófica sobre as causas e sede do suicídio*. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1843) faz uma revisão teórica do suicídio na história, procurando definir suas várias causas. Chama a atenção no texto é a idéia de força vital, uma propriedade existente em todos os seres vivos, que no homem estaria presente “com todo vigor e perfeição” (Torres, p.1), determinando um caráter excepcional de autopreservação. O equilíbrio dessa força vital no organismo é a chave que determina o suicídio, seja pela sua falta ou seu excesso. As causas do suicídio são várias, contando-se a educação, hereditariedade, temperamentos, climas e estações, dores físicas, fanatismo e seitas religiosas e os governos. O autor reconhece assim que o governo aos quais os homens estão submetidos influencia em sua escolha sobre o suicídio, já que em governos mais duros as paixões dos homens não podem se manifestar. Assim, em uma breve passagem, o autor comenta que “Os africanos, entre nós, sujeitos ao mais duro cativeiro, não matam-se muito mais do que os homens livres, cujo número não igualam?” (Torres p.10).

Joaquim Manoel de Macedo, escritor romântico do século XIX, considerado o fundador do romantismo no Brasil, também era médico, e se dedicou em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (apresentada no mesmo ano de lançamento de *A Moreninha*, 1844) a debater sobre o tema da nostalgia.

Diz ele que a nostalgia é associada a uma grande saudade da pátria. Ela acomete os imigrantes que se acham em outros países, longe do lugar que nasceram.

Apesar de frisar a relevância do tema na introdução da obra, Macedo dedica poucas páginas no corpo da tese aos comentários sobre as relações entre escravidão, nostalgia e suicídio, sendo que de início fala da situação dos escravos nas colônias francesas, espanholas e inglesas. Para estes escravos, Macedo estima que a grande quantidade de suicídios fosse devida às saudades de sua terra, às crueldades do senhor, e à crença de que, pela morte, renasceriam em sua pátria. O autor cita uma prática executada pelos “colonos espantados”, com a “vulgaridade” do suicídio entre os escravos, que seria o sepultamento dos suicidas em que uma parte do corpo era deixada de fora, para que os outros “se convencessem pela evidência física de que vãmente contavam ressuscitar nas terras de África” (Macedo, 2004 [1844] p.49).

Mas isto, adverte Macedo, não se aplicava ao Brasil, onde os senhores eram em geral “bons e humanos” e o trabalho menos pesado até do que aquele exigido dos homens livres pobres da Europa. Ele considera que uma parte da “espantosa mortandade que entre nós se observa nos africanos, principalmente nos recém-chegados” (p.50) se devia à nostalgia, e que os suicídios entre os africanos não seriam tantos, mas em números suficiente para merecerem cuidados.

Falando agora do Brasil, Macedo aconselha os agricultores, citando formas de se lidar com os escravos, principalmente os recém-chegados, para que a nostalgia não os contagie:

[...] é um erro, um cálculo de interesse, não tratá-lo [o escravo recém chegado] com docilidade e favor, carregá-lo de trabalhos pesados e exercer sobre ele o mesmo rigor que convém nos antigos escravos [...] em não poucos casos, será fatal aos interesses do senhor e à vida do escravo (Macedo, 2004 [1844] p.51).

A nostalgia (o nome “banzo” não é citado) tem como forma de contágio a imitação, e pode acometer indivíduos que já possuam outras doenças previamente existentes, agravando o quadro. Outra recomendação de Macedo é o não estabelecimento de castigos a escravos novos que se façam pelo isolamento, “porque na solidão o homem naturalmente se deixa levar da melancolia, o que é perigoso neles [nos escravos]” (Macedo, 2004 [1844] p.52).

Finalizando seus conselhos, agora dirigidos aos legisladores brasileiros, Macedo dá especial atenção ao fato de se separarem famílias escravas pela venda de seus componentes a diversos senhores, sendo que “semelhante fato é horrível e escandaloso, despedaça a sensibilidade, ofende a Deus e pode produzir funestos resultados, cuja extensão não é possível medir” (Macedo, 2004 [1844] p.53).

Membro titular da Academia Imperial de Medicina, o médico Nicolau Joaquim Moreira, também possui uma abordagem sobre o suicídio, exposta em seu discurso realizado na data de 30 de junho de 1867. Esse discurso, pronunciado no Paço da Cidade, no Rio de Janeiro, contou com a presença do Imperador do Brasil, cujo título era: “Considerações gerais sobre o suicídio”.

Nicolau Moreira apresenta o suicídio dividido em duas formas: o suicídio refletido, racional, produto das negativas paixões humanas, e o suicídio irracional, “filho da loucura”. O suicídio racional é sempre uma manifestação mórbida, não significando que a reflexão sobre o suicídio se dê por uma pessoa consciente de todos os seus atos. A decisão pelo suicídio sempre é negativa, sempre é produto de um desvio moral. O suicídio “filho da loucura”, para descobrir suas causas, demandaria um estudo profundo sobre a alienação mental, sendo necessário definir o que é a razão e o que é a loucura, “questões imersas pelo turbilhão de idéias que fazem surgir e pelos infrutuosos ensaios de solução até hoje apresentados por todos os psicólogos e médicos alienistas”. (Moreira, 1867, p.9) Moreira não menciona os escravos nesta sua memória.

Outra referência importante sobre a nostalgia é Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, um médico polonês que viveu no Brasil de 1840 a 1855. Ele é o autor de um importante manual de medicina popular, um dos vários escritos naquele período, e que teve muitas reedições, tal o sucesso do *Dicionário de Medicina Popular*. (Guimarães, 2003).

O *Dicionário* do Dr. Chernoviz foi extremamente popular, e sua função era exatamente essa, ser acessível à população em geral. Assim, o manual cumpria suas funções, a saber: “elucidar as atribuições informativas da ciência, [...] aglutinar os leitores contra o charlatanismo, além, é claro, de introduzir as noções de medicina de forma inteligível aos leigos.” (Guimarães, 2003, p.4)

Chernoviz descreve em seu *Dicionário* a nostalgia como “melancolia produzida pela ausência do paiz natal e pelo desejo irresistível e incessante de voltar a elle” (Chernoviz, 1862, p.101) Da mesma forma que Macedo, o autor faz a associação entre a nostalgia e a distância da terra natal. Os comentários sobre a nostalgia não são particularizados para os escravos, que sequer são mencionados, mas colocados de maneira geral, contendo idéias iguais às de Macedo:

A nostalgia apodera-se tanto mais facilmente dos homens recém-sahidos do seio de sua família, quanto mais diferente é do mundo que deixarão do mundo em que se achão postos, e quanto mais submetidos estão a occupaões e deveres e a um trato que fazem grande contraste com a independência e a brandura de sua vida interior (Chernoviz, 1862, p.101).

Chernoviz também cita o aparecimento da nostalgia durante alguma outra moléstia, como sendo uma “complicação mui grave”, aumentando os sintomas e a febre, como também atrapalha o progresso e “perpetua um estado de fraqueza que prestes acaba de uma maneira funesta” (Chernoviz, 1862, p.102).

A nostalgia pode ser curada quando seus primeiros sintomas aparecem, não com “receitas de pharmacia”, mas com uma “medicina mais simples e elevada”. Deve-se, segundo o médico Chernoviz, falar ao doente de

nostalgia sobre o país que ele deixou, sempre elogiando, “entrando em suas idéias”. Assim, esta conversa, que vai interessar ao doente, “poderá enfraquecer e até destruir um sentimento que, deprimido ou combatido, teria adquirido uma força irresistível” (Chernoviz, 1862, p.102). Caso a nostalgia progrida, deve-se dizer ao doente que ele voltará à sua terra. Agindo assim, o autor cita que nostálgicos foram curados pela certeza de poderem ir, quando quisessem, para seu país. Mesmo que esta volta à pátria não seja possível, deve-se continuar a fazer crer ao doente que esta volta é certa. “Uma melhora sensível no seu estado será a consequência certa deste inocente engano, que afinal lhe trará a saúde” (Chernoviz, 1862, p.102).

Na edição consultada (1862), não há menção aos escravos no verbete *nostalgia*, e tampouco existe o verbete *banzo* nesta edição.

Surgido antes do *Dicionário* do doutor Chernoviz, o *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre as enfermidades dos negros* (2 tomos. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1839. [1ª.ed., 1834]) é um dos manuais de medicina popular mais antigos, dentre os destinados ao público brasileiro. Seu autor foi o médico formado pela Faculdade de Montpellier e ex-cirurgião da marinha francesa Jean-Baptiste Alban Imbert, que viveu no Brasil e se tornou membro da Academia Imperial de Medicina.

O *Tratado* inicia com recomendações sobre como escolher um bom escravo, e o Dr. Imbert dá orientações de como selecionar indivíduos desejáveis do ponto vista físico e moral (tomo I, p.1-4, apud Oda, 2006). Na análise de Guimarães (2003), o trabalho deste autor tem claro intuito civilizador, dedicando-se sobretudo a aconselhar, a educar higienicamente, nem tanto a prescrever condutas terapêuticas .

Na Introdução de sua obra, Imbert diz crer que o tráfico de escravos era “abominável e odioso” e sua extinção seria a marca da civilização de um país. Entretanto, defendia os direitos adquiridos dos proprietários de escravos. Considera que no Brasil a escravidão era mais branda e humana, pois “a

dificuldade de dar substituição ao que se possui fará recorrer aos meios os mais convenientes de conservar o que já se tem” (tomo I, p.XII, apud Oda, 2006).

Para este médico, a natural inferioridade cerebral dos negros estaria na raiz de seus hábitos libertinos e indolentes, as maiores fontes de suas enfermidades, Mas ele não menciona o banzo, o suicídio ou especificidades da psicopatologia dos negros (Oda, 2006).

Escravidão e infanticídio

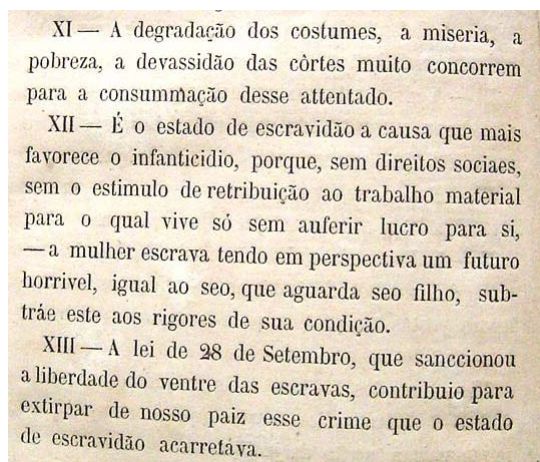
Em três teses da Faculdade de Medicina da Bahia, do mesmo ano (1874) encontram-se referências quase idênticas sobre a associação entre o estado de escravidão e o ato de matar o filho recém-nascido, o infanticídio, nas proposições de medicina legal. Os três autores se referem às conseqüências benéficas da Lei do Ventre Livre.

Eulálio de Lellis Piedade é breve: “A lei de 28 de setembro de 1871 fez desaparecer uma das causas deste feio crime.” (Piedade, 1874, p.27).

Já Virgílio de Oliveira é mais enfático:

“Os estadistas brasileiros prestaram relevantíssimo serviço à humanidade, à causa da civilização e ao progresso de nosso país, desde que reconheceram livre, pela lei de 28 de setembro de 1870, o ventre da mulher escrava.” (Oliveira, 1874, p.22).

João Carlos da Silveira se estende mais:



XI — A degradação dos costumes, a miseria, a pobreza, a devassidão das côrtes muito concorrem para a consummação desse attentado.

XII — É o estado de escravidão a causa que mais favorece o infanticidio, porque, sem direitos sociaes, sem o estímulo de retribuição ao trabalho material para o qual vive só sem auferir lucro para si, — a mulher escrava tendo em perspectiva um futuro horrivel, igual ao seo, que aguarda seo filho, subtráe este aos rigores de sua condição.

XIII — A lei de 28 de Setembro, que sancionou a liberdade do ventre das escravas, contribuiu para extirpar de nosso paiz esse crime que o estado de escravidão acarretava.

Silveira, João Carlos Balthasar da. *Do infanticídio considerado sob o ponto de vista médico-legal*

O suicídio escravo visto no século XX

Publicado no começo do séc. XX, em 1906, o livro *Los negros Brujos*, do antropólogo cubano Fernando Ortiz Fernández traz descrições sobre o suicídio de escravos e sobre a nostalgia que os acometia, nas longas viagens a bordo dos navios negreiros, da África às colônias espanholas, em especial à ilha de Cuba.

Para combater a nostalgia, os negros saíam dos porões e eram obrigados a dançar e cantar. Nas palavras de Ortiz: “Así, una de las diversiones favoritas de los negros, resultaba para éstos um nuevo suplicio” (Ortiz, 1906, p.149). Ortiz cita Humboldt, que informava que os negros cantavam de maneira forçada a seguinte cantiga: “mese, mese, melkerida” cujo significado era: “qué alegremente se vive entre los blancos” (Ortiz, 1906, p.149-150).

Sobre o suicídio, Ortiz informa que eram ações que aconteciam a bordo dos navios, sendo realizado por afogamento, com os negros lançando-se ao mar. Alguns barcos possuíam resistentes redes à sua volta, para evitar justamente o suicídio dos negros.

Gilberto Freyre, que cita várias obras de Ortiz em sua bibliografia, além de relatos dos cronistas estrangeiros sobre o Brasil, no final *Casa-Grande & Senzala*, faz uma ressalva à suposta brandura do cativeiro no país, num trecho bastante conhecido sobre o suicídio de escravos e o banzo:

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se (Freyre, 1978, p.464).

Contemporaneamente, poucos autores se ocuparam do suicídio de escravos de forma mais demorada. Entre eles, está Roger Bastide, em estudo realizado quando professor da cadeira de sociologia da Universidade de São Paulo, publicado em 1943 no *Boletim de Sociologia* da USP. Este ensaio é baseado na documentação recolhida pelos alunos do primeiro ano, sob a direção da assistente técnica Gioconda Mussolini.

Ainda que sua intenção principal seja particularizar o estudo das relações entre cor e suicídio em São Paulo, no início deste trabalho ele faz uma revisão histórica sobre o suicídio entre escravos no Brasil, a partir dos relatos dos viajantes e da literatura antropológica sobre a África. Para a província de São Paulo, Bastide usa principalmente as informações (de 1870 a 1904) compiladas anteriormente por Alcântara Machado, que as retirou dos relatórios dos chefes de polícia.

De forma resumida, para o autor, o suicídio dos cativos seria principalmente um protesto contra a escravidão, meio de se libertar de uma vida de castigos, ou ainda decorrente das saudades da terra natal. Destaca ainda que, a despeito da concordância entre os vários povos do continente africano na condenação moral ao suicídio, na situação de escravidão a crença em reencarnação com retorno à terra natal poderia justificar a morte voluntária (Bastide, 1943). Este ponto seria retomado mais tarde por ele no livro ‘O candomblé da Bahia’ (2001, p.73 [1958]).

Bastide parte do pressuposto de que o suicídio entre os negros, em suas tribos africanas, seria um evento raro, já que sofreria sanções de ordem religiosa que interditariam sua prática. Ele faz uma ressalva, ao considerar que para os casos de suicídios “altruístas” – citado da obra de Durkheim, o Suicídio – este costume seria socialmente aceito. Cita o exemplo do Daomé, onde, “por ocasião da morte do rei, [ocorre] o sacrifício de suas mulheres, de seus escravos e de seus companheiros” (Bastide, 1943, p.27).

Mesmo sendo raro, o suicídio existia, e seriam vários os motivos que poderiam levar o indivíduo a cometer tal ato, já que, nas palavras de Bastide, “os primitivos fazem pouco caso da vida, não tendo, como os ocidentais, o sentimento de individualidade tão fortemente constituído” (Bastide, 1943, p.1-2).

Dentre os vários motivos, Bastide se interessa por dois: a idéia de que a alma continua a existir depois da morte, e de que a alma do suicida é particularmente perigosa. Estes dois motivos seriam importantes para a escolha do suicídio, entre os homens feitos escravos. Atribuindo tal afirmação a Taylor, (sem mais detalhes) citado por Richard Lash, “Rache als Selbstmordmotiv”, Globus, 1898, circunscreve a busca pela liberdade na morte, para os escravos negros da parte oriental da África:

Quanto à escravidão, que existe no continente africano, retirando ao homem livre seu estatuto social de homem livre, leva-o a desesperar do destino e procurar a salvação na morte. E, num caso mais particular, quando o escravo, prisioneiro de guerra, é conduzido para longe de seu país natal, de sua tribo de origem, procura no suicídio um meio de retornar a sua terra, por intermédio da reencarnação. Pelo menos, é o que nos atesta Tylor, em relação aos escravos negros da África oriental.

Ainda segundo Bastide, que vai se basear na obra de A. Corre, *L'ethnographie criminelle* (Paris, 1894), para as colônias francesas da América algumas regras, ou leis, foram observadas: o suicídio dos escravos ocorre na razão inversa da criminalidade; o suicídio é a solução preferida para as tribos escravizadas, já que não podem matar o seu senhor; e existe o suicídio altruísta, por exemplo, onde o escravo escolhe a morte na ocasião o assassinato de seu senhor.

Mas, principalmente, o suicídio é praticado como um protesto contra a escravidão, já que sua morte privaria o senhor de um trabalhador. Outros pontos seriam: a prática do suicídio como meio de se libertar de uma vida insuportável;

nostalgia, saudade da terra natal (Bastide, 1943, p.3); protesto contra a separação da família, quando da venda de seus membros a diferentes senhores, e finalmente, nas palavras de Bastide, “protesto amoroso”; protesto também religioso, onde os escravos se matariam tendo como pano de fundo a crença na reencarnação, já que nasceriam novamente na África; (Bastide, 1943, p.5).

Observação importante colocada por ele é o fato de que alguns suicídios entre escravos possam ter sido na verdade crimes cometidos pelos senhores, mas arquivados como sendo suicídios: “é possível que os fazendeiros tenham feito passar na categoria de mortos por suicídio um certo número de negros que hajam sucumbido sob os maus tratos ou às torturas brutais (...)” (Bastide, 1943, p.6).

Esta questão foi apontada mais da uma vez, dentro da historiografia brasileira sobre a escravidão, como na obra de Kátia Mattoso, em que a autora questiona a exatidão de dados sobre o suicídio de escravos, afirmando que “a morte violenta infligida a um escravo pelo seu senhor irritado pode ter sido camuflada de suicídio” (Mattoso, 1988, p.155).

Outro ponto que merece atenção, que será melhor explorado no terceiro capítulo, é a diminuição do número de suicídios à medida que a propaganda e os ideais anti-escravistas aumentaram na sociedade, “tornando-se quase nulos nas vésperas da lei-Áurea” (Bastide, 1943, p.8).

Suicídio e rebeldia escrava

A produção historiográfica das décadas de 1960-1970, contestando o que se chamou de mito da escravidão branda, enfatizava o caráter violento de suas relações; neste sentido, estudos do período associam atos como suicídios, homicídios e agressões físicas à excessiva carga imposta pelo cativeiro; para alguns autores, estes atos seriam evidentes manifestações de rebeldia, das raras

que possuiriam os escravos, como observaram José Alípio Goulart (1972) e Fernando Henrique Cardoso (1977, p.125-128).

Esta interpretação estava ligada à noção do escravo que incorporava integralmente a condição de “coisa” que lhe era imposta, e que somente poderia manifestar sua resistência ao cativeiro através destas formas extremadas, em função dos estreitos limites a que a vontade senhorial submetia sua vida. Nesta linha interpretativa, os suicídios, as fugas e a fúria assassina dirigida aos senhores ou aos feitores são entendidos como sinais de rebelião individual, assim como os quilombos e as insurreições o seriam de rebeldia coletiva.

Observa-se que a historiografia da escravidão aproximou o fenômeno do suicídio ao da formação de quilombos, ambos considerados como formas de protesto, revolta ou rebeldia, manifestações extremadas e marginais ao sistema escravista.

José Alípio Goulart (1972) dedicou ao tema um capítulo de seu livro ‘Da fuga ao suicídio’, considerando-o como a mais trágica das reações à violência do cativeiro. Para ele, o suicídio seria uma forma de fuga e também espécie de protesto e rebeldia, de vingança contra o senhor; em sua análise, suicídios, homicídios e fugas eram reações decorrentes da inconformidade com o estado de escravidão e da impotência em modificá-lo. Em certos casos, o suicídio seria relacionado ao ‘banzo’, e facilitado pela crença que teriam os negros no retorno espiritual à África. Goulart utiliza como fontes principais algumas estatísticas policiais e informações retiradas dos relatórios dos presidentes de diversas províncias brasileiras, além dos clássicos viajantes.

No ‘Dicionário da Escravidão’ de Clóvis Moura (publicado em 2004, mas referido à linha teórica predominante na década de 1970) o suicídio é definido como “uma das reações extremas de protesto do escravo” (p.381). Na redação do verbete, Moura baseia-se principalmente no trabalho de Goulart, enfatizando a ocorrência de suicídios após a aplicação de castigos torturantes, bem como sua manifestação freqüente em todo o país. O banzo é ali definido como “estado de

depressão psicológica que se apossava do africano logo após seu desembarque no Brasil. Geralmente os que caíam nessa situação de nostalgia profunda terminavam morrendo.” (Moura, 2004, p.63), sendo longamente citado o referido ensaio de Oliveira Mendes.

Estudos recentes

A seguir examinaremos a produção de alguns autores que realizaram pesquisas sobre a escravidão no Brasil, e que em seus estudos, fizeram referências ao suicídio de escravos.

Em seu glossário de *Ser escravo no Brasil*, Kátia Mattoso define o banzo como: “nostalgia mortal do país de origem sentida pelos africanos trazidos como escravos ao Brasil” (Mattoso, 1988, p.250); o banzo seria como um suicídio lento, em que “o escravo decidido a morrer perde apetite, emagrece e morre” (Mattoso, 1988, p.155)

O suicídio seria uma espécie de reação do escravo que não se adaptou bem à nova sociedade em que vive. A este escravo não adaptado só restaria o caminho da luta, da fuga, da revolta, do suicídio (p.107). Mattoso argumenta que o suicídio seria o produto de uma situação desesperadora, para o qual não existiria saída. O medo seria, sempre, o motor do suicídio. Medo de ser vendido para longe, medo das consequências de um insucesso em uma tentativa de fuga, do roubo descoberto, de acusações falsas, entre outros. (p.155).

Segundo Mattoso, os suicídios ocorrem mais na cidade do que no campo, e os números são bem maiores para os escravos, em comparação com os homens livres. Os métodos de suicídio descritos pela autora são vários, e apesar da não citação das fontes, estas parecem ser os viajantes estrangeiros. Algumas formas de suicídio de escravos: asfixia engolindo a língua, enforcamento, estrangulamento, geofagia - ação de comer terra – onde uma máscara de zinco

seria usada para proibir o escravo de ingerir terra, em uma tentativa para salvar sua vida, na visão da autora.

Em 1990, Renato Pinto Venâncio publicou um breve artigo sobre o suicídio de escravos na cidade do Rio de Janeiro, nas últimas duas décadas da escravidão, procurando correlacionar o fim do regime escravista ao declínio observado no número global de suicídios registrados. O autor usa os dados compilados pelo jurista Francisco Viveiros de Castro (também citado por Bastide em 1943), que em 1894 publicou um estudo sobre o suicídio na capital federal, e por sua vez utilizou relatórios dos chefes de polícia editados entre 1870 e 1881. Venâncio indica que o percentual de suicídios de escravos teria sido o dobro daquele dos livres, e que as causas mais comumente atribuídas aos atos seriam “temor de castigo”, “para evitar venda” e “maus tratos”, sendo a maior parte dos motivos ignorados. O autor coloca o suicídio como “um recurso (...) contra a opressão e desumanidade do sistema escravista” (p.80), juntamente com as fugas para os quilombos e a criminalidade. Relacionando economia e atos suicidas, observa que as taxas de suicídio aumentam de acordo com a evolução do custo de vida; e supõe que os suicídios diminuam de acordo com a percepção dos escravos em relação ao fim do cativeiro. Neste trabalho pioneiro, é apontada pelo autor a necessidade de aprofundar as pesquisas e de estudar a distribuição dos suicídios segundo sexo, os meios usados e as etnias africanas envolvidas (Venâncio, 1990).

Desde as últimas duas décadas do século XX, estudos enfatizam várias formas de resistência e negociação dos escravos em sua vida cotidiana, não apenas em atos dramáticos e circunscritos. A história social da escravidão tem ampliado as perspectivas sobre a vida escrava, estudando as variadas formas buscadas por eles para enfrentar a adversa situação de cativeiro, tais como a organização familiar e social, as práticas religiosas, a formação de comunidades e quilombos, etc. Em alguns destes trabalhos, surgem relatos de suicídios e de homicídios (em especial, de assassinatos de filhos cometidos pelos pais cativos).

Assim, a partir de processos criminais, Hebe Mattos comenta três casos: o do preto forro Januário, acusado de homicídio que seguidamente tentava suicídio na prisão; o de Justina, escrava que confessou o afogamento deliberado de seus três filhos, depois do que tentou se matar; e o da escrava Maria Rosa, acusada pelo assassinato de seus três filhos, e que igualmente tentou o suicídio (Mattos, 1998, p.39-40, 112-115).

Isabel Cristina Ferreira dos Reis (Reis, 1998), em sua dissertação sobre histórias de vida familiar dos escravos na Bahia (século XIX), recolhe casos de suicídio em algumas fontes pesquisadas. Compreendendo o suicídio como o recurso originado no desespero, a última ação do escravo em busca da liberdade. Para a autora, os motivos eram vários, sendo o mais freqüente o objetivo dos escravos livrarem-se dos maus tratos dos senhores. Isabel Reis cita também os casos de aborto realizados por escravas e casos de assassinatos de filhos por mães escravas. Refere ela que entre as escravas a prática do aborto era comumente utilizada, com a ajuda de indivíduos que possuíam os conhecimentos necessário para a prática, os chamados feiticeiros, “considerados como possuidores de poderes sobrenaturais e de atributos sobrehumanos, indivíduos pertencentes, em geral, a raça africana ou à população mestiça” (Reis, 1998, p.82).

Em razão de sua originalidade e extensão, a interlocução com o trabalho de Mary Karasch torna-se obrigatória nos estudos sobre o suicídio escravo. No seu amplo estudo sobre a vida dos escravos no Rio de Janeiro da primeira metade do XIX, publicado em inglês em 1987 e em português em 2000, Karasch dedica ao suicídio uma das seções do capítulo sobre “fugitivos e rebeldes”, além de mencioná-lo em outras passagens do trabalho (Karasch, 2001, p.244-46; p.415-20; p.497-503).

Ela usa como fontes vários relatos de viajantes, estatísticas policiais, registros hospitalares, correspondências oficiais, livros de óbitos e ainda o compêndio sobre as doenças do Brasil publicado em 1844 pelo Dr. Sigaud, médico francês radicado no Rio.

A autora levanta e comenta o que considera as principais motivações para os suicídios: rebeldia contra a condição cativa e consequência dos maus-tratos; a nostalgia chamada ‘banzo’ e outras perturbações mentais graves; e desejo de retorno espiritual à África. Quanto ao último ponto, procura estabelecer conexões entre as crenças religiosas de grupos étnicos africanos mais comuns no Rio de Janeiro da época (como os ali chamados ‘congós’, oriundos do Centro-Oeste africano) e o uso de métodos de suicídio como enforcamento ou afogamento, que facilitariam a desejada viagem espiritual à terra natal (Karasch, 2001).

Karasch aborda o caso de suicídios de escravos pelo ponto de vista da deserção – termo aqui utilizado como sinônimo de fuga - em busca da liberdade, “fuga definitiva da escravidão” (Karasch, 2001, p.415). Segundo a autora, os escravos do Rio possuíam três formas básicas para obter a liberdade: “deserção, resistência violenta e alforria” (Karasch, 2001, p.398). Os escravos “cometiam suicídio, acreditando que pela morte retornariam à terra natal” (Karasch, 2001, p.399). A partir destes motivos para o suicídio, Karasch coloca que o estudo do suicídio entre os negros traz a idéia de resistência última à escravidão, ação definitiva contra uma situação à qual se objetivava deixar de viver.

A autora se mostra interessada pelas estatísticas do suicídio, afirmando que estas não dariam conta da realidade do fenômeno, dado que o ato da morte voluntária não era reconhecido oficialmente. Pelos relatos dos viajantes, registros policiais e outras fontes, observa-se que o suicídio de escravos era mais freqüente quando comparado com os índices de suicídio da população livre, sendo seu número sempre subestimado.

Em amostra de 69 cativos, obtida de fontes variadas, a autora identificou como principais métodos usados nos suicídios o afogamento, o enforcamento ou estrangulamento e armas de fogo ou brancas. A historiadora aponta que algumas formas descritas pelos viajantes como usuais não estão presentes nesta amostra, como o envenenamento, e os curiosos suicídios “engolindo a língua” e por ingestão de terra (Karasch, 2001, p.416).

Quanto a trabalhos acadêmicos recentes, até o momento identificamos três colaborações diretamente dirigidas ao tema, numa tese de doutoramento em medicina e em duas dissertações de mestrado em história. Em 2003, um estudo sobre suicídios entre escravos e libertos da Bahia foi apresentado na tese de Ana Maria G. R. Oda, em anexo sobre a história da psicopatologia dos escravos. Jackson Ferreira, em 2004, concluiu dissertação sobre o suicídio na Bahia do século XIX, da qual resultou ainda a publicação de artigo sobre o suicídio de escravos naquela província. O suicídio de cativos no município de Juiz de Fora (MG) foi tratado por Ana Maria Faria Amoglia, em dissertação apresentada em 2006.

No caso da tese de Ana Maria Oda, o estudo sobre suicídios na Bahia foi feito a partir de estatísticas policiais e observações das autoridades presentes em relatórios provinciais, de forma exploratória, complementando a investigação sobre a história da psicopatologia dos escravos. Ela encontrou proporções de registros de suicidas escravos maiores do que os percentuais da população escrava da província da Bahia. No período entre 1847 e 1882, entre as 295 ocorrências em que se pôde saber a condição do suicida, 160 (54%) foram de escravos e 9 (3%) de libertos, sendo os restantes 131 (44%) de pessoas livres. Entre 1847 e 1860, os escravos eram a maior parte do total de suicidas, 60%; de 1867 a 1882, eles eram 35 %. A pesquisadora encontrou ainda, entre 1847 e 1855, 130 casos em que se explicitava a origem, sendo esta africana em 68% (89 casos).

Tanto Ana Maria Amoglia quanto Jackson Ferreira usaram conjuntamente informações obtidas de várias fontes, em especial da documentação policial local (inquéritos com depoimentos de testemunhas, correspondências de subdelegados, delegados e chefes de polícia, etc.) e de documentos judiciais ligados aos casos de suicídio, além de notícias de jornais e de informações de relatórios provinciais. Ferreira (2004b) indica a especial importância dos depoimentos colhidos dos maços policiais, que permitem maior aproximação dos atos suicidas dos escravos conforme vistos pelos diretamente

envolvidos, nos testemunhos dos próprios, ou de seus vizinhos e parentes, além dos proprietários.

Em sua dissertação, Jackson Ferreira, entre 1850 e 1888, localizou 451 registros em que foi identificada a condição social, computando 210 (46,6%) escravos, 211 (46,7%) livres e 30 (6,7%) libertos. Ele encontrou 65,6% de indivíduos de origem africana (65 casos) entre os 99 suicídios de escravos registrados entre 1850-59. Para períodos posteriores, este percentual cai: entre 1860-69, havia 32,5% (27 casos) de africanos; entre 1870-79, 20% (5 casos); e, entre 1880-88, nenhum registro de africano entre os 4 casos de suicídio escravo.

O detalhado trabalho de pesquisa realizado por Jackson Ferreira merece destaque, bem como a competente discussão sobre os sentidos do suicídio cativo na Bahia. Ressalte-se que na documentação policial ele encontrou algo muito raro, o bilhete do mulato Timóteo, jovem escravo que se matou em 1861, na cidade de Salvador (Ferreira, 2004b, p.216 e seg.).

No capítulo III desta dissertação se estabelecerá uma interlocução com os resultados apresentados e análises realizadas por Ferreira, em boa parte confluentes com o presente estudo.

Na sua dissertação, Ana Maria Amoglia (2006) faz um estudo sobre o suicídio de escravos na cidade mineira de Juiz de Fora, de 1830 a 1888. Seu objetivo é “tentar perceber como o meio em que viviam [os escravos] contribuiu na decisão destes cativos de colocarem um fim à vida sofrida” (Amoglia, 2006, p.15-16). Ela usou fontes como atestados de óbitos, fundos cartoriais, jornais da região e os Relatórios Provinciais de Minas Gerais.

Sobre as estatísticas, ela aponta para a possível manipulação dos dados, pela classe dominante, a fim de diminuir a gravidade do ato suicida. Outro ponto é a análise da autora sobre a historiografia e os conceitos contemporâneos, procurando “questionar até que ponto esses relatos [dos médicos e de outros observadores] estiveram comprometidos com a verdade dos acontecimentos

referentes à vida e morte dos cativos” (Amoglia, 2006, p.92). Como exemplo destes relatos contemporâneos que são questionados, está a idéia de doença, ou casos de loucura entre os negros, e a noção de pressupostos culturais, “já que era mais fácil então remeter as explicações ao modo de vida africano” (Amoglia, 2006, p.92).

A pesquisadora parece ver os escravos sempre como a massa sofrida e humilhada, que se utiliza da fuga e, num grau de desespero maior, se mata para alcançar a tão sonhada liberdade. Uma crítica possível a este trabalho é que se leva pouco em consideração toda a gama de situações em que os escravos dialogavam com a situação social e política da época, conseguindo abrir brechas neste mesmo sistema excludente.

Em resumo, estudos atuais da história social da escravidão procuram sublinhar o caráter humano de escravos e de senhores, sua ação como sujeitos históricos, sem evidentemente desconsiderar as contingências sociais e econômicas, a desigualdade de posições e a violência inerente à escravidão. Desta forma, o suicídio cativo pode ser visto também, mas jamais unicamente, como uma forma de protesto ou fuga da situação de cativo, sempre considerando a complexidade da experiência da escravidão e a capacidade humana de descobrir formas de viver em condições adversas.

Escravidão, progresso e civilização

No sentido de melhor contextualizar a situação dos escravos em São Paulo no período aqui estudado, apresenta-se a seguir, de forma muito simplificada, algumas informações sobre a província e sobre o município de Campinas.

Após 1790, a expansão da cultura açucareira no Sudeste do país trouxe crescimento da população de livres e de escravos na província de São Paulo. Com a intensa movimentação econômica promovida pela cultura do café, esta

população aumentou expressivamente, graças ao tráfico interno. Já ativo nas décadas de 1850 e 1860, na década de 1870 o tráfico interno de escravos traria milhares destes para o Oeste Paulista, vindos principalmente do Nordeste (Slenes, 2001a, p. 249).

Segundo dados do Censo de 1872, a província de São Paulo tinha pouco mais de 835.000 habitantes, sendo perto de 155.000 de escravos (Alencastro, 2001, p. 479).

Considera-se o surgimento de Campinas, a partir do ano de 1720, quando a exploração de ouro em Goiás se inicia, sob o nome de Bairro das Campinas do Mato Grosso de Jundiá. A partir de 1797, Campinas passa a se chamar Vila de São Carlos, nome que permanecerá até 1842. Convencionou-se em situar a cidade no Oeste Paulista (apesar de realmente ela não se encontrar a oeste), por tomar-se como ponto de referência o vale do Paraíba.

Segundo Toledo, durante todo o século XVIII a região de Campinas era muito pouco povoada, sendo encontrados pousos no caminho do ouro da província de Goiás. (Toledo, 2003, p. 357) Campinas surge como a primeira das povoações originadas pelo Caminho dos Goiaes, por isto foi também chamada de “boca do sertão”.

Fatores climáticos contribuíram para o sucesso da produção agrícola da cana de açúcar nesta região, como a grande extensão de terras com pequenas elevações no relevo, a importante terra roxa, produto da decomposição de rochas basálticas de origem vulcânica. Todos estes fatores, somados ao trabalho escravo que tocava as fazendas de açúcar da região, mais a experiência com a lida e administração de grandes fazendas, vão tornar o chamado “oeste paulista” um dos locais mais propícios para o estabelecimento e desenvolvimento da cultura do café.

O café foi o grande ator no desenvolvimento de Campinas e da região. O português Augusto Emílio Zaluar, em viagem por São Paulo, nos anos de 1860 e 1861, passa por Campinas e, maravilhado com a cidade que encontra, observa

a riqueza proveniente do café. Impensável uma comparação com a antiga povoação em que as caravanas a caminho das regiões de Goiás e Cuiabá se punham a descansar ali em ranchos rústicos. Assim ele descreve Campinas:

(...) há três fábricas de licores, duas de cerveja, uma de velas de cera, uma de chapéus, três de hotéis, duas casas de bilhares, diversas lojas de alfaiates, sapateiros, latoeiros, caldeireiros, torneiros, marceneiros, seleiros, armadores, quatro padarias, uma fábrica de charutos, três relojoeiros, três ourives, três retratistas em daguerreotipo e um a óleo, três pintores hábeis e uma tipografia (...) Há na cidade sessenta e quatro lojas de fazendas e ferragens, vinte armazéns de gêneros de fora e cento e dez tavernas (...) tudo paga direitos à municipalidade(...) O comércio é, pois, ativo e florescente (...) é aqui o entreposto de Goiás, Uberaba, Franca e outras povoações do interior com a corte (...) os Campineiros (...) formam suas associações literárias (...) aplicam as máquinas ao aperfeiçoamento da produção agrícola (...) não poupam esforços e fadigas para proporcionar à cidade todos os melhoramentos materiais de que carece (...) no calçamento das ruas e embelezamento das praças (...) na edificação de um mercado (...) O teatro de Campinas, melhor do que o da capital, faz honra ao bom gosto e riqueza da população (...) A matriz nova (...) que é edificada (...) promete ser (...) talvez o primeiro templo (...) da província toda (...) (Zaluar, 1953, p.137)

Segundo Lapa, os termos progresso e civilização estavam sempre presentes nos discursos da elite ao citar o grau de desenvolvimento atingido pela cidade. Em alguns pontos era mesmo inovador o aparato urbano existente. A ferrovia, os hospitais, as casas bancárias, companhias de transportes urbanos, estabelecimentos modelares de ensino, iluminação pública, mecanização da agricultura e incentivo à vinda de novidades tecnológicas, como o fonógrafo e o telefone.

Mas ainda assim, o projeto urbano de modernidade da cidade tem que lidar com um aspecto básico, a presença da escravidão:

Já que é inevitável que a urbanidade conviva com a escravidão, resta aí saber como estabelecer para ambas as regras deste convívio. A modernidade urbana tem que se compatibilizar com a aberração dessa realidade que é a própria negação dos seus princípios liberais, civilizatórios e dos seus valores: a escravidão (Lapa, 1996, p.27)

Em 1872, o município de Campinas teria cerca de 18.000 pessoas livres e 14.000 cativos, entre estes sendo marcado o predomínio masculino (Slenes, 2001a, p. 242, p. 249). Os escravos em Campinas eram 44% da população, o que significava uma proporção bem maior do que a média da população escrava das outras cidades da região (Lapa, 1996).

Com relação ao estado da saúde na cidade de Campinas, Lapa menciona como doenças marcantes, no período de 1850 a 1900, a febre amarela, o cólera, a varíola e a lepra (Lapa, 1996, p. 220).

Para cuidar dos pobres e dos escravos, a Santa Casa de Misericórdia foi construída, com recursos de doações. Foi inaugurada em 15 de agosto de 1876, começando a funcionar em 1 de outubro do mesmo ano. Instituições de origem portuguesa, as Santas Casas, de acordo com Lapa, disseminaram-se por várias cidades brasileiras, desde o período colonial, demorando a chegar a Campinas. Foi inaugurada com o nome de Hospital de Caridade, e bem recebido pelos imigrantes, que recorriam a elas logo ao aparecimento de sintomas de doenças, ao contrário dos nacionais, que associavam o hospital ao um lugar onde se entrava para morrer. (Lapa, 1996, p. 218-219).

De acordo com o relatório do médico Guilherme da Silva, para o período de junho de 1880 a junho de 1881, de um total de 117 escravos, 29 faleceram. Este índice é por ele considerado “ótimo,” já que segundo o próprio médico os fazendeiros donos de escravos doentes deixavam de tratá-los,

encaminhando-os à Santa Casa quando “completamente perdidos ou moribundos”. Ainda de acordo com Lapa, o médico Guilherme da Silva continua a dar sua explicação sobre o índice de morte dos escravos:

Contribuíam também para esta situação, segundo o médico, o descaso, por parte dos fazendeiros, para com seus escravos ou o tratamento equivocado, na base de automedicação e agentes purgativos, de escravos acometidos geralmente de enfermidades que deveriam ser medicadas com outros recursos. A incidência de moléstias que mais afetavam os escravos vinha na seguinte ordem: afecções do aparelho respiratório, aparelho cardiovascular e aparelho gastrointestinal. (Lapa, 1996, p. 219-220).

A Santa Casa de Misericórdia logo se tornou o maior hospital de Campinas, com um número de internações no período de 1878/1879 de 337 doentes, saltando para 1410 internações, para o período de 1883/1885. São internados trabalhadores livres, mendigos, indigentes, loucos, prostitutas, bandidos e, na sua grande maioria, escravos. (Lapa, 1996, p. 220-221).

Outra instituição criada para auxiliar o tratamento de doentes em Campinas, foi o Asilo de Morféticos. Inaugurado em 9 de agosto de 1863, em uma chácara afastada do centro da cidade, destinava-se exclusivamente a receber os acometidos do “mal de Elephancia”, ou “mal de São Lázaro”. Os acometidos deste mal são citados em documentos bem antes da construção do Asilo. Em 3 de outubro de 1813 a Câmara resolve pela construção de uma casa no caminho para Mogi-Mirim, com o objetivo de recolher os lázaros e afastá-los da cidade. (Lapa, 1996, p. 233).

No início do funcionamento do Asilo de Morféticos, os doentes podiam esmolar nas ruas da cidade, de acordo com uma regulamentação da Câmara. Outra forma de arrecadar fundos para o Asilo era o trabalho de um funcionário do estabelecimento, que uma vez por semana percorria as casas da cidade para também arrecadar esmolas. (Lapa, 1996, p. 238).

A vacinação era pública e obrigatória, atingindo todos os indivíduos, inclusive os escravos. Os senhores destes estavam sujeitos a multas caso seus escravos não comparecessem no dia marcado para serem vacinados. A obrigatoriedade da vacinação na capitania de São Paulo data de 1805, sendo que especificamente para Campinas, esta obrigatoriedade está determinada em todos os Códigos de Posturas, desde 1858, e em resoluções diversas da Câmara Municipal (Lapa, 1996, p. 243).

Os escravos e os pobres eram os mais atingidos pelas doenças contagiosas, devido às deficiências de sua alimentação e à extensão da jornada de trabalho. Quanto aos escravos, algumas recomendações são feitas, como melhoras na alimentação, vestuário adequado, cobertores à noite, pausas no trabalho em horários de maior incidência do sol, senzalas limpas, sem aglomeração, desinfetadas e arejadas. (Lapa, 1996, p. 247 a 249).

Seguindo o pensamento de Lapa, a cidade de Campinas em sua marcha para o progresso, vai criando maneiras de lidar com seus excluídos, com a camada menos favorecida da população, os escravos e os pobres. Isso inclui a criação de espaços para o tratamento da saúde destes, incluindo até mesmo enfermarias particulares. Criadas por médicos, em geral ocupando grandes prédios ao lado da residência do médico proprietário, estas enfermarias atendiam livres e escravos, mediante a cobrança de uma diária. Os escravos eram parte considerável da clientela destes médicos, o que pode ter atraído médicos para a cidade de Campinas. Nestas enfermarias “também se exercia a clínica médica, cirúrgica e obstétrica”. (Lapa, 1996, p. 273).

Como se viu, os escravos e os negros libertos formavam um expressivo e ativo contingente populacional no município de Campinas. Com relação às etnias africanas que aqui predominaram, pode-se supor que tenha sido de africanos trazidos de grupos da África Central (Angola e baixo rio Zaire), como a maioria dos escravos vindos para o Sudeste. A estes se juntaram escravos (africanos e principalmente crioulos) vindos de outras províncias, principalmente

do Nordeste e do Rio Grande do Sul, depois da extinção do tráfico transatlântico, em 1850 (Slenes, 2001a, p. 249).

Observa Slenes que na primeira metade do século XIX, em todo o Sudeste, era grande a presença de africanos nas lavouras, em razão de sua importação maciça e da baixa taxa de fecundidade entre os cativos. Mesmo tendo diminuído na segunda metade do XIX, esta proporção de escravos nascidos na África permaneceu significativa nas fazendas de Campinas (Slenes, 2001a, p. 250), o que certamente deve ter influído na organização social e cultural dos escravos aqui estabelecidos.

CAPÍTULO II- DESCRIÇÃO DAS FONTES E RESULTADOS

Fontes e arquivos pesquisados

Este capítulo tem como objetivo descrever as fontes utilizadas, apresentando os resultados obtidos.

As principais fontes onde se encontraram informações sobre os suicídios entre escravos foram os Relatórios Provinciais de São Paulo e o jornal Gazeta de Campinas.

Os Relatórios Provinciais são documentos oficiais, que apresentam informações sobre diversos assuntos de interesse público, como estatísticas policiais em que se incluem as notícias de homicídios e suicídios ocorridos em determinado período, em geral do ano anterior. Pesquisaram-se todos os documentos disponíveis, editados entre 1838 e 1888.

Estes documentos são facilmente acessíveis, pois foram digitalizados e parcialmente indexados, estando disponíveis on-line no “Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras” promovido pelo Center for Research Libraries (CRL), uma instituição que congrega várias universidades da América do Norte, além da Library of Congress e da New York Public Library. As imagens digitais de publicações oficiais foram produzidas a partir de cópias em microfilme dos originais, e podem ser obtidas no endereço: <http://www.crl.edu/content/brazil/sao.htm>.

O jornal Gazeta de Campinas é uma folha noticiosa local, editada entre 1869 e 1890. O Arquivo Edgar Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas (AEL UNICAMP) possui em seu acervo exemplares deste jornal, em suporte microfilme, de 1870 a 1888, sendo a coleção bastante completa até 1887 (do ano de 1888 há apenas um número).

A partir dos dados obtidos nas notícias, tais como nome do escravo, do senhor, data do ocorrido, nome da autoridade policial responsável pelo caso, pretendeu-se pesquisar fontes que fornecessem mais informações, como os inquéritos policiais e os processos judiciais.

Os inquéritos, autos ou processos policiais eram documentos produzidos a partir das primeiras investigações da autoridade local sobre os crimes ocorridos, sendo em geral anexados aos processos criminais subseqüentes, quando estes ocorriam. Muitos processos policiais do período não tiveram continuidade como ação criminal, por falta de informações ou de provas ou fuga do acusado, permanecendo nas delegacias das cidades onde aconteceram os delitos (conforme informações do sítio do CECULT, Centro de Estudos de História Social da Cultura da UNICAMP, em: <http://www.unicamp.br/cecult/aquisicoes-judiciaria.html>).

Existe documentação deste tipo depositada no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), bem como em cópias microfilmadas no AEL UNICAMP, mas apenas referente à capital da província de São Paulo, e catalogada sem informações que permitam o levantamento dos casos envolvendo escravos. Não se pôde obter no AESP qualquer informação sobre documentação equivalente originada em Campinas e região, e o setor de Arquivo Histórico do Arquivo Municipal de Campinas não tem este tipo de documento.

Com relação aos processos judiciais, o arquivo do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (CMU UNICAMP) possui em seu acervo os processos produzidos em diversos cartórios cíveis e criminais, o Fundo Tribunal de Justiça de Campinas (1793 a 1940) e de Jundiaí (1760 a 1900), totalizando 52 mil processos. São testamentos, inventários, partilhas, divisões de bens, processos criminais, ações de liberdade de escravos, ações de tutela, entre outros (conforme informações do sítio: <http://www.centrodememoria.unicamp.br/arqhist/>). Neste conjunto documental, apenas um processo referente a suicídio de escravo foi localizado, e se descreve no Anexo 1, página 143.

Relatórios Provinciais de São Paulo

O sistema de governo no Brasil sofre profundas mudanças no início do século XIX. A divisão do território nacional em unidades administrativas se transforma, do inicial sistema de capitanias hereditárias, marcado pela administração de pedaços de terra por famílias indicadas diretamente pela monarquia, até um sistema onde a eleição de representantes para cada província ocorresse.

Em meio à crise da independência do Brasil, para minimizar o risco de fragmentação do território, surge a necessidade do estabelecimento de representatividade política das províncias. Assim, um decreto de 20 de outubro de 1823 “deu forma aos governos provinciais, criando o cargo de presidente de província e os conselhos gerais de província”. Mais tarde, a Constituição de 1824 fixa a nomeação do executivo provincial pelo Imperador e o período de funcionamento dos conselhos provinciais, de dois meses por ano. Em 1834, o Ato Adicional transformou estes conselhos provinciais em Assembléias Provinciais Legislativas. (Vainfas, 2002, p.598)

Conservando sempre o caráter centralizador da administração monárquica, as Assembléias foram espaços de limitados de administração, mas que na medida do possível, se colocaram como independentes do governo central.

Se os recursos disponíveis para as deliberações das Assembléias Provinciais Legislativas eram reduzidos, bem como o período de suas sessões ordinárias de dois meses em cada ano (sendo a legislatura eleita constituída por apenas dois anos), freqüentíssimas foram as convocações extraordinárias e as disputas acirradas em torno da distribuição daqueles poucos recursos. (Vainfas, 2002, p.599).

Produto das deliberações da Assembléia, os Relatórios Provinciais são fontes de grande importância, pois informam aspectos relevantes da organização política e social da época, inclusive sobre o tema principal desta pesquisa, o suicídio entre escravos.

Tais relatórios eram apresentados regularmente por todos os chefes dos governos provinciais brasileiros às respectivas Assembléias Provinciais, em geral discursando na abertura da primeira sessão anual da legislatura. Os relatórios registram os discursos em que cada presidente provincial prestava contas aos deputados, ou ao sucessor, dos feitos do governo no ano anterior, e em que fazia considerações sobre as necessidades orçamentárias para o ano vindouro. Muitos deles têm anexos referentes a diversos setores públicos, com mapas estatísticos, como os que foram usados nesta pesquisa.

Estes relatórios eram apresentados, também, por ocasião da transmissão de cargo a um novo presidente indicado, o que poderia ocorrer várias vezes em um ano, dependendo da conjuntura política. Os presidentes, nomeados pelo poder central, poderiam ficar pouco tempo no cargo.

Estudando os relatórios da província de São Paulo, a partir de 1838, vê-se que eles aumentam a cada ano em número de páginas e em detalhamento dos assuntos tratados. Indica-se a situação de itens como finanças, polícia e judiciário, educação, obras públicas, abastecimento, estradas de ferro, estabelecimentos de caridade, igrejas e seminários, vacinação e saúde pública, aldeamento dos índios, etc. Há ainda relatórios e prestações de contas de entidades filantrópicas que recebiam verbas públicas, como a Irmandade da Misericórdia, responsável por hospitais de caridade e por asilos e educandários de órfãos, entre outros. Mapas e tabelas estatísticas tornam-se mais comuns depois de 1860, inseridos no texto do discurso presidencial ou como anexos dos secretários e chefes das diversas repartições públicas provinciais.

É muito comum observar os presidentes da província comentarem nos relatórios sobre as estatísticas recebidas, dizendo serem estas incompletas; a leitura destas observações deixa claro a precariedade da organização das estatísticas da época. Os representantes do governo de cada cidade coletavam os dados e os enviavam para a capital, onde seriam agrupados junto com os dados de todas as cidades, tentando-se assim produzir uma estatística geral da província.

Os presidentes enfatizam a importância das estatísticas, enquanto lamentam sua má qualidade. A deficiência das estatísticas é um ponto citado por mais de um presidente, sendo sempre vista como algo negativo, devido à percepção da importância que existe em se conhecer os números para melhor conhecer a realidade.

No exemplo a seguir, observa-se a associação feita entre o conhecimento dos dados estatísticos e a adoção de medidas que possam melhorar as condições de saúde pública, no item “Socorros públicos”:

O registro portanto dos nascimentos, e dos casamentos e obitos é uma das primeiras necessidades para o conhecimento do estado da saúde pública. E, em relação á mortalidade, convém ainda considerar os sexos, as idades, e as enfermidades.

Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo na segunda sessão da décima quinta legislatura no dia 2 de fevereiro de 1865 pelo presidente da mesma província, o conselheiro João Crispiniano Soares. São Paulo, Tip. Imparcial de J.R.A. Marques, página 14, 1865.

A seguir, vemos outro exemplo dos relatórios provinciais, agora especificamente sobre as estatísticas criminais.

Crimes commettidos.

Não são completos os mappas e informações existentes nesta repartição, quanto aos crimes commettidos durante o anno passado.

Apesar dos redobrados esforços e continuas recommendações que hei feito ás autoridades criminaes da provincia, em ordem á regularisar a estatistica criminal com aquella exactidão e perfeição desejaveis, ainda assim são muitas as faltas encontradas neste ramo do serviço policial, e pois, limito-me á relatar o que consta dos mappas mensalmente remettidos á presidencia, e organisados em vista das participações até hoje recebidas.

Relatório da Repartição de Polícia, página A-51. In: Anexos do relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial em S. Paulo na 2.a sessão ordinária da 15.a legislatura pelo presidente, o conselheiro João Crispiano Soares. S. Paulo, Tip. Imparcial de J.R. de Azevedo Marques, 1865A.

Crimes cometidos por escravos são encontrados com freqüência. Alguns exemplos são crimes contra feitores, senhores e outros escravos. Como os seguintes casos:

A' 22, no termo de Arêas, foi barbaramente assassinado o fazendeiro Francisco Fernandes Pacífico, por dois escravos seus, que forão capturados.

Relatório da Repartição de Polícia, página A-64. In: Anexos do relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial em S. Paulo na 2.a sessão ordinária da 15.a legislatura pelo presidente, o conselheiro João Crispiano Soares. S. Paulo, Tip. Imparcial de J.R. de Azevedo Marques, 1865A.

A 11 de Agosto, em Campinas, travário uma luta, por motivo de jogo, Joaquim e José, escravos de José de Souza Campos, da qual resultou ser este morto a facadas por aquelle, que foi preso em flagrante, recolhido á Cadêa, e processado.

Relatório da Polícia, página A-4. In: Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial pelo exm. sr. dr. João Theodoro Xavier, presidente da província, no dia 5 de fevereiro de 1873. S. Paulo, Tip. Americana, 1873

A nota abaixo mostra os trâmites legais seguidos em casos de crimes cometidos por escravos:

No mez de Janeiro, nô Termô de Mogy-mirim, Evaristo, escravo do Dr. Antonio Galdino de Abreu Soares, tentou contra a vida do feitor da fazenda de seu senhor. Este escravo, depois de commettido o crime, fechou-se em sua senzala, armado de uma pistola, resistiu formalmente á voz de prisão, disparando dous tiros sobre a escolta; que felizmente não acertarão, sendo afinal preso.

Foi processado e pronunciado no art. 193 combinado com o art. 31 do Código Criminal, e mais na 2ª parte do art. 116 do mesmo Código. Entrando em julgamento no Jury foi condemnado, havendo appellação para o Tribunal da Relação.

Relatório da Polícia, página A-3. In: Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial pelo exm. sr. dr. João Theodoro Xavier, presidente da província, no dia 5 de fevereiro de 1873. S. Paulo, Tip. Americana, 1873

No mesmo relatório publicado em 1873, mais um exemplo das preocupações da polícia pode ser visto em uma tabela onde consta o número de escravos “fugidos, turbulentos e ébrios” disponível, no Anexo 2, na página 147.

Fica clara, nos discursos das autoridades policiais, a preocupação em afirmar que qualquer manifestação violenta de escravos seria prontamente combatida. A polícia figura como força competente no combate a ações individuais e coletivas dos escravos, como na tentativa de insurreição conjunta de escravos de diversas fazendas de Campinas, no ano de 1871, onde o incitador da insurreição possuía grande quantidade de munição de guerra. Vide Anexo 3, página 149. Neste mesmo exemplo, pode-se observar o real medo de uma grande revolta de escravos, e a necessidade do uso da força para combater e manter a ordem.

Encontrou-se uma passagem em que um escravo figura como vítima de um senhor cruel. Trata-se do relato do chefe de polícia João Guilherme de Aguiar Whitaker, inserido em relatório publicado em 1864B (p.5). Ali, ele descreve como o tenente-coronel Joaquim Pereira de Toledo castigou brutalmente e espancou até a morte um escravo seu, André, e depois mandou pendurar seu cadáver pelo pescoço em uma árvore, com o fim de simular suicídio. O chefe de polícia também denuncia a inação do ex-delegado de polícia e da promotoria pública, que pouco haviam feito a respeito. Comenta ainda que o crime fora considerado revoltante. A página do relatório está reproduzida no Anexo 4, página 153.

Os suicídios nos relatórios

Os dados sobre suicídios passam a ser mencionados nos relatórios a partir do publicado no ano de 1862A em tabelas onde existem outros tipos de crimes, tais como “Tirada ou fuga de presos”, “Roubo”, “Damno”, entre outros. (Vide Anexo 5, página 155)

No relatório publicado no ano de 1864D, os dados de suicídio e os demais crimes passam a ser mencionados em uma seção denominada “Administração da Justiça”. Em 1865, no segundo relatório publicado neste ano (1865A) e nos anos de publicação de 1868 e 1870, os suicídios vigoram no item “Crimes e Fatos Notáveis”. Para o ano de 1869, os suicídios deixam de ser arrolados juntamente com os crimes, sendo citados juntamente a fatos extraordinários que tenham ocorrido, como incêndios. A partir de 1871 a seção “Fatos Notáveis” se consolida, ocorrendo no texto de todos os demais relatórios, de 1871 a 1888.

A seguir é reproduzido trecho do Relatório Provincial do ano de 1874. Pode-se observar as causas atribuídas aos suicídios da população livre e escrava. Este é bastante detalhado, trazendo dados como o número total de suicídios, o número de tentativas, detalhamento do sexo, da nacionalidade, dos meios empregados nos casos de suicídio e de tentativa. Porém, em geral as informações dos relatórios não são tão completas assim.

Factos notaveis

SUICIDIOS

No decurso do anno passado houve 20 suicidios ; sendo 9 de pessoas livres, todas do sexo masculino ; 7 nacionaes e 2 estrangeiros ; e 11 escravos, sendo 9 homens e 2 mulheres.

Os meios empregados forão os seguintes :

Por estrangulação	12
Asphixia por submersão	3
Arma branca	3
Dita de fogo.	2

Total. . .	20
------------	----

Houve duas tentativas, uma com propinação de veneno e outra com arma branca.

Actuáráo como causas a alienação mental, desarranjos commerciaes, desgostos na vida domestica, a embriaguez ; e nos escravos, desgosto do captiveiro e receio de castigos excessivos.

Anexo ao relatório redigido pelo chefe de polícia Joaquim José do Amaral, página S1-22. In: Relatório apresentado á Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo pelo presidente da província, o exm. sr. dr. João Theodoro Xavier em 5 de fevereiro de 1874. S. Paulo, Tip. Americana, 1874.

Síntese dos dados obtidos dos Relatórios Provinciais de São Paulo

A pesquisa buscou dados sobre suicídios, em especial os ocorridos entre os escravos e ex-escravos.

Outros aspectos também foram selecionados para leitura, como dados sobre a população, imigração, exportação, importação, estado sanitário da província, contingente militar, detalhes sobre as ferrovias da província, entre outros, no sentido de estabelecer o contexto histórico mais amplo e auxiliar a interpretar os dados recolhidos.

É importante observar que em alguns casos os relatórios são publicados com anexos, redigidos pelos chefes de polícia. Na base de dados consultada, eles são colocados em separado. Assim, nestes casos, optou-se por identificar estes relatórios com letras. Ao todo, são 2 relatórios, 1863A e 1865A.

Há casos em que foram realizadas reuniões extraordinárias da Assembléia, resultando assim em mais de um relatório publicado por ano. Estes casos também foram diferenciados por letras. Foram encontrados dados sobre suicídio em apenas um relatório originado de uma reunião extra-ordinária da Assembléia, na data de 7 de dezembro de 1878. Este relatório foi diferenciado dos outros também através do incremento de uma letra, tornando-se o Relatório “1878E”. É importante ressaltar que os dados sobre suicídio deste relatório se referem a este mesmo ano, 1878.

Este relatório é o único cujos dados se referem ao ano de publicação, já que para todos os outros utilizados nesta pesquisa, os dados se referem ao ano anterior da publicação do relatório. Mais detalhes podem ser observados no Anexo 6, página 157, que contém todas as datas dos relatórios, os presidentes da província e a natureza da seção da Assembléia.

Foram examinados 118 relatórios, editados entre 1838 e 1888, já que existem vários anexos publicados em separado e para alguns anos há mais de um relatório publicado.

Nos relatórios editados entre 1838 e 1861 não foram localizadas informações sobre suicídios. Em vinte e dois relatórios, publicados entre 1862 e 1888, existem estatísticas ou referências de suicídios, sendo que apenas parte deles traz a condição do suicida, se livre ou escravo. Nestes, não se encontrou a categoria “liberto”, mas apenas “escravo” ou “livre”, sendo que indicações sobre origens africanas dos escravos inexistem.

As estatísticas compiladas registraram 179 casos de suicídios e 16 tentativas (195 ocorrências), acontecidos entre 1861 e 1887. O resumo dos casos de suicídio está nas Tabelas 1 e 2. Observe-se que a coluna “Total” da Tabela 1 inclui livres, escravos e casos sem condição registrada.

Tabela 1- Relatórios Provinciais de São Paulo: suicídios (1861-1887).

Ano	Livres	Escravos	Total
1861	1	-	1
1862	-	-	4
1864	3	6	9
1867	-	-	3
1868	-	-	7
1869	-	-	2
1870	6	11	17
1871	-	-	12
1872	17	16	33
1873	9	11	20
1878	11	11	22
1879	4	7	11
1880	2	1	3
1883	5	4	9
1884	9	6	15
1885	6	2	8
1886	-	-	1
1887	1	1	2
Total	74	76	179

Fontes: Relatórios dos Presidentes da Província de São Paulo publicados em: 1862, 1863A, 1865A, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1878E, 1880, 1881, 1884, 1885, 1886, 1887 e 1888, relativos aos anos de: 1861, 1862, 1864, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1878, 1879, 1880, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887,

Tabela 2- Total de casos de suicídio entre livres e escravos (1861 a 1887)

Total de casos, anos de 1861 a 1887	
Livres	74 (41%)
Escravos	76 (42%)
Sem a condição	29 (17%)
Número de casos com condição (livres ou escravos)	150 (84%)
Número total de casos	179

Observe-se que, embora constem 16 tentativas de suicídio nas estatísticas publicadas em 1863A (4 casos), 1865A (5 casos), 1873 (1 caso), 1874 (2 casos) não há discriminação da condição, havendo apenas para os anos de 1881 (2 casos de livres) e 1888 (2 casos de livres). Em função destes registros irregulares, optou-se por trabalhar apenas com os casos de suicídios efetivados.

Tabela 3- Tentativas de suicídio (1862 – 1887)

Ano	Total
1862	4
1865	5
1872	1
1873	2
1880	2 livres
1887	2 livres*, sendo: Um alemão. Um preso da cadeia
Total	16

Fonte: Relatórios Provinciais de São Paulo, anos de 1863A, 1865A, 1873, 1874, 1881 e 1888, referentes aos anos de: 1862, 1864, 1872, 1873, 1880, 1887

A condição social está presente em 150 casos, todos de suicídios efetivados, ocorridos entre 1861 e 1887. Trazem a condição dos suicidas os documentos publicados em 1862, 1865A, 1871, 1873, 1874, 1878E, 1880, 1881, 1884, 1885, 1886 e 1888 (referentes respectivamente aos anos de 1864, 1870, 1872, 1873, 1878, 1879, 1880, 1883, 1884, 1885 e 1887).

Para 1861, encontrou-se 1 registro de suicídio de pessoa livre; em 1864, foram registrados 9 suicídios, sendo 6 de escravos e 3 de livres (totalizando 10 casos na década de 1860).

Vê-se que os dados apresentam continuidade apenas depois de 1870. Assim, entre 1870 e 1887, foram identificados 140 casos, sendo 70 de pessoas livres (50%) e 70 de escravos (50%). A Tabela 4 resume os dados obtidos do período 1870-1887, apenas para suicídios.

Tabela 4- Relatórios Provinciais de São Paulo. Suicídios segundo condição (livres ou escravos), 1870-1887.

Anos	Livres	Escravos	Total
1870	6	11	17
1872	17	16	33
1873	9	11	20
1878	11	11	22
1879	4	7	11
1880	2	1	3
1883	5	4	9
1884	9	6	15
1885	6	2	8
1887	1	1	2
Total	70 (50%)	70 (50%)	140 (100%)

Fontes: Relatórios dos Presidentes de Província da São Paulo, publicados em 1871, 1873, 1874, 1878E, 1880, 1881, 1884, 1885, 1886 e 1888.

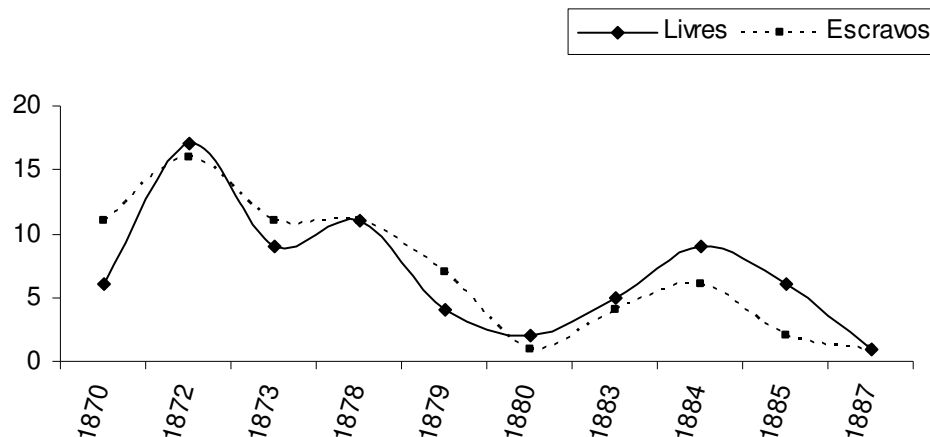


Gráfico 1- Relatórios Provinciais de São Paulo. Suicídios segundo condição (livres ou escravos), 1870-1887

Nos relatórios, não se diferenciam sistematicamente os meios usados nos suicídios conforme a condição, de maneira que a Tabela 5, a seguir, mostra os dados de livres e escravos, conjuntamente, nos 132 casos em que a informação existe:

Tabela 5- Relatórios Provinciais de São Paulo. Meios utilizados nos suicídios (1870-1887).

Meios utilizados	Anos										Total
	1870	1872	1873	1878	1879	1880	1884	1885	1886	1887	
Enforcamento	5	13	12	13	3	2	4	1	1		54 (41%)
Afogamento	8	15	3	4	3		3	3		1	40 (30%)
Arma de fogo	2	4	2	3	4	1	8	3		1	28 (21%)
Arma branca	2		3	1				1			7 (6%)
Outros*		1		1	1						3 (2%)
											132

*Outros. 1872: 1 caso de ferimento não especificado; 1877: 1 caso de esmagamento por trem; 1879: 1 caso de envenenamento.
Referentes aos relatórios publicados em: 1871, 1873, 1874, 1878E, 1880, 1886, 1885, 1881, 1887, 1888

Com relação às motivações atribuídas aos suicidas, os relatórios trazem poucas informações e elas são genéricas. As Tabelas 6, 7 e 8 trazem os dados obtidos.

Tabela 6- Relatórios Provinciais de São Paulo. Escravos. Motivações atribuídas aos suicídios.

Motivações	Anos					
	1873	1878	1879	1883	1884	1887
Desgostos do cativo	SN*	3	1	4	4	
Receio de castigos excessivos	SN					
Não conhecidas/ ignoradas						1

* SN: sem número especificado

Relatórios publicados nos anos de: 1874, 1878E, 1880, 1884, 1885, 1888

Tabela 7- Relatórios Provinciais de São Paulo. Livres. Motivações atribuídas aos suicídios.

Motivações	Anos			
	1873	1878	1883	1887
Alienação mental	SN*	5	5	
Desgostos na vida doméstica	SN	1		
Embriaguez	SN			1

* SN: sem número especificado

Relatórios publicados nos anos de: 1874, 1878E, 1884, 1888

Tabela 8- Relatórios Provinciais de São Paulo. Motivações atribuídas aos suicídios sem condição especificada.

Motivações	Anos		
	1879	1880	1884
Não conhecidas/ ignoradas	9	2	8
Desgostos na vida doméstica		1	2
Alienação mental	1		
Paixão amorosa			1

Relatórios publicados nos anos de: 1880, 1881, 1885

Jornal Gazeta de Campinas

Em fins da década de 1930, Gilberto Freyre parece ter sido um dos primeiros a utilizar sistematicamente jornais como fontes para a história da escravidão, em “O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império”, demonstrando as possibilidades deste tipo de fonte. Foram analisados anúncios de jornais do Rio de Janeiro e de Pernambuco, destacando, entre outros aspectos, as indicações sobre deformidades ou deficiências físicas e marcas de castigos no corpo de escravos anunciados como fugitivos (Freyre, 1988 [1937]).

Lília Moritz Schwarcz (1987) apresentou um estudo histórico-antropológico, em sua obra “Retrato em branco e negro”, sobre as diversas imagens do negro veiculadas pelas notícias publicadas em três importantes jornais de São Paulo, o ‘Correio Paulistano’, a ‘Província de São Paulo’ e a ‘Redenção’, no fim do século XIX. No capítulo da discussão, serão comentados os achados desta autora com relação aos da presente pesquisa.

Conforme indicado no capítulo I, nas duas teses que se ocuparam do suicídio entres escravos, na província da Bahia e na cidade de Juiz de Fora (Ferreira, 2004b e Amoglia, 2006, respectivamente), os pesquisadores utilizaram notícias de jornais de forma sistemática. O mesmo foi feito na presente pesquisa, em que se observou que as notícias publicadas podem informar não só sobre a frequência dos eventos mas também sobre as visões sociais correntes sobre o suicídio, em especial o cometido por cativos.

A Gazeta de Campinas teve sua publicação iniciada em outubro de 1869, terminando em setembro de 1890, e se destaca como um dos jornais locais mais duradouros do período. Fundada pelo advogado Francisco Quirino dos Santos, inicialmente tinha circulação semanal, depois bi-semanal (Lapa, 1996, p.27; p.124; p.181); com o tempo, tornou-se um jornal com duas folhas (quatro páginas) e, a partir de agosto de 1875, passou a ter circulação diária (Gazeta de Campinas, 26 de agosto de 1875).

O jornal era de linha republicana e da sua redação, além de Quirino, fizeram parte o ainda jovem Campos Sales, futuro presidente da República (1898-1902), e o abolicionista Francisco Glicério, entre outros nomes que se destacariam no Partido Republicano Paulista, fundado em 1873. Esta vocação política do jornal é indicada por um cronista da cidade: "Os casos de administração geral, provincial e municipal, não raro consistiam objeto de editoriais firmados por um dos três redatores" [João Quirino, Jorge Miranda e Campos Sales] (Brito, 1958, p.120).

Ressalte-se que o fato da Gazeta ser um jornal republicano, e mesmo o de contar com colaboradores abolicionistas, não implica seu alinhamento automático à causa da emancipação imediata ou incondicional dos escravos, pois se sabe que o partido continha tanto fazendeiros escravistas quanto partidários da abolição, mantendo uma posição ambígua a respeito do palpitante assunto, posição esta observada ainda em outro importante periódico ligado aos republicanos, a 'Província de São Paulo' (Toledo, 2003, p.417), depois chamado o 'Estado de São Paulo'.

A Gazeta trazia informações locais e regionais, além de reproduzir algumas de outros jornais brasileiros e estrangeiros. Era dividida em seções, tais como notícias, anúncios, cartas dos leitores, publicações "a pedido" e editoriais. Na segunda página, encontrava-se a seção "Notícias" ou "Noticiário", onde eram publicadas principalmente notas curtas sobre acontecimentos relacionados à região de Campinas, bem como avisos sobre espetáculos musicais e teatrais, desastres, nomeações, festas, pessoas importantes que partiam da cidade ou a ela chegavam, gente que "enlouquecera", "atos louváveis" (de filantropia, de libertação de escravos), fatos curiosos, etc. Nesta seção encontramos as notícias de suicídio, tanto de escravos quanto de pessoas livres.

O jornal foi pesquisado em edições de 18 anos consecutivos, do ano de 1870 – início do acervo microfilmado do Arquivo Edgar Leuenroth – até 1887⁸ (exceto o ano de 1881, ausente do arquivo; nesta coleção há somente um número

⁸ O trabalho de levantamento e cópia das notícias da Gazeta de Campinas contou com a importante colaboração de Luciana Piedemonte, e posteriormente de Beatriz Gabrinha, ambas alunas de graduação em medicina, participantes de projeto de iniciação científica supervisionado pela orientadora desta dissertação.

de 1888). Todas as notícias sobre suicídios foram identificadas, sendo que se trabalhou em detalhes com aquelas referentes ao suicídio de escravos e ao de pessoas livres da província de São Paulo. Os resumos destas notícias encontram-se nos anexos 7 (escravos) e 8 (livres), páginas 163 e 180.

A ortografia das notícias transcritas foi atualizada, no sentido de facilitar a leitura, exceto nos casos de nomes próprios e topônimos.

Em geral, a maioria das notícias sobre os escravos e sobre a camada mais humilde da população tende a ser objetiva, ir direto ao ponto, e citar somente detalhes mais importantes do caso. Para os livres pobres (trabalhadores), dados como o nome, a nacionalidade, a ocupação, o local e o meio utilizado para o suicídio são listados com frequência. Para os escravos, o nome do senhor, o nome do escravo, o local e o meio escolhido para se matar são quase sempre colocados. As notícias transcritas a seguir ilustram o estilo de redação citado:

Suicídio – no dia 11 do corrente, foi encontrado enforcado, já em estado de putrefação adiantada, nas matas da fazenda Taquaral, do Sr. Capitão Francisco de Paula Bueno, o seu escravo Cypriano, que tinha fugido fazia alguns dias. A autoridade procedeu ao auto de corpo de delito.

(15 de fevereiro de 1877)

Suicídio – ontem, as 8 e meia horas da manhã, suicidou-se, atirando-se a um poço do quintal da casa de seu senhor, a escrava Francisca, pertencente ao Sr. Antonio Joaquim Gomes Tojal.

(06 de fevereiro de 1880)

Piracicaba – a 13 deste mês, na fazenda do Sr. Fernando Augusto Nogueira, por motivo que ignoramos, enforcou-se a sua escrava de nome Laurentina, de 19 anos, solteira. Sendo encontrada morta, veio o cadáver remetido à autoridade, juntamente com a corda, de que fez uso a suicida.

(20 de outubro de 1882)

Suicídio – anteontem chegou à cidade o cadáver de Felisberto Claro d'Escobar, lavrador do nosso município, propenso, há tempos, a desarranjos mentais, que suicidou-se disparando um tiro de revólver. A polícia tomou logo indagações sobre lamentável ocorrência e procedeu o corpo de delito.

(14 de setembro de 1871)

Tentou suicidar-se - Na capital, no dia 5, o súdito português Manoel Pereira Neves, tentou suicidar-se, atirando-se ao rio Tamanduatehy, sendo obstado no seu intento por um guarda urbano. Declarou que motivos de família o levaram a tentar contra a própria existência.

(08 de outubro de 1887).

Em 4 das notícias, nota-se a indicação sobre os procedimentos legais realizados pela polícia, como investigação do ocorrido e auto de corpo de delito, a fim de verificar a causa do óbito ou as lesões corporais. Em boa parte das notícias aparece este dado, seja para livres ou escravos.

Quando o fato parece ter provocado reprovação social, os editores expressam isso; no caso a seguir, eles enfatizam que o tratamento dado aos escravos pelo senhor nada tem a ver com a ação da mãe que se afogou, levando junto a pequena filha de 5 anos, liberta, apenas por “nímia malvadeza”.

Suicídio e homicídio – no dia 7 do corrente, em um sítio do nosso amigo Sr. Amador Bueno Machado Florence, uma sua escrava suicidara-se por imersão em tanque, para onde levaria perversamente consigo uma filha de 5 anos liberta por aquele nosso amigo; emergiram ambos já cadáveres. Somos perfeitamente informados que só por nímia malvadeza praticara ela aquele tamanho atentado

(13 de fevereiro de 1873)

Escravos domésticos, mais próximos das famílias dos proprietários e supostamente sendo mais bem tratados, parecem provocar certa perplexidade quando se matam, como se vê nos casos da tentativa da “escrava lavadeira, muito estimada de seus senhores” em que se ignorava “o que desse causa a semelhante ato de desespero” (01 de dezembro de 1875), ou no de Gertrudes, que se matou por afogamento em uma fazenda de Campinas “sem motivo algum, porquanto era muito estimada na casa, e mesmo nada tinha havido que desse lugar a tal acontecimento” (13 de dezembro de 1876). Ou ainda o de Alípio, pajem de 16 anos de idade, que numa fazenda de Tietê suicidou-se com um tiro de espingarda, caso em que não se sabia o que levava “aquele infeliz a cometer esse ato de loucura, pois era muito estimado de seus senhores” (18 de novembro de 1879).

Já com relação a um caso de suicídio coletivo familiar, ocorrido em Atibaia, não aparece espanto, ou mesmo condenação explícita, quanto ao fato de escravas matarem-se, supostamente, “por não quererem acompanhar seu novo senhor, fazendeiro” que as viera buscar:

Suicídio – lê-se no Bragantino: consta-nos que no município do Atibaia, no dia 5 para o 6 do andante, suicidaram-se, atirando-se a um tanque 4 escravas, sendo 2 mães e 2 filhas; tentando suicidarem-se mais 3, que foram imediatamente socorridas. Segundo informaram-nos foram levadas àquele ato de desespero por não quererem acompanhar seu novo senhor, fazendeiro, residente no município do Amparo, que as veio buscar. Ignoramos os pormenores do fato.

(18 de abril de 1879)

Outro caso de resistência à mudança forçada é noticiado em 08 de setembro de 1878, em que se desconfiava que uma escrava suicidara-se “por não querer ir para a fazenda, porque era bem tratada”, por isso afogara-se em um poço do quintal da casa do senhor. Ao contrário de João, escravo de um negociante, que queria se mudar e “ser vendido com outros companheiros que iam para Rio Claro”, e “como não viu realizado este desejo, revoltou-se e resistindo a força que intentou prendê-lo, resolveu suicidar-se” com uma faca, mas foi socorrido a tempo (22 de março de 1877).

Escravos que se suicidavam estando em fuga, por ocasião da captura, tem implicitamente o ato atribuído ao desejo de não retornarem ao cativeiro. Alguns exemplos são o de Philippe que “estando fugido feriu-se com uma faca, na ocasião de ser preso por ordem de seu senhor”, sendo levado ao hospital em grave estado (09 de fevereiro de 1879) e o de Antônio que, tendo fugido da fazenda de seu senhor e sendo encontrado em outra fazenda, vendo que era preso “puxou de uma faca que trazia e com ela ofendeu-se gravemente” (03 de dezembro de 1879). Situação semelhante foi a de um escravo que estava fugindo e matou outro escravo que o ia prender, a seguir tentando se matar “fazendo sobre o pescoço e ventre ferimentos reputados mortais.” (23 de outubro de 1879).

No caso seguinte, a atribuição da morte à opção entre fuga e suicídio aparece:

Suicídio - Ontem de manhã o escravo Manoel, pertencente ao sr. barão de Ibitinga, por motivos que ignoramos, disparou quatro tiros de revólver na cabeça, e vibrou uma terrível navalhada na garganta, pondo assim termo aos seus dias. Manoel tinha dito anteriormente a algumas pessoas que ia suicidar-se ou fugir, e optou pelo mais terrível alvitre.

(08 de dezembro de 1887)

Há vários casos de suicídios de escravos relacionados a situações de prisão e de condenação judicial (ou possibilidade de condenação) por crimes graves, como homicídio. Como o do réu Elesbão, escravo do Barão de Grão Mogol, preso por assassinar a mulher de feitor, em Rio Claro; pouco antes de entrar em julgamento, ele foi encontrado pelos guardas “caído, de bruços, com a roupa toda ensangüentada.” Informa a nota que “Elesbão, sem que os seus companheiros de prisão vissem, quebrara um vidro do lampião, e com ele fizera sobre o pescoço uma grande incisão. O ferimento foi julgado mortal. Este incidente fez adiar o seu julgamento.” (12 de setembro 1882).

O escravo Ambrósio, de Campinas, que “se achava cumprindo sentença de ferro ao pescoço por dois homicídios e uma tentativa de homicídio”, deu fim à vida com um “profundo golpe sobre o pescoço com uma pequena folha de faca”. Segundo o jornal, “já por diversas vezes na cadeia, tentou ele dar-se a morte por esse meio e afinal logrou o desastrado intento.” (15 de outubro de 1874).

Outro caso de suicídio de escravo condenado é o de Adão, que em Mogi-Mirim se enforcou “nas grades internas da prisão, onde se achava, tendo rasgado umas calças para fazer a corda com que estrangulou-se”. Adão “no dia anterior tinha sido condenado a galés perpétuas pelo assassinato praticado na pessoa de empregado de seu senhor”. Comenta-se: “É inexplicável este procedimento, tendo obtido este escravo a pena que desejava; atribui-se ao desgosto de ter de abandonar os seus companheiros do crime.” (03 de setembro de 1879).

Já o escravo João Joaquim retornara há pouco à fazenda de origem, em Piracicaba, após cumprir “sentença de açoites pelo crime de morte praticado em outra escrava”, e ali “terminou a existência enforcando-se com um lençol” (19 de maio de 1883).

Somente a suspeita de crime é indicada como motivação do suicídio da jovem mulata Escolástica, que morava com sua senhora na Rua do Comércio, em Campinas, que se teria matado por “ter-se descoberto que ela fizera um roubo no

mercadinho do qual a acusara à sua senhora a uma outra escrava sua conhecida”, afogando-se no poço da casa em que morava (05 de outubro de 1877). E também de “um escravo” que teria dado com canivete repetidos golpes sobre o pescoço, ficando em estado grave, por “ter se desconfiado ou verificado que ele propinara veneno a um parceiro (...) que falecera” (08 de junho de 1873).

Suicídios de cativos relacionados à paixão amorosa contrariada só aparecem em duas notícias. Na única notícia referida a ocorrência de suicídio escravo fora da província de São Paulo, lê-se:

Assassinato e suicídio - escrevem à Província de Minas, de Ouro Preto: no dia 11 de março p.p., na fazenda do padre Miguel José de Moraes, distrito da vila do Carmo de Parnahyba, o escravo Januário assassinou sua parceira Bárbara com muitas facadas, porque desejando com ela casar-se, soube que estava contratada com outro parceiro. O assassino evadindo-se, passados cinco dias foi encontrado enforcado em uma árvore. Estes escravos eram da propriedade do sr. Francisco Antonio de Moraes.

(06 de maio de 1879)

Na mesma linha, há o caso de Paulino, escravo do Barão de Itapura (de Campinas) que, “sentindo-se magoado pelo demônio do ciúme”, tentara assassinar a escrava Rita, ferindo-a no pescoço com “uma velha faca de mesa”, a mesma com a qual cortou “a veia carótida”, falecendo imediatamente, como se vê na reprodução abaixo:

Assassino e suicida

— Na fazenda *Dois Corregos*, pertencente ao sr. barão de Itapura deu-se ante-hontem uma scena criminoso.

Um escravo de nome Paulino, sentindo-se magoado pelo demonio do ciume, tentou assassinar a escrava Rita, ferindo-a no pescoço com uma velha faca de mesa.

Depois que a viu coberta de sangue, que corria dos ferimentos, pôz termo á sua existencia, cortando com a mesma arma a veia carotida.

Morreu instantaneamente.

O corpo foi conduzido para esta cidade e a policia mandou proceder ao preciso exame no cadaver, servindo os rs. drs. Guilherme da Silva e Sergio Meira.

Os ferimentos da escrava foram considerados leves.

Quando se trata de notícias de suicídio de livres de camadas mais abastadas ou influentes da sociedade, como comerciantes ou fazendeiros, encontramos diferenças importantes na narrativa das notícias. Muitas vezes, a objetividade sai de cena e as notícias adquirem um certo ar de romance. Os pormenores do caso são citados, os motivos indagados ou comentados, há frases de pesar pela morte do indivíduo, condolências às famílias, etc.

Suicídio - Domingo 10, pelas 9 horas da noite, suicidou-se com um tiro de revólver no ouvido direito o antigo e bem conceituado negociante d'esta praça Joaquim Isique. Segundo urna declaração que deixou do próprio punho pôs termo a seus dias por causa das enfermidades que sofria havia anos, e de que julgava no poder sarar.

Tinha 60 anos pouco mais ou menos, era natural de Gibraltar e fizera testamento nas notas do tabelião José Henrique de Pontes.

Deixou dois filhos e uma filha, dos quais o mais novo ha tempos lhe sucedera no negocio de fazendas que tinha á rua do Rosário. Na ocasião do sinistro só estava em casa um mocinho caixeiro a quem entregou as chaves de suas caixas e papéis, momentos antes de encerrar-se no quarto, onde, além do revólver, preparara também uma navalha de barba, que se achou aberta sobre a mesa, perto da cabeceira.

Deitou-se, e perpetrou esse ato de desespero, que lançou na consternação seus extremosos filhos.

A eles nossos sinceros pêsames.

(14 de janeiro de 1875)

Mas há também notícias breves, como “Suicidou-se no Amparo, disparando um tiro na cabeça o importante fazendeiro Albano Franco de Godoy” (05 de março de 1887).

Outro exemplo pode ser visto na transcrição da longa nota sobre o suicídio de Epiphanio Gomes de Abreu, ocorrido em 1877. Ele era amigo de “diversos cavalheiros distintos” e deixou um bilhete ao Dr. Moraes Salles, conhecido político. Há a enfática defesa da honestidade do suicida, que teria sido injustamente questionada “pela imprensa” (o jornal concorrente?). Fica-se sabendo também que o suicida, pouco antes de morrer, “bondosamente” registrara em cartório a paternidade de um “afilhado” seu, filho de uma escrava.

Suicídio – Ontem pelas 11 horas da manhã mais ou menos suicidou-se nesta cidade o Sr. Epiphanio Gomes de Abreu, dando um tiro de revólver no coração. Este desditoso moço era o zelador do cemitério municipal, em cujo emprego serviu durante muito anos, dando constantes provas de sua dedicação e amor ao trabalho. Ultimamente, tendo ele de prestar contas à Câmara fez ver com toda a lealdade e uma franqueza não vulgar, que existia em seu poder um saldo a favor da mesma Câmara. Esta declaração que só por si constituía o mais eloqüente atestado de honra desse moço,

deu lugar a uma discussão pela imprensa em que de um lado era posta em contestação a sua honestidade. Enquanto isto se passava, diversos cavalheiros distintos desta cidade tratavam entre si de fornecer a este infeliz empregado a quantia necessária para liquidar o saldo que ficara a dever à Câmara. Ele, porém, profundamente impressionado, por ver-se assim atacado na sua honra e convicto de haver por isso decaído da estima e do conceito público que sempre gozara, tomou a extrema resolução de pôr termo aos seus dias. É isso que se depreende de uma carta que à última hora dirigiu ao seu amigo Dr. Moraes Salles, da qual extraímos o seguinte trecho: “Deus lhe há de agradecer os benefícios que nos tem feito e especialmente à minha boa mãe, esses que nunca poderíamos pagar e pelos quais só confesso a minha gratidão. Peço-lhe que não me incrimine se eu cometo um ato de loucura, mas o que fazer? estou comprometido no meu emprego e vou ficar mal visto.”

O cadáver do infeliz Epiphanio foi encontrado dentro do cemitério municipal, lugar escolhido por ele para a perpetração desse ato de desespero, pois era ali mesmo que exercia o seu emprego. Tão lamentável acontecimento causou profunda sensação nesta cidade, onde o desditoso moço gozava de merecida estima pelas excelentes qualidades que o ornavam. Momentos antes de suicidar-se, foi Epiphanio ao cartório do escrivão Sr. César abrir um assento de nascimento de um afilhado seu, filho de uma escrava, ato esse que ainda prova o seu gênio bondoso e serviçal.

(27 de novembro de 1877)

Mas casos ocorridos com pessoas pobres também poderiam ter um tratamento mais demorado, talvez quando a trama de conflitos entre empregado e patrão interessasse aos leitores. Tal como o suicídio por enforcamento do colono alemão que trabalhava numa fazenda de café, e que teria se matado por ter ficado “magoado” com as “palavras ásperas” do proprietário:

Enforcado – na propriedade agrícola do sr. Henrique Faber, deste município, foi encontrado morto, enforcado pendente em uma árvore, o colono alemão de nome Germano Crabbenhoft, de 59 anos de idade. Pouco antes ele estivera com o seu patrão e segundo nos informam declarara não querer mais trabalhar ali, ao que replicou o seu patrão fazendo-lhe ver que ainda havia café a ser apanhado, não somente nas árvores como no chão. Este fato, como se depreende do depoimento de algumas testemunhas, provocou certo azedume, de parte a parte, tendo havido trocas de palavras mais ou menos ásperas. O que magoou profundamente o referido colono. Nessa ocasião Germano separou-se do patrão sendo poucas horas depois encontrado naquela triste maneira. O seu cadáver foi conduzido a esta cidade, procedeu ao exame os drs. Bento de Souza e Gaston. O infeliz deixa viúva e quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres. Ontem o sr. Delegado de polícia inquiriu a várias testemunhas a respeito desse fato.

(28 de setembro de 1883).

Interessavam também os suicídios com caracteres românticos, como o publicado em 1887:

Suicídio – Segundo lemos na folha local, deu-se em Sorocaba o suicídio do sr. Joaquim Rodrigues de Azevedo. Na noite de 29 foi ao cemitério e sobre a sepultura de sua senhora ingeriu estricnina e no dia seguinte ali encontraram-no de bruços e morto, com duas *sempre-vivas* na mão. Em um papel achado em sua casa lia-se: “Faz hoje 90 dias que Nicota morreu. Adeus, mundo. *Azevedo*.”

(05 de julho de 1887).

Sobre a relação da igreja católica com os suicidas alguns indícios podem ser obtidos das notícias. O já citado “antigo e bem conceituado negociante” estrangeiro Joaquim Isique encontrou as portas da igreja fechadas, sendo alegado

que “se não podia encomendar o corpo por constar que era de um protestante” (14 de janeiro de 1875), contra o que protestava o autor da notícia.

Já outra notícia parece indicar que a sanção religiosa ao sepultamento de suicidas em solo sagrado estava sendo relaxada, na década de 1880, pois menciona um local específico para “inumação dos suicidas” na cidade de Bragança Paulista, a “capelinha de Santa Cruz dos enforcados”, onde foi enterrada a jovem Antonia Maria das Dores, ali enterrada “com acompanhamento e música” (06 de setembro de 1882).

Suicídio de uma joven— Lê-se no *Guaripocaba*, de Bragança :
« No dia 29 do passado, pelas 5 horas da tarde, na casa n. 4 do largo da matriz desta cidade foi encontrada pendurada a uma corda e ainda palpitante uma mulher moça de nome Antonia Maria das Dôres, natural de Sorocaba, que vivia em companhia de Alexandre Domingues Teixeira, sargento do corpo policial aqui destacado.
Chamados os srs. delegado de policia e dr. Freitas, medico, não foi mais possível salvá-la, verificando-se que a infeliz se enforcára voluntariamente.
Consta-nos que o motivo que a levou a praticar semelhante acto de loucura fôra o ciúme.
No dia seguinte, teve lugar o seu enterro com acompanhamento e musica.
O cadaver foi sepultado na capellinha de Santa Cruz dos enforcados, lugar destinado á inhumação dos suicidas».

Se a maior parte dos suicidas merece certa seriedade no tom da escrita, em 1883 dois casos são tratados de forma bem jocosa. Ambos se referem a tentativas ocorridas em Santos, cometidas por pessoas não muito ilustres.

Na primeira, de 21 de julho de 1883, “um individuo conhecido por Manoel Bugre” tentara se matar atirando-se ao mar, sendo socorrido. Comentário: “São varias as causas a que se atribuem aquele ato de desespero: até se diz que

foi cousa que lhe deram a beber! E querem saber qual a cousa? Vinho com unha raspada! Que o vinho fizesse das suas vá; mas a unha...qual!"

Outra, de 21 de agosto de 1883, refere que "o súdito português" João Ferreira Azevedo Chaves, tentara matar-se ingerido uma dose de querosene, declarando ele "que tentou suicidar-se porque um indivíduo lhe havia chamado um nome com que ninguém ainda o xingou." O autor da nota brinca: "Ora, seu Chaves, pois então só por isso queria morrer?! Quem sabe se o querosene que ele ingeriu não é de Paraty?" (referindo-se à bebida alcoólica Paraty).

Mas nem sempre tentativas de suicídio por meios pouco usuais despertavam gracejos. Parece que o suicida Joaquim M. G. de Moura Lacerda era de família importante, já que merecera do capitão o destacamento de dois guardas para pernoitarem na sua residência "a fim de garantir a tranqüilidade da família". Informando que ele "em um momento de alucinação tentou suicidar-se com um garfo", o jornal acrescenta apenas "lamentamos sinceramente tão triste ocorrência" (08 de dezembro de 1887).

Ocasionalmente, se comenta sobre possíveis causas sociais do suicídio, tal como no caso de um moço de 24 anos de idade, que se matara no Recife, deixando um bilhete em que dizia: "Partidário como sou de Buckner, autor da Força e Matéria, por conseguinte materialista, mato-me. E por quê? Por desejar mais breve que devia ser saber o que se passa lá por cima." Comenta o editor da Gazeta:

Este documento prova suficientemente por si só que as faculdades intelectuais do infeliz estavam alteradas, devido isto, sem dúvida, a precoce leitura de livros, para cuja compreensão ainda não tinha o espírito bastante desenvolvido e cultivado.

(11 de junho de 1878)

Ainda sobre influência de leituras sobre a ocorrência de suicídios, em 1878 o jornal resume, sem comentar, a proposta dos médicos reunidos na seção de higiene e medicina legal do Congresso Médico de Pisa (Itália), em que estes pedem aos jornais que não publiquem notícias de suicídio, já que “a imprensa, prestando serviços assinaláveis ao progresso moral e material das nações contribui também para o aumento das mortes voluntárias trazendo em suas colunas as minudências dos suicídios” (15 de novembro de 1878).

De igual teor é a nota de 16 de outubro de 1883: “*Noticias de suicídio* – muitos jornais de Portugal resolveram não publicar mais as noticias de suicídio, visto que a sua leitura é um perigo e impressionam extraordinariamente as pessoas fracas (...).”

Mas parece que tais alertas não surtiram efeitos na própria Gazeta de Campinas, que continuou a noticiar suicídios e tentativas, e dar detalhes “técnicos” que pareciam interessar aos seus leitores. Como sobre o suicídio do Dr. Luiz Pientznauer, “formado em medicina e lente catedrático da cadeira de anatomia descritiva da Faculdade do Rio de Janeiro”, contando que ele “serviu-se para aquele ato de desespero de um bisturi com o qual feriu-se na região supraclavicular direita, o que lhe ocasionou morte instantânea.” (26 de setembro de 1880). Ou de “mais um suicídio” na Corte, do cabo de infantaria Vicente Ferreira de Palma que “lançou mão de uma carabina Comblain carregada com cartucho embalado, aplicou a boca da arma no estômago e com o auxilio do pé desfechou um tiro, saindo-lhe o projétil na região renal esquerda.” (11 de junho de 1887).

Dados obtidos das notícias da Gazeta de Campinas

Do total de 319 notícias sobre suicídios e tentativas identificadas nos números editados entre 1872 e 1887, 68 se referem a escravos, sendo relativas a 75 eventos ocorridos (já que duas notícias referem-se a mais de um caso),

publicadas entre 1872 e 1887. As notícias envolvendo pessoas livres em ocorrências na província de São Paulo foram 100, surgidas entre 1871 e 1887.

Com relação a pessoas livres, foram ainda identificadas 117 notícias em que os casos ocorreram em outra província brasileira, mais 5 casos em que não havia indicação do local, e também 29 casos do exterior (151 eventos).

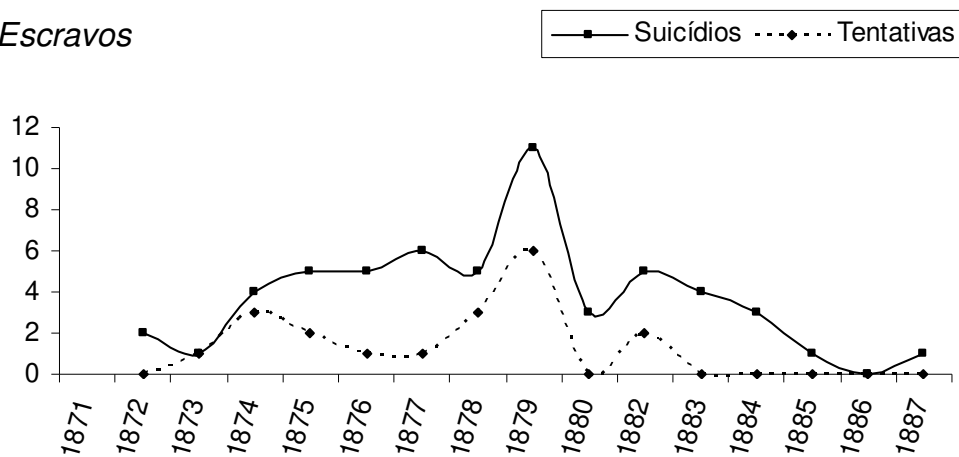
O número de casos noticiados variou bastante no período estudado, sendo que as notícias para os escravos se concentram entre 1874 e 1882, com um pico em 1879, diminuindo após 1882. Nos casos de pessoas livres da província, elas crescem após 1877, e se concentram de 1879 a 1887. A Tabela 9 mostra a distribuição anual dos casos ocorridos na província de São Paulo.

Tabela 9- Distribuição anual dos casos de suicídios e tentativas noticiados, segundo condição - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Ano	Escravos			Livres*		
	Suicídios	Tentativas	Total	Suicídios	Tentativas	Total
1871	---	---	---	2	0	2
1872	2	0	2	3	0	3
1873	1	1	2	2	0	2
1874	4	3	7	1	1	2
1875	5	2	7	2	0	2
1876	5	1	6	1	0	1
1877	6	1	7	2	4	6
1878	5	3	8	3	0	3
1879	11	6	17	4	2	6
1880	3	0	3	2	4	6
1882	5	2	7	6	4	10
1883	4	0	4	7	6	13
1884	3	0	3	9	1	10
1885	1	0	1	10	3	13
1886	0	0	0	7	4	11
1887	1	0	1	6	4	10
Total	56	19	75	67	33	100

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

Escravos



Livres

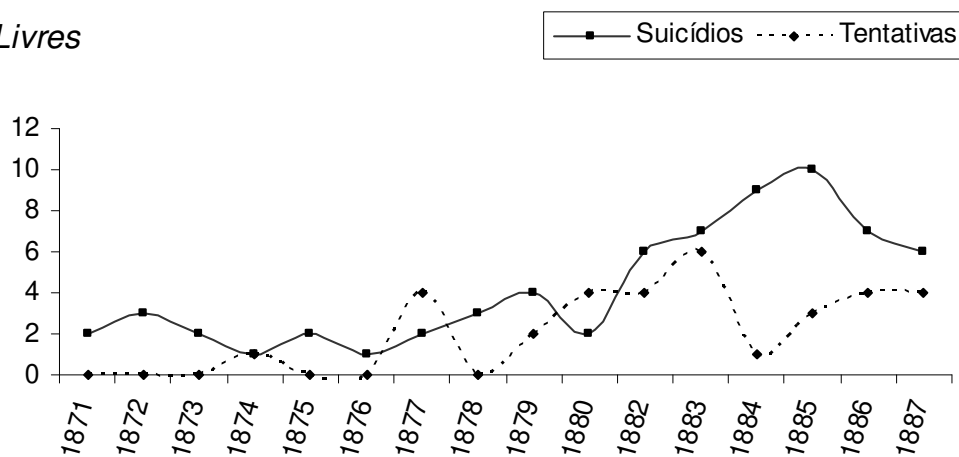


Gráfico 2- Distribuição anual dos casos de suicídios e tentativas noticiados, segundo condição - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Entre os 75 escravos, são de Campinas 48 casos (64%), 19 (25,3%) de outras cidades da província de São Paulo, não há informação em 7 casos (9,3%) e apenas um caso é de outra província, de Minas Gerais. Com relação a pessoas livres, dos 100 casos de suicídios e tentativas ocorridos na província de São Paulo, 36 (36%) foram em Campinas.

Observe-se que, com relação aos escravos alforriados, os “libertos”, foram encontradas somente duas notas em que eram mencionados, ambas referentes a Campinas. Uma informa o suicídio do “preto forro Thomaz Villa Nova” que, “num acesso de desarranjo mental, disparou em si em sobre o ventre uma pistola, ferindo-se com a carga” (08 de outubro de 1874). Na outra notícia, trata-se de caso em que o morto é um negro desconhecido, encontrado enforcado em uma chácara, não se sabendo se é escravo ou liberto, presumindo-se que fora suicídio (10 de dezembro de 1876).

A Tabela 10 resume a distribuição dos locais de ocorrência dos eventos noticiados.

Tabela 10- Local de ocorrência e condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Local	Escravos			Livres**		
	Suicídios	Tentativas	Ambos	Suicídios	Tentativas	Ambos
Campinas*	37 (66%)	11 (57,9 %)	48 (64%)	21 (12,4%)	15 (28,3%)	36 (16,2%)
Outras cidades	15 (26,8%)	4 (21%)	19 (25,3%)	46 (27,2%)	18 (34%)	64 (28,8%)
SP						
Outra província	1 (1,8%)	0	1 (1,3%)	100 (59,2%)	17 (32%)	117 (52,7%)
Não cita	3 (5,4%)	4 (21%)	7 (9,3%)	2 (1,2%)	3 (5,7%)	5 (2,2%)
Total	56 (100%)	19 (100%)	75 (100%)	169 (100%)	53 (100%)	222 (100%)

* Escravos. Campinas. Área rural: 25 casos; área urbana: 12 casos; área indefinida 11 casos.

** Apenas casos do Brasil.

Apenas para os escravos de Campinas foi possível inferir se o evento se deu na zona rural – pela menção a locais tais como “fazenda”, “chácara”, “matas”, etc. – ou na área urbana (quando se indica nomes de ruas, de estação de trem, “na cadeia”, ou a ocupação do senhor como comerciante).

Na área rural estariam 25 casos (51%), em área urbana 12 casos (25%) e em área não identificada 11 casos (25%). Na área rural ocorreu a maior parte dos suicídios (23 ou 62,1 % do total de 37 casos), enquanto as tentativas foram mais freqüentes na área urbana (5 ou 45,5% de 11 casos) e área não identificada (4 ou 36,4% de 11 casos). A imprecisão das notícias não permite fazer o cálculo para as demais cidades da província.

Com relação à distribuição por sexo, os homens predominam nos suicídios e nas tentativas, entre escravos e livres.

Entre os escravos, para ambos eventos (75) são 48 homens (64%) e 27 mulheres (36%). Nos 56 suicídios são 34 homens e 22 mulheres (60,7% e 39,3%, respectivamente); nas 19 tentativas, 14 homens (73,7%) e 5 mulheres (26,3%).

Entre pessoas livres, para os dois eventos (100) são 94 homens (94%) e há apenas 6 mulheres (6%). Nos 67 suicídios são 64 homens (95,5%) e 3 mulheres (4,5%); nas 33 tentativas, 30 homens (91%) e 3 mulheres (9%). A Tabela 11 mostra os resultados.

Tabela 11- Sexo e condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Sexo	Escravos			Livres*		
	Suicídios	Tentativas	Total	Suicídios	Tentativas	Total
Masculino	34 (60,7%)	14 (73,7%)	48 (64%)	64 (95,5%)	30 (91%)	94 (94%)
Feminino	22 (39,3%)	5 (26,3%)	27 (36%)	3 (4,5%)	3 (9%)	6 (6%)
Total	56 (100%)	19 (100%)	75 (100%)	67 (100%)	33 (100%)	100 (100%)

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

Sobre os procedimentos legais de investigação sobre a morte (inquérito e “auto de corpo de delito”, ou seja, exame pericial no cadáver ou no suicida sobrevivente), as notícias informam sua existência em 21 casos das notícias de suicídio entre escravos, sendo que em 18 casos os procedimentos investigativos são informados de maneira vaga, ou não citam especificamente a realização de um exame pericial. Entre os livres, a informação se encontra em 14 casos de suicídios e 2 de tentativas. Em 14 casos os procedimentos das autoridades ocorrem da mesma maneira que para os escravos, ou seja, as ações da polícia não informam a realização de um exame de corpo de delito. Exemplos: “as autoridades receberam a denúncia”, ou “a polícia procedeu às diligências legais”. Ao todo, 70 casos não possuem nenhuma menção a investigações policiais, nem exames ou citações quaisquer à polícia, como se vê na Tabela 12.

Tabela 12- Procedimentos das autoridades, segundo condição, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

	Citados com exame pericial		Não citados	
	Escravos	Livres	Escravos	Livres
Suicídios	18	14	23	44
Tentativas	3	2	13	26
Total	21	16	36	70
	(28%)	(16%)	(48%)	(70%)

Os meios mais comumente usados pelos escravos nos suicídios e tentativas tomados conjuntamente, foram o enforcamento (24 ou 32%), o afogamento (23 ou 31%) e o uso de arma branca (17 ou 22%). Nos suicídios, enforcamento (23), afogamento (18) e uso de arma branca (8) – 39%, 32% e 14%, respectivamente; e uso de arma de fogo (4 ou 7%). Nas tentativas, o meio mais comum foi o uso de arma branca (9 ou 47%), seguido de afogamento (5 ou 27%).

Entre os livres, no conjunto de suicídios e tentativas, os meios mais freqüentes foram o uso de arma de fogo (37 ou 37%), de enforcamento (24 ou 24%), de envenenamento e arma branca (9 ou 9% cada) e de afogamento (8 ou 8%). Nos suicídios, uso de arma de fogo (26), de enforcamento (21) e de

afofamento (6) – 38,8%, 31,3% e 8,9%, respectivamente. Nas tentativas, dividem-se os meios entre arma de fogo (11 ou 33,3%), arma branca (7 ou 21,2%), envenenamento (5 ou 15,1%), enforcamento e uso de instrumento perfurante (3 ou 9,1% cada), afofamento (2 ou 6,1%)

Tabela 13- Meios utilizados segundo condição nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Meio utilizado	Escravos			Livres*		
	Suicídios	Tentativas	Ambos	Suicídios	Tentativas	Ambos
Enforcamento	23 (39,3%)	1 (5,2%)	24 (32%)	21 (31,3%)	3 (9,1%)	24 (24%)
Afofamento	18 (32,1%)	5 (26,4%)	23 (30,7%)	6 (8,9%)	2 (6,1%)	8 (8%)
Arma branca	8 (14,3%)	9 (47,4%)	17 (22,6%)	2 (2,9%)	7 (21,2%)	9 (9%)
Arma de fogo	4 (7,1%)	0	4 (5,3%)	26 (38,8%)	11 (33,3%)	37 (37%)
Instrumento perfurante	1 (1,8%)	1 (5,2%)	2 (2,7%)	1 (1,5%)	3 (9,1%)	4 (4%)
Envenenamento	0	0	0	4 (5,9%)	5 (15,1%)	9 (9%)
Não cita	1 (1,8%)	1 (5,2%)	2 (2,7%)	6 (8,9%)	0	6 (6%)
Outros ^{a, b}	1 (3,6%)	2 (10,6%)	3 (4%)	1 (1,5%)	2 (6,1%)	3 (3%)
Total	56 (100%)	19 (100%)	75 (100%)	67 (100%)	33 (100%)	100 (100%)

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

a- Outros. Escravos. Suicídios: 1 esmagamento por locomotiva. Tentativas: 2 colocaram-se nos trilhos do trem.

b- Outros. Livres. Suicídio: 1 esmagamento por locomotiva. Tentativas: 2 por precipitação de locais altos.

Entre os escravos, quando os meios usados são separados segundo sexo, encontra-se a seguinte distribuição, para suicídios: 82,6% dos enforcamentos são cometidos por homens, assim como 87,5% dos casos em que se usa arma branca; no afofamento 83,3% são mulheres. Nas tentativas, os homens são 88,9% dos que usam arma branca, e as mulheres representam 80% dos casos de afofamento.

Para os dois eventos, entre os homens os meios mais comuns são o enforcamento (20 ou 41,6%), o uso de arma branca (15 ou 31,2%), vindo depois o afofamento e o uso de arma de fogo (4 ou 8,3% cada); entre as mulheres, o uso

de afogamento (19 ou 70,4%) e de enforcamento (4 ou 14,8%). Para os suicídios cometidos pelos homens, os meios são o uso de enforcamento (19 ou 55,9%) e de arma branca (7 ou 20,6%); entre as mulheres, de afogamento (15 ou 68,2%) e de enforcamento (4 ou 18,2%). Para as tentativas, entre os homens, o uso de arma branca (8 ou 57,1%) e, entre as mulheres de afogamento (4 ou 80%).

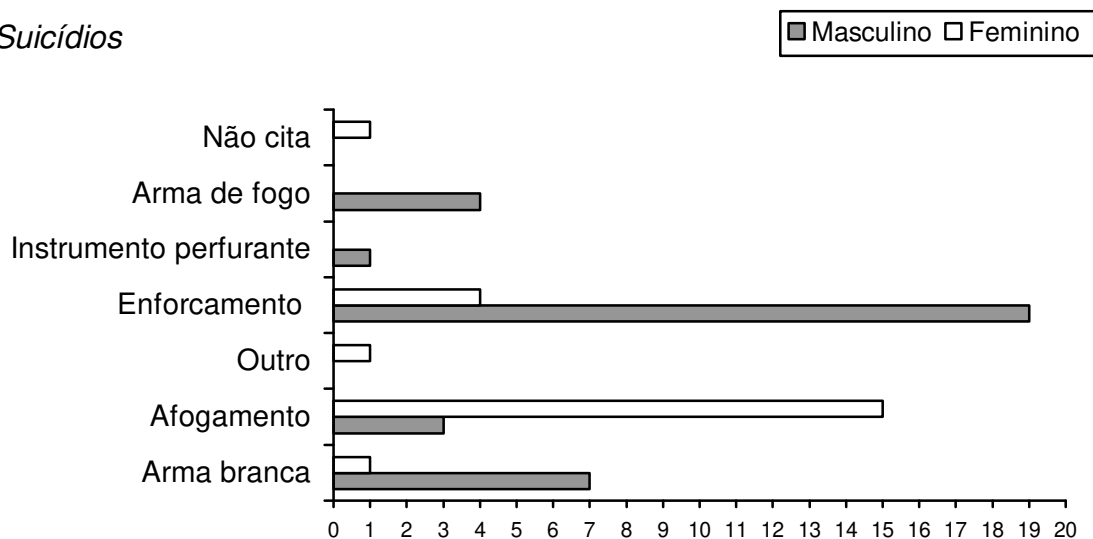
As três Tabelas e Gráficos seguintes mostram a distribuição dos meios segundo sexo e os meios mais usados por homens e mulheres escravos.

Tabela 14- Escravos. Meios utilizados segundo sexo nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887)

Meio utilizado	Suicídios			Tentativas		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Arma branca	7 (87,5%)	1 (12,5%)	8 (100%)	8 (88,9%)	1 (11,1%)	9 (100%)
Afogamento	3 (16,7%)	15 (83,3%)	18 (100%)	1 (20%)	4 (80%)	5 (100%)
Outro ^a	0	1 (100%)	1 (100%)	2 (100%)	0	2 (100%)
Enforcamento	19 (82,6%)	4 (17,4%)	23 (100%)	1 (100%)	0	1 (100%)
Instrumento perfurante	1 (100%)	0	1 (100%)	1 (100%)	0	1 (100%)
Arma de fogo	4 (100%)	0	4 (100%)	0	0	0
Não cita	0	1 (100%)	1 (100%)	1 (100%)	0	1 (100%)
Total	34	22	56	14	5	19

a- Outros. Suicídios: 1 escrava por esmagamento por locomotiva. Tentativas: 2 escravos colocaram-se nos trilhos do trem.

Suicídios



Tentativas

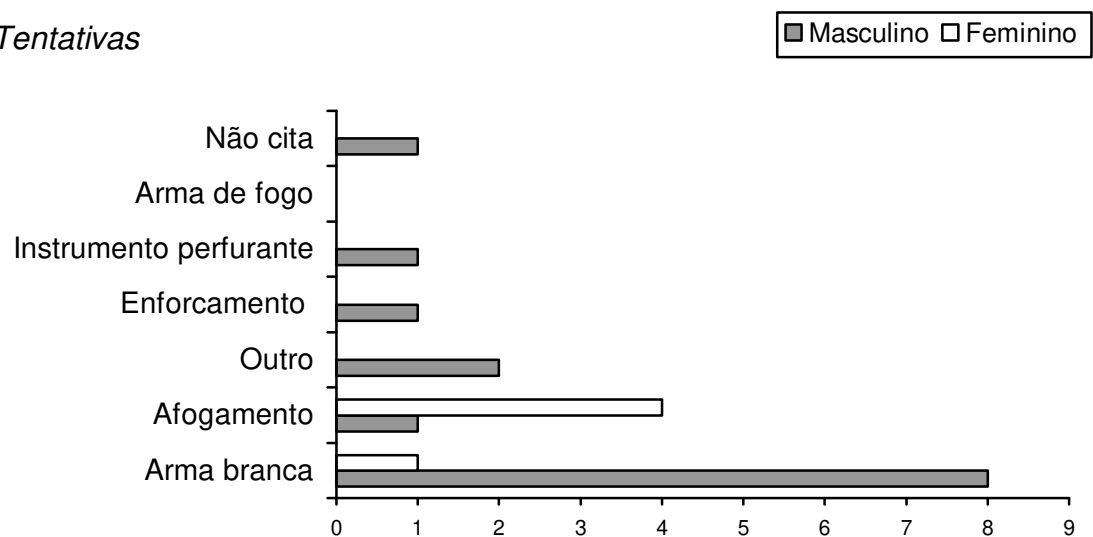


Gráfico 3- Escravos. Meios utilizados segundo sexo nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887)

Tabela 15- Escravos. Meios utilizados pelos homens, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887)

Meio utilizado	Suicídios	Tentativas	Ambos
Enforcamento	19 (55,9%)	1 (7,1%)	20 (41,6%)
Arma branca	7 (20,6%)	8 (57,1%)	15 (31,3%)
Afogamento	3 (8,8%)	1 (7,1%)	4 (8,3%)
Arma de fogo	4 (11,8%)	0	4 (8,3%)
Instrumento perfurante	1 (2,9%)	1 (7,1%)	2 (4,2%)
Colocar-se nos trilhos do trem	0	2 (14,3%)	2 (4,2%)
Não cita	0	1 (7,1%)	1 (2,1%)
Total	34 (100%)	14 (100%)	48 (100%)

Tabela 16- Escravos. Meios utilizados pelas mulheres, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1872-1887)

Meio utilizado	Suicídios	Tentativas	Ambos
Afogamento	15 (68,2%)	4 (80%)	19 (70,4%)
Enforcamento	4 (18,2%)	0	4 (14,8%)
Arma branca	1 (4,5%)	1 (20%)	2 (7,4%)
Esmagamento por trem	1 (4,5%)	0	1 (3,7%)
Arma de fogo	0	0	0
Instrumento perfurante	0	0	0
Não cita	1 (4,5%)	0	1 (3,7%)
Total	22 (100%)	5 (100%)	27 (100%)

Com relação aos meios preferidos por homens e mulheres livres, computados suicídios e tentativas conjuntamente, para os homens são o uso de arma de fogo (35 ou 37,2%) e de enforcamento (23 ou 24,5%), dividindo-se depois em envenenamento e uso de arma branca (8 ou 8,5% cada) e por último afogamento (7 ou 7,4%); para as mulheres, o uso de arma de fogo (2 ou 33,3%), dividindo-se depois 1 caso (16,7%) para os demais meios.

Nos suicídios masculinos, os meios preferidos são arma de fogo e enforcamento (26 ou 40,6% e 20 ou 31,2%, respectivamente), e entre as mulheres, há 1 caso de enforcamento, afogamento e uso de arma branca (33,3% cada). Para as tentativas, entre os homens o uso de arma de fogo representa 9 ou 30% dos casos, seguido por arma branca (7 ou 23,4%), vindo a seguir o envenenamento (4 ou 13,4%); para as mulheres, predomina o uso de arma de fogo (2 ou 66,6%).

As duas Tabelas e Gráficos seguintes mostram os meios mais usados por homens e mulheres livres.

Tabela 17- Livres*. Meios utilizados pelos homens, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Meio utilizado	Suicídios	Tentativas	Ambos
Arma de fogo	26 (40,6%)	9 (30%)	35 (37,2%)
Enforcamento	20 (31,2%)	3 (10%)	23 (24,5%)
Envenenamento	4 (6,2%)	4 (13,4%)	8 (8,5%)
Arma branca	1 (1,6%)	7 (23,4%)	8 (8,5%)
Afogamento	5 (7,8%)	2 (6,7%)	7 (7,4%)
Instrumento perfurante	1 (1,6%)	3 (10%)	4 (4,2%)
Outros	1 (1,6%)	2 (6,7%)	3 (3,2%)
Não cita	6 (9,4%)	0	6 (6,4%)
Total	64 (100%)	30 (100%)	94 (100%)

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo

Tabela 18- Livres*. Meios utilizados pelas mulheres, nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Meio utilizado	Suicídios	Tentativas	Ambos
Arma de fogo	0	2 (66,6%)	2 (33,3%)
Enforcamento	1 (33,3%)	0	1 (16,7%)
Afogamento	1 (33,3%)	0	1 (16,7%)
Arma branca	1 (33,3%)	0	1 (16,7%)
Envenenamento	0	1 (33,3%)	1 (16,7%)
Total	3 (100%)	3 (100%)	6 (100%)

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

A ocupação dos escravos raramente é referida, podendo-se supor que cerca de metade estivesse empregada em ofícios do campo. Nos 7 casos em que se indica explicitamente a ocupação do escravo, ela se refere a trabalhos domésticos em geral (4 mulheres), de “lavadeira” (1 escrava), de “pajem” (1 escravo) e de “caseiro” (1 escravo)⁹.

As notícias permitem traçar poucos aspectos do perfil das pessoas livres envolvidas, tais como nacionalidade e ocupação. Como visto, 94 são homens, sendo 63 brasileiros, 7 com nacionalidade não informada, vindo a seguir os alemães (13%), os portugueses (9%) e os italianos (6%). A profissão da maioria não é mencionada (54%), sendo a mais citada a de empregado (14), vindo a seguir os comerciantes (7), depois fazendeiros, colonos ou agregados de fazenda, ferreiros, carpinteiros, professores, etc.

⁹ Gazeta de Campinas: 18/04/1875, Benedicta, doméstica; 01/12/1875, “uma escrava” lavadeira; 13/12/1876, Gertrudes, doméstica; 05/10/1877 (a mulata) Escolástica, doméstica; 08/09/1878, “uma escrava” doméstica; 18/11/1879, Alípio, pajem; 18/11/1882, Casimiro, caseiro.

Tabela 19- Livres*. Nacionalidades nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Nacionalidade	Suicídios	Tentativas	Total
Brasileira	40 (59,7%)	23 (69,7%)	63 (63%)
Alemã	13 (19,4%)	0	13 (13%)
Portuguesa	6 (8,9%)	3 (9,1%)	9 (9%)
Italiana	4 (5,9%)	2 (6,1%)	6 (6%)
Francesa	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Outra	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Não cita	2 (2,9%)	5 (15,1%)	7 (7%)
Total	67	33	100

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

Tabela 20- Livres*. Profissões nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Profissão	Suicídios	Tentativas	Total
Empregado	5 (7,5%)	9 (29,1%)	14 (14%)
Comerciante	6 (8,9%)	1 (3,2%)	7 (7%)
Fazendeiro	3 (4,5%)	0	3 (3%)
Agregado / Colono	3 (4,5%)	0	3 (3%)
Pedreiro	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Alfaiate	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Militar / policial	1 (1,5%)	1 (3,2%)	2 (2%)
Ferreiro	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Professor	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Carpinteiro	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Engenheiro	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Lavrador	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Barbeiro	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Guarda-livros	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Músico	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Caixeiro	0	1 (3,2%)	1 (1%)
Menor de idade	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Não cita	33 (49%)	21 (67,7%)	54 (54%)
Total	67	31	100

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

As motivações atribuídas aos atos suicidas nas notícias, em geral, são pouco precisas, quando existem. Na maioria dos casos, elas não são citadas ou são ignoradas (entre escravos em 33 casos ou 44% e 10 casos ou 13,4%, entre livres, em 44 ou 44% e 12 ou 12%, respectivamente)

Considerando-se suicídios e tentativas em conjunto, entre os escravos os motivos associados a condenação judicial, ocorridos entre presos (condenado por homicídio ou logo após cometer homicídio; preso já condenado e escravos em fuga na ocasião da captura somam 4 referências (5,4%). Em primeiro lugar como motivação, em 8 casos (10,7%), está o fato de não querer mudar-se ou separar-se de companheiros. Os suspeitos de desarranjo mental somam 3 casos (4%).

Tabela 21- Escravos. Motivações atribuídas nas notícias de suicídios - Gazeta de Campinas (1872-1887)

Motivações atribuídas	Suicídios	Tentativas	Ambos
Motivo ignorado	9 (16,1%)	1 (5,3%)	10 (13,4%)
Não querer mudar-se / não querer acompanhar o novo dono	5 (9,2%)	3 (15,8%)	8 (10,7%)
Condenado por homicídio / logo após cometer homicídio	3 (5,3%)	1 (5,2%)	4 (5,4%)
Preso já condenado (crime não especificado)	2 (3,6%)	2 (10,5%)	4 (5,4%)
Em fuga, na ocasião da captura	2 (3,6%)	2 (10,5%)	4 (5,4%)
Desarranjos mentais (acesso de loucura, momento de desvario, caduca)	3 (5,3%)	0	3 (4%)
Após homicídio passional (ciúmes)	2 (3,6%)	0	2 (2,7%)
Acusação de furto	2 (3,6%)	0	2 (2,7%)
Querer acompanhar os companheiros em mudança	0	1 (5,2%)	1 (1,4%)
Por malvadeza (filicídio)	1 (1,8%)	0	1 (1,4%)
Preso aguardando julgamento	1 (1,8%)	0	1 (1,4%)
Acusação de homicídio	0	1 (5,2%)	1 (1,4%)
Por estar embriagado	0	1 (5,2%)	1 (1,4%)
Não cita	26 (46,4%)	7 (36,8%)	33 (44%)
Total	56 (100%)	19 (100%)	75 (100%)

Para os livres, nos suicídios e tentativas juntos, as motivações mais citadas são desarranjo mental (18), relacionadas à desonra, injustiça e ofensa (6), juntamente com motivos decorrentes de paixão amorosa, ciúmes ou briga conjugal (6) e após homicídio passional da ex-esposa (3).

Tabela 22- Livres*. Motivações atribuídas nas notícias de suicídios e tentativas - Gazeta de Campinas (1871-1887)

Motivações atribuídas	Suicídios	Tentativas	Ambos
Desarranjos mentais; alienação mental	10 (14,9%)	8 (24,2%)	18 (18%)
Motivo ignorado	9 (13,4%)	3 (9,1%)	12 (12%)
Desonra; vítima de injustiça, de ofensa	3 (4,5%)	3 (9,1%)	6 (6%)
Paixão amorosa; ciúmes; briga conjugal	3 (4,5%)	3 (9,1%)	6 (6%)
Após homicídio passional (ex-esposa)	2 (2,9%)	1 (3,1%)	3 (3%)
Aborrecimento da vida	1 (1,5%)	1 (3,1%)	2 (2%)
Por doença incurável	2 (2,9%)	0	2 (2%)
Problemas comerciais / pecuniários	1 (1,5%)	1 (3,1%)	2 (2%)
Por estar embriagado	0	1 (3,1%)	1 (1%)
Após ver a mãe morta	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Por motivo de família	0	1 (3,1%)	1 (1%)
Desvio da imaginação	0	1 (3,1%)	1 (1%)
Sentimentos particulares	1 (1,5%)	0	1 (1%)
Não cita**	34 (50,7%)	10 (30,3%)	44 (44%)
Total	67 (100%)	33 (100%)	100 (%)

* Computadas apenas as notícias da província de São Paulo.

** Entre estes, dois casos de suicídio e um de tentativa se deram entre condenados presos na cadeia.

Comparação entre os dados obtidos dos Relatórios Provinciais e da Gazeta de Campinas

Considerando que as estatísticas policiais dos relatórios provinciais e as notícias da Gazeta sejam fontes complementares, em especial no que se refere aos escravos, indicam-se a seguir os pontos de convergência entre eles, no que se refere a dados quantitativos. De forma geral, enquanto os relatórios generalizam, as notícias tendem a particularizar os eventos.

Enquanto nos relatórios não existe descrição sistemática dos casos segundo sexo, na Gazeta todos os casos são passíveis desta distinção, uma vez que sempre se indica se o suicida é homem ou mulher. Outros dados presentes nas notícias e ausentes dos relatórios provinciais são: a citação de procedimentos das autoridades policiais, os meios usados segundo condição e sexo, a naturalidade e ocupação dos suicidas.

Com relação às motivações dos suicídios, quando as mencionam, as estatísticas dos relatórios tendem a ser mais sintéticas e genéricas, independentemente da condição. Aos escravos indicam como causas os famosos “desgostos do cativo”, e aos livres a “alienação mental”, os “desgostos na vida doméstica” e a “embriaguez”. Mas a maioria das causas é mesmo “ignorada”. Já os editores da Gazeta procuram detalhar um pouco mais os possíveis motivos, ainda que cerca da metade dos casos, de livres e de escravos, não tenha referência à motivação ou esta seja “ignorada”.

Observou-se a ausência de registros referentes à categoria social “escravo liberto” nas estatísticas de suicídio dos relatórios, sendo que estes aparecem em apenas duas notas da Gazeta. E ainda que a inexistência de indicação sobre possíveis procedências africanas dos escravos citados é um ponto comum entre os dois tipos de fonte.

A tabela seguinte mostra o número de casos de suicídios (excluídas as tentativas) registrados nas estatísticas dos Relatórios e nas notícias da Gazeta de Campinas (os ocorridos na província). Os anos em que há dados nas duas fontes estão destacados.

Tabela 23- Suicídios: casos registrados nos Relatórios e nas notícias da Gazeta de Campinas (1870-1887).

Ano	Gazeta Suicídios Escravos	Gazeta Suicídios Livres	Gazeta Total	Relatórios Suicídios Escravos	Relatórios Suicídios Livres	Relatórios Total
1870	---	---	---	6	11	17
1871	---	2	2	---	---	---
1872	2	3	5	17	16	33
1873	1	2	3	9	11	20
1874	4	1	5	---	---	---
1875	5	2	7	---	---	---
1876	5	1	6	---	---	---
1877	6	2	8	---	---	---
1878	5	3	8	11	11	22
1879	11	4	15	4	7	11
1880	3	2	5	2	1	3
1882	5	6	11	--	---	---
1883	4	7	11	5	4	9
1884	3	9	12	9	6	15
1885	1	10	11	6	2	8
1886	--	7	7	---	---	---
1887	1	6	7	1	1	2
Total	56 (45,5%)	67 (54,5%)	123 (100%)	70 (50%)	70 (50%)	140 (100%)
Total b*	32 (41,6%)	45 (58,4%)	77 (100%)	64 (52%)	59 (48%)	123 (100%)

*Total b: Computados apenas os anos que há dados nas duas fontes

Vê-se que o número de casos difere entre as duas fontes, se forem considerados ano a ano. Embora haja menos casos noticiados pelo jornal (123) do que nos relatórios (140), a proporção de suicídios entre escravos e livres é bastante próxima (45,5% para escravos e 54,5% para livres, sendo que os relatórios possuem estes números em 50% e 50% respectivamente). Se computarmos apenas os anos em que há dados nas duas fontes, no resultado final a proporção se mantém similar, 41,6% de livres e 58,4% de escravos no jornal e 52% de livres e 48% de escravos nos relatórios.

Portanto, a despeito de todos os enviesamentos possíveis, esta parece ser uma tendência relativamente consistente, os registros bastante próximos de casos de suicídio para cada condição, em torno de 50%.

Não é possível comparar as tentativas de suicídio nas duas fontes, uma vez que os relatórios não especificam a condição nos poucos casos de tentativas que relatam.

Este é outro ponto a observar: enquanto as estatísticas oficiais privilegiam os suicídios consumados, registrando de forma esporádica as tentativas (16 em 195 ocorrências, ou cerca de 8%), o jornal está interessado em noticiar também as tentativas. Embora os suicídios predominem, elas representam cerca de 30% do total de eventos noticiados (52 tentativas em um total de 175 casos), ou seja três vezes mais do que nos relatórios.

Taxas de suicídio por 100.000 habitantes livres ou escravos

Para melhor compreensão das estatísticas de suicídio é necessário comparar os casos ocorridos com o número de habitantes da província. Optamos por calcular o número de casos para 100.000 habitantes, segundo o padrão atual de apresentação destas taxas. Os dados foram agrupados de acordo com as décadas de 1870-1879 e 1880-1887, considerando-se apenas os suicídios efetivados (excluídos os registros de tentativas).

Para o período entre 1870 e 1879, utilizou-se a população provincial estimada pelo Censo de 1872 (apud Alencastro, p.479, 2001), ou seja, pouco mais de 835.000 habitantes, com aproximadamente 155.000 de escravos e 680.000 pessoas livres. Para o período de 1880 a 1887, usamos estimativas que indicam perto de 100.000 cativos em 1887 (Fausto, 2001, p.203), em uma população total de cerca de um milhão de pessoas (Carneiro, 1986). A Tabela abaixo resume as informações citadas:

Tabela 24- População estimada da Província de São Paulo, por condição

Período	Condição	População	População total
1870 - 1879	Livres	680.000	835.000
	Escravos	155.000	
1880 - 1887	Livres	900.000	1.000.000
	Escravos	100.000	

Para cada período, o número de casos ocorridos foi dividido pelo número de anos em que existiam dados, resultando numa média anual de casos no período, segundo condição, como se vê abaixo, na Tabela 25 (dados dos Relatórios Provinciais) e Tabela 26 (dados da Gazeta de Campinas).

Tabela 25- Média de casos por ano – Relatórios Provinciais

Relatórios Provinciais			
Década	Condição	Número de casos	Média casos por ano
1870-1879	Livres	56 casos para 5 anos com dados	11,2
	Escravos	47 casos para 5 anos com dados	9,4
1880-1887	Livres	14 casos para 5 anos com dados	2,8
	Escravos	23 casos para 5 anos com dados	4,6

Tabela 26- Média de casos por ano – Gazeta de Campinas

Gazeta de Campinas			
Década	Condição	Número de casos	Média casos por ano
1870-1879	Livres	20 casos para 9 anos com dados	2,2
	Escravos	39 casos para 8 anos com dados	4,9
1880-1887	Livres	47 casos para 7 anos com dados	6,8
	Escravos	17 casos para 6 anos com dados	2,8

Utilizando as médias anuais de casos de suicídios para cada condição e as estimativas das respectivas populações, calcularam-se as taxas aproximadas de suicídios por 100.000 habitantes, segundo condição livre ou escrava (Tabela 27).

Tabela 27- Cálculo de suicídios por 100.000 habitantes, segundo condição

Relatórios Provinciais				Gazeta de Campinas			
1870-1879		1880-1887		1870-1879		1880-1887	
Escravos	Livres	Escravos	Livres	Escravos	Livres	Escravos	Livres
6	1,6	4,6	0,3	3,2	0,3	2,8	0,8

Observa-se a grande diferença entre os índices encontrados, quando são comparados os livres e os escravos, nas duas fontes pesquisadas. E, ainda, que os números das duas fontes são discrepantes, embora concordem quanto ao maior índice de suicídios entre escravos.

No período entre 1870 e 1879, as taxas de suicídio para os escravos seriam de 6 casos por 100.000 habitantes escravos e de 1,6 casos por 100.000 habitantes livres (segundo os Relatórios); ou de 3,2 casos por 100.000 escravos e 0,3 casos por 100.000 livres (segundo a Gazeta). Para o período entre 1880 e 1887, as taxas de suicídio para os escravos seriam de 4,6 casos por 100.000 habitantes escravos e de 0,3 casos por 100.000 habitantes livres (segundo os Relatórios); ou de 2,8 casos por 100.000 escravos e 0,8 casos por 100.000 livres (segundo a Gazeta).

***CAPÍTULO III- DISCUSSÃO
E CONCLUSÕES***

Os escravos nas notícias de jornal

Conforme citado no capítulo II, Lilia Moritz Schwarcz (1987) apresentou um estudo histórico-antropológico em sua obra “Retrato em branco e negro” sobre as diversas imagens do negro veiculadas pelas notícias publicadas em três importantes jornais de São Paulo, (“Correio Paulistano”, a “Província de São Paulo” e a “Redempção”), no fim do século XIX.

Ela enfatizou a idéia de “falas escolhidas”, quando menciona que as notícias sobre os negros podem ser facilmente agrupadas em categorias específicas, e também na forma como eram redigidas. Assim, estariam sendo colocadas visões específicas sobre o negro, já que os discursos sobre este seguiam determinados padrões (Schwarcz, 1987, p.119). As imagens identificadas foram: o negro violento, o negro dependente, o negro feiticeiro, o negro degenerado (em especial, depois da década de 1880) e o negro suicida.

Com relação a este último ponto, apontam-se a seguir algumas semelhanças e diferenças entre as observações desta autora e as resultantes da presente pesquisa.

Observa ela que casos de suicídios de escravos ocupavam com frequência a seção de notícias dos citados periódicos, em especial no final da década de 1870, quando apareciam quase diariamente, sendo que em poucos casos se indicavam dúvidas sobre sua veracidade; outro aspecto apontado é a preocupação em negar a participação do senhor em tais eventos.

O mesmo foi observado na Gazeta de Campinas com relação à frequência de notícias e ao seu tom de “fato verdadeiro”, mas é difícil afirmar que negar a participação do senhor tenha sido uma preocupação sistemática, como se pode verificar nos casos transcritos ou citados no capítulo II desta dissertação. Vimos que certo ar de espanto pelo suicídio (o que pode indicar uma tentativa de isentar o senhor de culpa) aparece nos casos de escravos domésticos, supostamente mais bem tratados que os dedicados aos trabalhos agrícolas, e

explicitamente esta preocupação se revela em um caso, em que a escrava suicida mata a filha por pura “malvadeza”.

Sobre a forma como as notícias eram redigidas nos jornais que analisou, Schwarcz sublinha que as notas de suicídio de negros tinham como característica principal a imprecisão, e acha que isso decorre do caráter de “fala escolhida” (1987, p.129).

Porém, nas notícias da Gazeta, a imprecisão não se limita aos escravos. De forma geral, as notícias sobre suicídios de escravos e de pessoas pobres tendem a citar somente dados mais importantes do caso. Como vimos, para os livres pobres, informações como o nome, a nacionalidade, a ocupação, o local e o meio utilizado para o suicídio são listados; para os escravos, o nome do senhor, o nome do escravo, se ele estava fugido, o local e o meio escolhido para se matar são colocados.

Quando se trata de notícias de suicídio de pessoas das camadas mais abastadas ou influentes da sociedade, como comerciantes ou fazendeiros, por vezes se encontram diferenças importantes na narrativa das notícias, onde pormenores do caso são citados, os motivos indagados ou comentados, há frases de pesar pela morte do indivíduo e condolências à família. Mas indicou-se no capítulo II que também havia casos de pessoas ricas descritos de forma muito lacônica, e que aqueles ocorridos com pessoas pobres poderiam ter um tratamento mais demorado, em especial quando desavenças aparentemente banais davam lugar a atos suicidas.

Ainda com relação à diferença de tratamento segundo a condição social do suicida, nas notícias da Gazeta, viu-se que apenas dois casos foram tratados abertamente de forma jocosa, as duas tentativas ocorridas em Santos e cometidas por pessoas supostamente pobres.

Com relação às motivações atribuídas aos suicídios dos escravos, Schwarcz analisa que, apesar de muitas vezes não se saber a causa do ato, buscava-se explicá-lo a partir das atitudes da vítima, de seus vícios e maus

costumes (como embriaguez); o “desespero” (por exemplo, quando um escravo em fuga se matava) e a loucura também aparecem como explicações (Schwarcz 1987). Estas informações, entretanto, não são trabalhadas em termos numéricos pela autora no que se refere às diferenças entre livres e escravos.

Das notícias da Gazeta de Campinas, como apontado no capítulo II, pode-se dizer que as motivações atribuídas aos atos suicidas nas notícias são pouco precisas, em geral. Em cerca de metade dos casos, elas não são citadas ou são ignoradas, entre escravos e livres. Como se indicará a seguir, pôde-se identificar certos padrões de agrupamento de motivações atribuídas a livres, de um lado, e a escravos, de outro.

Em resumo, no presente estudo, observou-se que as notícias do jornal pesquisado, bem como as falas das autoridades provinciais nos relatórios, expressam visões correntes sobre os escravos e sobre o fenômeno do suicídio, como observou Schwarcz em seu trabalho. Entretanto, o estudo dos atos suicidas em seus aspectos numéricos e quantificáveis (frequência, local de ocorrência, distribuição segundo condição e sexo, meios mais usados, motivações atribuídas) trouxe informações adicionais importantes sobre os suicídios escravos, que podem problematizar afirmações genéricas sobre este fenômeno.

Os Relatórios, sendo documentos oficiais produzidos pelos representantes do executivo nas províncias, possuem a visão destes autores, bem diversa da visão existente na Gazeta de Campinas, editada por jovens republicanos. Os objetivos existentes nas duas publicações são diferentes, uma se destina a informar o estado da província para a Assembléia Legislativa, a outra pretende, entre outras coisas, informar aos leitores de Campinas sobre o cotidiano da cidade e da província. A Gazeta retrata muito mais a cidade, com notícias que provavelmente são publicadas porque atraem certo interesse dos leitores. Já os Relatórios trazem informações relacionadas à província como um todo, para serem levadas à Assembléia Legislativa. O público alvo, os autores e os objetivos de ambas as fontes são diferentes.

Rastros do preto Ambrósio

Campinas :—Um escravo de Bierremback & Irmão, que tinha fugido, assassinou a um empregado da casa daquelles negociantes, que tentou prendel-o, e ainda em resistencia assassinou posteriormente a outro individuo na Cidade de Sorocaba.

Foi capturado, mas estando em cumprimento de sentença na cadeia de Campinas, evadiu-se, pondo em sobresalto o animo dos senhores e de outras muitas pessoas, que erão por elle juradas para a primeira occasião.

Foi preso, felizmente, em Botucatu.

Relatório Provincial de 5 de fevereiro de 1874

Outra—Consta-nos que fôra preso, nas proximidades da cidade de Porto Feliz o escravo Ambrosio, dos srs. Bierremback & Irmão, que ultimamente assassinára o empregado destes senhores de nome Joaquim Ferreira dos Santos Araujo.

Consta mais que o mesmo Ambrosio commettera novo o igual delicto para as bandas de Sorocaba, achando-se recolhido á cadeia daquella cidade.

Gazeta de Campinas, 23 de janeiro de 1874

Ferimento—O preto Ambrosio dos srs. Bierremback e Irmão, o qual já respondeu ao jury por tres processos, sendo dois por homicidio e um por tentativa deste crime, pretendeu arrombar a cadeia no pavimento superior onde se acha preso; e sendo descoberto nesse esforço, quiz offender-se com um canivete achado em seu poder, e de facto fez em si algumas incizaes.

Informam-nos que taes ferimentos não são graves. E' a segunda vez que dá esse passo, sendo para notar-se que já logrou uma vez evadir-se do carcere, sendo apanhado a grande distancia deste municipio.

Gazeta de Campinas, 08 de março de 1874

Suicídio—O preto Ambrósio escravo dos sr.
Pierrehenrich e Inazo, o qual se achava cumprindo
sentença de ferro ao pescoço por dois homicídios e
uma tentativa de homicídio, suicidou-se no dia 12
do corrente praticando um profundo golpe sobre o
pescoço com uma pequena folha de faca.

Já por diversas vezes na cadeia tentou elle dar-se
a morte por este meio ; e afinal logrou o desastrado
intento.

Gazeta de Campinas, 15 de outubro de 1874

Tudo indica que o escravo Ambrósio estava decidido a viver em liberdade, a todo custo. Ao fugir da casa de seus proprietários, negociantes da cidade de Campinas, matou o empregado que tentara impedi-lo. Sendo alcançado em Sorocaba, novamente deu cabo de um dos que tentavam reconduzi-lo ao estado de cativoiro.

Sabemos, pelos excertos, que Ambrósio fora capturado em Sorocaba, sendo preso na cadeia desta cidade. Foi conduzido para a cadeia de Campinas, onde foi condenado. Neste meio tempo, provavelmente, ele tentara assassinar outro indivíduo, sendo julgado e condenado por esta tentativa de homicídio. Ambrósio realiza sua primeira fuga da cadeia de Campinas, sendo agora preso em Botucatu.

Na ocasião de sua primeira fuga, colocou em alerta aqueles que o temiam circulando, pois ele jurara várias pessoas de morte. Tal foi o rebuliço causado por este escravo que ele foi mencionado entre as ocorrências criminais notáveis do ano de 1873, no relatório do chefe de polícia Joaquim José do Amaral, onde este observava que “felizmente” havia sido recapturado o perigoso preto (São Paulo, 1874, p.10).

Na tentativa de sua segunda fuga de Campinas, Ambrósio é descoberto, resultando na sua primeira tentativa de suicídio, através de canivete, provocando alguns ferimentos não graves no pescoço.

Porém, o temível escravo cumpriria por pouco tempo sua pena de prisão com “ferro ao pescoço”, dada por dois homicídios e uma tentativa de homicídio. Em 12 de outubro de 1874, após várias tentativas de suicídio anteriores na cadeia, ele matou-se com um profundo golpe de faca no pescoço, realizando o seu “desastrado intento”, nas palavras do jornal local que noticiou o suicídio de Ambrósio (Gazeta de Campinas, 15 de outubro de 1874).

O caso de Ambrósio não é único, encontrando-se em notícias de jornais e nos relatórios de chefes de polícia da província outras histórias com fim semelhante, de escravos condenados por homicídios que se mataram na prisão, ou de escravos em fuga que preferiram a morte à prisão ou ao retorno ao cativeiro.

Mas esta parece ter sido apenas uma das possíveis trajetórias, entre outras, seguidas pelos escravos e escravas que puseram termo aos seus dias, nas últimas duas décadas de escravidão na província de São Paulo e, em particular, no município de Campinas. Ao menos, isto parece ser o que indicam os resultados apresentados no capítulo II desta dissertação, recapitulados, comentados e discutidos a seguir.

Observações preliminares sobre os registros e as notícias de suicídio

Deve-se ressaltar que os números obtidos refletem aspectos dos casos de atos suicidas noticiados pelo jornal ou registrados pela polícia, não devendo ser tomados como expressão exata de todos os eventos acontecidos, pois vários fatores devem ter influenciado para que tais acontecimentos fossem conhecidos pela polícia ou publicados nas páginas da Gazeta (que, supomos, se valeu muitas vezes das informações policiais).

É preciso ter cuidado quando se trabalha com registros produzidos no período imperial, dada a reconhecida precariedade na coleta de informações populacionais básicas, como números de nascimentos e óbitos ou da população, livre ou escrava. Como observa a historiadora Wilma P. Costa, no exame da seção de estatísticas demográficas dos relatórios dos presidentes de província observa-se seu grande esforço em quantificar informações, mas seu sucesso se resume a certos grupos: presos em cadeias, doentes nos hospitais, loucos em hospícios, alunos em escolas, ou seja, a populações confinadas ou controladas¹⁰.

Assim, não devemos nos iludir quanto à exatidão dos números de mortes violentas como os suicídios, mas apenas supor que eles guardem certa proximidade com as ocorrências que deveriam registrar, embora não saibamos em que medida isto aconteceu. Cremos também que qualquer comparação com estatísticas de suicídio européias do mesmo período deve ser vista com tantas ressalvas que se torna pouco útil¹¹ (Oda e Oliveira, 2007).

Adicionalmente, há possibilidades específicas de distorção nos registros de mortes de escravos atribuídas a suicídios. Para mais, se homicídios figuraram como suicídios visando proteger os proprietários assassinos, como assinalaram Roger Bastide (1943) e Kátia Mattoso (1988). E para menos no caso de mortes registradas como acidentais, sobretudo afogamentos, e que seriam suicídios sem testemunhas, como mencionado por visitantes do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX (Karasch, 2001).

De outro lado, aumentando os números, pode-se supor que a importância das perdas econômicas decorrentes da morte prematura de escravos explicasse a preocupação em registrar seus suicídios com mais atenção.

¹⁰ Para uma esclarecedora discussão sobre o estabelecimento de sistemas de medição e contagem confiáveis e a construção da soberania estatal, destacando as repercussões da permanência do tráfico ilegal de escravos neste processo, ver Costa, Wilma Peres. O Império do Brasil: dimensões de um enigma. Almanack Brasiliense, n. 1, p. 27-43, maio 2005. Publicação eletrônica do projeto temático IEB USP - FAPESP

¹¹ Como exemplo, consideremos que Durkheim (1897) informa que seu auxiliar Marcel Mauss coletou dados tais como idade, sexo e estado civil em cerca de 26.000 dossiês de suicidas franceses, o que certamente só foi possível graças à existência de um serviço de estatística organizado e centralizado, ligado ao Ministério da Justiça francês (Durkheim, *op. cit.*, p. 7) – realidade evidentemente diferente da brasileira.

Considere-se ainda que muitos casos de suicídio entre pessoas livres não foram registrados ou noticiados, já que este era considerado um pecado grave que impedia o enterro em solo sagrado, manchando a reputação do cristão falecido (Mattoso 1988, p.155). Desta maneira, haveria um desvio devido à menor divulgação de suicídios de livres, elevando proporcionalmente sua frequência entre escravos.

Com relação à divulgação de casos de suicídio de escravos, é plausível ainda imaginar que ela pudesse ser influenciada por questões políticas, por ter apelo na divulgação da causa abolicionista, já que a denúncia dos horrores da escravidão constituiu um importante argumento dos antiescravistas.

O perfil dos suicidas a partir das notícias da Gazeta e das estatísticas policiais

Vimos que, pelo jornal Gazeta de Campinas, considerando apenas os casos da província de São Paulo, são 75 casos de escravos e 100 de pessoas livres, ou seja 42,9% de escravos e 57,1% de livres, para todo o período entre 1871 e 1887. Comparativamente, para a Bahia, Ferreira (2004b) encontrou 211 escravos (46,8%), 30 libertos (6,6%) e 210 livres (46,6%), usando documentação policial e notícias de jornal.

Observa-se que o número de registros de suicídios efetivados é bem maior que o de tentativas, entre livres e escravos (67% e 75% de casos de suicídios, respectivamente); quanto a isto, pode-se supor que boa parte de casos de tentativas não chegasse ao conhecimento público, coisa mais difícil de acontecer em caso de morte por suicídio.

‘Casos de Campinas’:

Entre os 75 escravos, são de Campinas 48 casos (64%), 19 (25,3%) de outras cidades da província de São Paulo, não há informação em 7 casos (9,3%) e apenas um caso é de outra província, Minas Gerais. Com relação às pessoas

livres, dos 100 casos de suicídios e tentativas ocorridos na província de São Paulo, 36 (36%) se deram em Campinas.

No início deste trabalho, ressaltamos a especificidade de Campinas com respeito à população de escravos, depois de 1870. Segundo Roberto do Amaral Lapa, ela era conhecida como “a Bastilha negra”, tendo na década de 1870 duas vezes mais escravos do que qualquer outro município paulista (Lapa, 1996, p.27). Nas palavras deste historiador: “Uma cidade de negros e pobres que não se mostrava, pois era proibida, mas existia e pulsava escondida, reprimida, pusilânime ou desafiadora.” (idem, p.124).

Da mesma forma que para a província, observa-se a grande diferença entre os números obtidos quando se compara livres e escravos na população de Campinas e suas respectivas representações nos registros de suicídio e de tentativas do mesmo.

Em 1872, o município de Campinas teria cerca de 18.000 pessoas livres e 14.000 cativos (Slenes, 2001a, p.242, p.249), sendo então estes 44% da população, e 56% de livres; recorde-se ainda que, com cerca de 32.000 habitantes, o dinâmico município era mais populoso do que a capital paulista.

Como visto, entre 1871 e 1887, foram identificados como sendo de Campinas 48 casos de escravos e 36 de pessoas livres, o que soma 84 eventos, sendo assim cerca de 57% dos casos de escravos e 43% de pessoas livres.

Apenas como exercício para quantificar as diferenças nos registros de suicídios entre escravos e livres, se compararmos os citados percentuais de cada condição na população do município (44% e 56%, respectivamente) aos percentuais encontrados de registros de suicídio (57% de escravos e 43% de livres), teremos a razão de 1,3 para escravos e de 0,77 para livres.

Assim, mesmo considerando a alta proporção de escravos no município, sua representação é bem maior no conjunto das notícias publicadas entre 1871 e 1887, do que a das pessoas livres.

‘Área rural e área urbana’:

Apenas para os escravos de Campinas foi possível inferir se o evento se deu na zona rural – pela menção a locais tais como “fazenda”, “chácara”, “matas”, etc. – ou na área urbana (quando se indica nomes de ruas, de estação de trem, “na cadeia”, ou a ocupação do senhor como comerciante). Na área rural estariam 25 casos (51%), em área urbana 12 casos (25%) e em área não identificada 11 casos (23%). A imprecisão das notícias não permite fazer o cálculo para as demais cidades da província.

Na área rural de Campinas ocorreu a maior parte dos suicídios de escravos (23 ou 62,1 % do total dos 37 casos encontrados nas áreas rural e urbana), enquanto as tentativas destes foram mais freqüentes na área urbana (5 ou 45,5% dos 11 casos, também somados as áreas rural e urbana) e área não identificada (4 ou 36,4% dos 11 casos).

Sobre este ponto, é possível supor que o predomínio de suicídios na área rural indique condições de vida mais adversas ou menor possibilidade de negociação na vida cotidiana dos escravos enquanto o maior número de tentativas na área urbana refletiria a existência de mais casos em que a tentativa de suicídio seria uma forma de comunicação, protesto ou barganha, mais do que propriamente ligada ao desejo de morte.

‘Sexo e condição’:

Do total de 175 atos suicidas registrados nas notícias, existem 33 mulheres (18,9%) e 142 homens (81,1%).

Entre os escravos, para ambos os eventos (75) são 48 homens (64%) e 27 mulheres (36%). Nos 56 suicídios são 34 homens e 22 mulheres (60,7% e 39,3%, respectivamente); nas 19 tentativas, 14 homens (73,7%) e 5 mulheres (26,3%).

Entre pessoas livres, para os dois eventos (100) são 94 homens (94%) e 6 mulheres (6%). Nos 67 suicídios são 64 homens (95,5%) e 3 mulheres (4,5%); nas 33 tentativas, 30 homens (91%) e 3 mulheres (9%).

Vê-se que os homens predominam nos suicídios e nas tentativas, entre escravos e livres, sendo a proporção de mulheres muito pequena entre o segundo grupo, sendo igual para ambos os eventos, suicídios e tentativas. O pequeno número de casos de mulheres livres pode ser ligado à posição social destas, restritas ao lar e protegidas da exposição pública de seus atos suicidas, em especial nos casos de famílias importantes.

Para os escravos, a maior proporção de homens nos suicídios pode ser, ao menos parcialmente, relacionada ao predomínio masculino nos plantéis da província, inclusive em Campinas (Slenes, 2001a, p.249). Ainda assim, a participação de escravas nos suicídios efetivados não é pequeno (quase 40%).

Como comparação, observamos que em seu estudo sobre a Bahia, Ferreira computou um total de 451 casos de atos suicidas registrados entre 1850 e 1888, sendo homens 82,2% e mulheres 17,8%, percentuais muito próximos aos aqui encontrados. Na Bahia, entre os escravos havia 78% de homens e entre os livres, cerca de 88%. Os comentários de Ferreira sobre o predomínio de homens são similares aos aqui colocados, ou seja, a tendência à ocultação de casos de mulheres livres e a maior proporção de homens na população escrava, como explicações parciais para as diferenças dos registros entre os sexos.

‘Ocupação e nacionalidade’:

A ocupação dos escravos raramente é referida, podendo-se supor que cerca de metade estivesse empregada em ofícios do campo, já que residia em zona rural. Nos 7 casos em que se indica explicitamente a ocupação do escravo, ela se refere a trabalhos domésticos em geral (4 mulheres), de “lavadeira” (1 escrava), de “pajem” (1 escravo) e de “caseiro” (1 escravo)

As notícias permitem traçar poucos aspectos do perfil das pessoas livres envolvidas, tais como nacionalidade e ocupação. Dos 94 homens, 67% (63) eram brasileiros, 7,4% (7) de nacionalidade não informada (possivelmente, brasileiros), vindo a seguir os alemães (13), os portugueses (9) e os italianos (6).

Lembre-se que a expansão cafeeira da região já estava atraindo migrantes brasileiros e ainda imigrantes, embora a grande entrada destes últimos (sobretudo italianos) vá ocorrer sobretudo logo após 1888 (Slenes, 2001a).

A profissão da maioria não é mencionada (54%); sendo a mais citada a de empregado (14), vindo a seguir os comerciantes (7), depois se distribuindo entre colonos ou agregados de fazenda, fazendeiros, ferreiros, carpinteiros, professores, barbeiros, entre outras. Sobre este ponto, pode-se apenas observar que as profissões urbanas predominam.

‘Meios usados, segundo condição’:

Recordando, os meios mais comumente usados pelos escravos nos suicídios e tentativas tomados conjuntamente, foram o enforcamento (24 ou 32%), o afogamento (23 ou 30,7%), o uso de arma branca (17 ou 22,6%) e uso de arma de fogo (4 ou 5,3%). Nos suicídios, enforcamento (23), afogamento (18) e uso de arma branca (8) – 39,3%, 32,1% e 14,3%, respectivamente. Nas tentativas, o meio mais comum foi o uso de arma branca (9 ou 47,4%), seguido de afogamento (5 ou 26,4%).

Entre os livres, no conjunto de suicídios e tentativas, os meios mais freqüentes foram o uso de arma de fogo (37 ou 37%), de enforcamento (24 ou 24%), de envenenamento e de arma branca (9 ou 9% cada) e de afogamento (8 ou 8%). Nos suicídios, uso de arma de fogo (26), de enforcamento (21) e de afogamento (6) – 38,8%, 31,3% e 8,9%, respectivamente. Nas tentativas, dividem-se os meios entre arma de fogo (11 ou 33,3%), arma branca (7 ou 21,2%), envenenamento (5 ou 15,1%), enforcamento e uso de instrumento perfurante (3 ou 9,1%).

Observa-se que a ordem dos meios preferidos nos atos suicidas difere entre livres e escravos. Entre os escravos, predominam o enforcamento e o afogamento, vindo depois o uso de arma branca; entre os livres, predominam o uso de arma de fogo e do enforcamento, vindo a seguir proporções similares de uso de arma branca, envenenamento e afogamento. Não se registra caso algum de envenenamento entre os escravos.

Os meios escolhidos pelos suicidas podem ter refletido a intenção mais ou menos forte de morrer, e terem sido escolhidos conforme sua letalidade presumida (muito alta no caso de enforcamento, por exemplo), mas certamente considerando a sua disponibilidade.

A escolha de arma de fogo parece estar ligada ao acesso a este meio, muito restrito no caso de escravos; já o enforcamento poderia ser executado de várias maneiras, como descritas nas notícias (com cordas, peças de roupa, em árvores, nas grades da cadeia, etc.), da mesma forma que instrumentos cortantes de uso cotidiano, como facas de cozinha, canivetes ou navalhas, poderiam ser obtidas pelos escravos sem muitas dificuldades.

Quando se considera homens e mulheres em conjunto, o afogamento e o enforcamento têm percentuais similares entre os escravos, embora predomine o segundo. Já entre os livres, o percentual de enforcamento também é alto (embora um pouco menor do que entre os escravos), enquanto chama a atenção o seu uso muito menor de afogamento.

Certamente, a disponibilidade dos meios deve ser considerada, já que poços, rios e tanques abundavam, bem como não seria difícil encontrar árvores ou objetos afins. Mas, deve-se considerar, além disso, que o afogamento e o enforcamento aparecem ligados a representações religiosas de origem africana, nos relatos dos viajantes, reputados como métodos que facilitariam o retorno à África através da reencarnação (Bastide, 1943). Mary Karasch levantou literatura antropológica indicando a existência destas crenças especialmente entre os designados “congos” (vindos do Centro-Oeste africano), que acreditavam poder se

reunir aos ancestrais após a morte, atravessando a água (Calunga) e ainda que seus ancestrais viviam nas florestas, ar e águas (2001, p.418; p.578).

Para a Bahia (1850-1888), onde no século XIX predominaram os negros vindos de variados grupos étnicos da África Ocidental, Jackson Ferreira observou que o percentual de africanos suicidas era muito significativo, e estes preferiam o enforcamento e o afogamento, enquanto os cativos brasileiros optavam pelo envenenamento. Este autor lembra que a posse de venenos era proibida aos escravos, mas pensa que, na prática, os escravos brasileiros teriam mais facilidade de acesso a substâncias venenosas, uma vez que os africanos eram muito mais vigiados, por serem considerados mais propensos à revolta, dados os levantes ocorridos na Bahia (Ferreira, 2004b). A ausência de registros do uso de envenenamento por escravos, nos casos da província de São Paulo, é intrigante, e não pôde ser aqui esclarecida.

Ferreira também considerou a possibilidade da relação entre as escolhas e as crenças religiosas citadas por Karasch e Bastide, alertando porém contra o uso exagerado e indiscriminado desta explicação (Ferreira, 2004b, p.228), uma vez que estudos antropológicos mais detalhados e contextualizados historicamente são necessários.

No caso de São Paulo, não foram encontradas referências a tal associação entre o meio escolhido e crenças religiosas. Observe-se que as notícias da Gazeta e os relatórios da província não indicam quantos suicidas eram nascidos na África, mas podemos supor que houvesse alguns já que, segundo o Censo de 1872, haveria 8% de africanos entre os escravos da província (Alencastro, 2001, p.484).

Sabe-se que boa parte dos africanos trazidos como escravos para o Sudeste veio de grupos da África Central (Angola e baixo rio Zaire), e que suas culturas tinham muitas afinidades, apesar da diversidade étnica. Observa Slenes que a constituição da família escrava serviu como facilitadora da junção destas culturas centro-africanas, a que se acrescentariam os valores e tradições trazidos

pelos escravos vindos depois de 1850, principalmente do Nordeste. Assim, mesmo para os escravos nascidos no Brasil, os valores culturais dos avós africanos continuariam muito presentes (Slenes, 2001a, p.250, p.282), dinamicamente ressignificados no contexto brasileiro.

Portanto, parece-nos que a incidência destas crenças africanas pode ser considerada relevante, na escolha dos métodos pelos escravos – enforcamento (homens) e afogamento (mulheres) – tanto quanto sua disponibilidade ou facilidade de acesso.

‘Meios usados, segundo condição e sexo’:

Entre os escravos, quando os meios usados são separados segundo sexo, encontra-se a seguinte distribuição: para os dois eventos: entre os homens os meios mais comuns são o enforcamento (20 ou 41,7%), o uso de arma branca (15 ou 31,3%), vindo depois o afogamento e o uso de arma de fogo (4 ou 8,3% cada); entre as mulheres, o uso de afogamento (19 ou 70,4%) e de enforcamento (4 ou 14,8%). Para os suicídios cometidos pelos homens, os meios são o uso de enforcamento (19 ou 55,9%) e de arma branca (7 ou 20,6%); entre as mulheres, de afogamento (15 ou 68,2%) e de enforcamento (4 ou 18,2%). Para as tentativas, entre os homens, o uso de arma branca (8 ou 57,1%) e, entre as mulheres de afogamento (4 ou 80%).

Com relação aos meios preferidos por homens e mulheres livres, computados suicídios e tentativas conjuntamente, para os homens são o uso de arma de fogo (35 ou 37,2%) e de enforcamento (23 ou 24,5%), dividindo-se depois em envenenamento e uso de arma branca (8 ou 8,5% cada), seguido por afogamento (7 ou 7,4%); para as mulheres, o uso de arma de fogo (2 ou 33,3%), dividindo-se depois 1 caso (16,7%) para todos os demais meios.

Nos suicídios masculinos, os meios preferidos são arma de fogo e enforcamento (26 ou 40,6% e 20 ou 31,2%, respectivamente), e entre as mulheres, há 1 caso de enforcamento, afogamento e de uso de arma branca (33,3% cada).

Para as tentativas, entre os homens o uso de arma de fogo representa 9 casos, ou 30%, seguido de arma branca (7 ou 23,4%) e de envenenamento (4 ou 13,4%); para as mulheres, predomina o uso de arma de fogo (2 ou 66,6%).

Nas tentativas de suicídio dos homens, os dados mostram que os livres pareciam ter mais opções na escolha do método, dividindo-se entre variados meios, enquanto os escravos concentravam-se no uso de armas brancas.

Nos suicídios efetivados, comparando os meios usados entre homens e mulheres escravos, destacam-se a escolha do enforcamento e do uso de armas brancas no sexo masculino e o de afogamento, seguido de enforcamento, no feminino. Nas tentativas, como dito, os homens preferem as armas brancas e as mulheres ainda o afogamento.

Chama a atenção nesta divisão de escolhas segundo gênero, o uso de afogamento entre mulheres escravas (19 casos ou cerca de 70%), meio este bem menos comum entre seus companheiros (4 ou cerca de 8%) e igualmente pouco usado entre os homens livres (7 ou cerca de 7%) e ainda sendo encontrado apenas um caso (cerca de 16%) entre as mulheres livres.

Neste sentido, vale ressaltar que vários casos relatados de suicídio materno associado à morte de filhos (homicídio ou suicídio conjunto) se deram por meio de afogamento. Nas notícias da Gazeta de Campinas temos, em 1879, os 4 casos ocorridos em Atibaia, em que “duas mães e duas filhas” (não se sabe se estas eram crianças) se afogaram em um tanque, aparentemente para não acompanhar o novo senhor, e em 1873 a notícia do caso da escrava de Campinas que levara junto à morte, no tanque da fazenda, sua pequena liberta de 5 anos, apenas por “malvadeza”.

Reprovação semelhante parece ter provocado o caso relatado por Isabel C. F. dos Reis (1998, p.76-77), publicado no ‘Diário da Bahia’ em 1862, em que se noticiava a “barbaridade” do encontro de seis cadáveres de escravos boiando em um tanque, cinco deles amarrados, e que se descobriu serem de uma escrava fugida havia muitos anos, que vivia como forra mas estava ameaçada de

retorno ao cativeiro, e de seus filhos. A mesma pesquisadora relata mais um caso ocorrido em 1847, em que a escrava Lucrécia lançara-se ao mar com dois filhos pequenos (Reis, 1998, p.80). Jackson Ferreira (2004b, p.221) menciona ainda um caso da Bahia, ocorrido em 1864, em que a escrava africana Camila tentara se afogar com o filho de colo. Em sua pesquisa sobre o município de Juiz de Fora, Ana Maria Amoglia (2006, p.183-188) descreve três casos locais, os das escravas Maria, Magdalena e Jacintha, mães suicidas que mataram os filhos, sempre por afogamento.

Como já mencionado no capítulo I, na narrativa acadêmica das três teses da Faculdade de Medicina na Bahia, e na narrativa informativa da Gazeta, o infanticídio é uma ocorrência carregada negativamente. No texto das teses, existe a associação entre a diminuição de filicídios e a entrada em vigor da Lei do Ventre Livre, em 1870. Os três autores citados reconhecem e citam esta diminuição

No texto da notícia da Gazeta, citando o caso do suicídio de uma escrava por afogamento, esta levava “perversamente” consigo sua filha de cinco anos. Um detalhe importante, sua filha era liberta (o senhor que era dono de sua mãe, a libertou), o que descarta, pelo menos para este caso específico, a hipótese de filicídio para poupar os filhos da sofrida vida na condição de escravo. Pode-se ler a notícia na íntegra na página 72.

Entre os homens escravos, como visto, o afogamento não era a primeira opção, mas o enforcamento, sendo este a segunda escolha das escravas.

A discussão fica mais complexa quando comparados os dados encontrados por Jackson Ferreira, para a Bahia, sobre as escolhas dos meios segundo o gênero.

No total de 204 casos de atos suicidas de escravos da Bahia, onde se pode determinar o meio usado, para os homens o enforcamento foi também a primeira opção (64 ou 40% dos casos) (Ferreira, 2004a, p.38) como encontrado para a província de São Paulo.

Já para as mulheres escravas, Ferreira encontrou como meios para cometer suicídio: afogamento e envenenamento (ambos com 12 casos ou 27,3%), seguido de enforcamento (10 casos ou 22,7%) e precipitação (9 ou 20,5%). Como já colocado, os dados da Gazeta revelam a predominância intensa do afogamento entre as mulheres escravas de São Paulo (15 casos ou 70%).

É interessante observar, que para os casos de escravos suicidas em São Paulo havia 27 mulheres (36%), proporção maior do que a encontrada na Bahia (44 ou 22%); já no estudo baiano havia cerca de 12% de mulheres livres (Ferreira, 2004a, p.38), enquanto em São Paulo encontrou-se somente 6% delas.

É possível aventar que o afogamento fosse preferido pelas escravas de São Paulo, em alguns casos, em função de crenças religiosas, conforme referido anteriormente. Porém, no momento, não há elementos para avançar neste ponto, que apenas se indica.

É mister notar a presença do meio “envenenamento” para os dados da Bahia, assim como o meio “precipitação” (Ferreira, 2004a) e a não existência destes meios nos dados de São Paulo. Certamente este é um interessante ponto, e que como o anterior, exige ainda ser mais bem pesquisado.

‘Motivações atribuídas, segundo condição’:

As motivações atribuídas aos atos suicidas nas notícias, em geral, são pouco precisas, quando existem. Em cerca de metade dos casos, elas não são citadas ou são ignoradas, entre escravos e livres. Nos relatórios provinciais, as informações são ainda mais esporádicas e genéricas, a maioria dos casos de escravos sendo atribuídas aos “desgostos do cativo”, um clichê recorrente nos discursos sobre os atos suicidas dos cativos.

Neste sentido, deve-se considerar que as atribuições de motivos podem ter se baseado tanto em informações obtidas dos inquéritos policiais, mais ou menos fidedignas, quanto serem simplesmente uma suposição do autor das notas, que poderia recorrer a visões estereotipadas sobre as causas de suicídios.

Considerando-se os 32 casos em que a citação dos supostos motivos existe (para suicídios e tentativas em conjunto) vê-se que, entre os escravos, os casos ocorridos entre presos ou relacionados à prisão somam 9 referências (condenado por homicídio; logo após cometer homicídio; preso já condenado; preso aguardando julgamento; recém-saído da prisão); e os acusados de crimes como furto e homicídio são 3. São quase todos homens (somente uma mulher, acusada de furto).

Este agrupamento de motivações relacionadas a crimes pode se relacionar com os pesados castigos físicos dados aos escravos condenados, como a pena de açoites; o cumprimento de pena na cadeia “com ferro ao pescoço” e ainda à possibilidade de condenação a trabalhos forçados (pena de galés), condenações recebidas por alguns dos casos citados no capítulo II, como os de Elesbão, Ambrósio, Adão e João Joaquim.

Segundo Célia de Azevedo, na prática, a pena de morte, a partir do ano de 1857, deixa de ser a pena máxima em vigor no Brasil, sendo sempre comutada em pena de galés perpétuas, certamente com o intuito de conservar mais braços para o trabalho, após o fim do tráfico.

Sua instituição, acabando com a pena de morte, acenaria com certa impunidade dos escravos rebeldes, e na opinião de José do Patrocínio, citado pela autora, a pena de galés teria ocasionado um sensível aumento na quantidade de atentados contra os senhores (Azevedo, 1987, p.183), aumento este que é uma questão controversa na historiografia (Mattos de Castro, 2001).

Parece sensato questionar se realmente a condenação a trabalhos forçados eternos em obras do governo poderia ser considerada pelos próprios escravos um “prêmio” e não uma pesada condenação, ou se esse era apenas um discurso corrente na época. Uma indicação a respeito pôde ser vista na notícia sobre o suicídio na cadeia do escravo Adão, assassino de seu senhor, em que se expressa espanto por este desfecho, já que ele teria obtido “a pena que desejava”

Há ainda suicídios relacionados a ameaças de castigos (dos senhores ou na prisão) nos casos de simples suspeitas de crime, como ocorrido com a mulata Escolástica. Como vimos, castigos excessivos e medo de castigos como causas de suicídios entre escravos são mencionados já nos relatos dos viajantes, e na literatura subsequente, bem como pelas próprias autoridades provinciais. Escravos em fuga, na ocasião da captura somam 4, também todos homens, nestes casos parecendo clara a opção pela morte ao retorno cativo.

Um outro conjunto de casos (10), liga-se a situações relacionadas à venda a um novo dono ou a mudança de endereço, da cidade para a fazenda (9 de resistência à venda / mudança e um caso de querer ser vendido com os companheiros). Observe-se que aí se incluem os citados 7 casos ocorridos em Atibaia, sendo 4 da mesma família. Nestes casos, em que há apenas um homem, o suicídio surge como forma de recusa à violência da mudança forçada, podendo-se supor o desejo de manter vínculos locais familiares e afetivos.

De forma similar, para os casos da Bahia, Jackson Ferreira apontou que os motivos que podem ser diretamente ligados à escravidão (captura após fuga, castigo e ameaça de venda) foram responsáveis por metade das possíveis motivações dos 87 suicídios em que pôde saber a motivação (Ferreira, 2004b, p.210).

Os outros motivos mencionados nas notícias da Gazeta são transtornos mentais em sentido amplo (3 casos): “acesso de loucura”, “momento de desvario” e por estar “caduca”; 2 casos relacionados a homicídio passional (amoroso); embriaguez (1), e em um caso fica-se em dúvida se a “malvadeza” é considerada causa apenas do filicídio ou também do suicídio da escrava.

Para os 43 casos de livres, nos suicídios e tentativas juntos, as motivações mais citadas são desarranjo ou alienação mental (18), relacionadas à desonra, injustiça e ofensa (6), decorrentes de paixão amorosa, ciúmes ou briga conjugal (6) e após homicídio passional da ex-esposa (3). Seguem-se variados motivos como problemas comerciais ou financeiros (2), “aborrecimento da vida”

(2), doença incurável (2), “desvio da imaginação” (1), “por estar embriagado” (1), “sentimentos particulares” (1), “motivo de família” (1), e “ao ver a mãe morta” (1).

Assinala-se a atribuição diferenciada de motivações dos atos suicidas para livres e escravos, sendo que sua imputação a transtornos mentais predomina entre os livres e é muito pouco citada para escravos.

Para os livres, além da alienação mental, os outros motivos mais comumente atribuídos poderiam ser chamados de “passionais”, ou seja, relacionados a valores morais, aos afetos em geral e à paixão amorosa contrariada. Desta forma, causas que chamaríamos de psicopatológicas são ligadas muito mais aos suicídios dos livres que ao dos cativos, o que pode refletir não só a predominância de suicídios ligados à situação do cativo, mas ainda a visão dos escravos (ou dos negros) como sendo moralmente diferentes das pessoas da classe senhorial.

A título de comparação, vale destacar a diferença na proporção dos casos atribuídos à alienação mental, na citada pesquisa de Ferreira sobre a Bahia, e a similaridade das motivações ligadas ao cativo. Para 87 suicídios de escravos, os motivos mais comuns foram: alienação mental (22 ou 25,3%), situação de captura (21 ou 24,2%), relacionado a castigos (16 ou 18,4%), a crimes (12 ou 13,8%), a vendas (6 ou 6,9%) e relacionado a situações amorosas (6 ou 6,9%) (Ferreira, 2004b, p.208).

É possível que a maior quantidade de casos em que havia atribuição de loucura a escravos na Bahia se deva ao tipo de fonte preferencialmente usada por Ferreira, os inquéritos policiais (embora ele também tenha usado notícias de jornais). Nos inquéritos, detalhes dos casos eram contados por testemunhas ou pelo próprio sobrevivente escravo, em tese proporcionando uma visão mais próxima da realidade do que as notícias, onde a motivação teria mais chance de ser atribuída de forma estereotipada, ou seja, se a vítima era escrava, a causa deveria ser relacionada à escravidão.

Desta forma, parece correto afirmar que causas psicopatológicas de suicídios foram menos atribuídas aos escravos em São Paulo, pelo senso comum expresso nos jornais, mas que poderiam ocorrer tanto quanto entre pessoas livres.

Possíveis significados da redução dos suicídios

Os Relatórios Provinciais trazem números que oscilam durante o período estudado de forma acentuada, e como já foi dito, carecem de um maior rigor na coleção de suas estatísticas.

Para o jornal Gazeta de Campinas, para os números dos casos de suicídio de escravos, observamos uma situação semelhante, como se pode verificar no gráfico na página 75. Depois de um grande pico, os casos vão diminuindo, fechando o período estudado com um caso. Para os livres, (gráfico página 76) nesta mesma fonte, observa-se uma tendência geral de estabilidade nos números, a partir do ano de 1882, mantendo-se sempre alta.

As notícias de suicídios de escravos na Gazeta diminuem, em especial depois de 1885, mas é difícil afirmar que isto reflita diretamente uma efetiva diminuição dos casos ocorridos; pode-se apenas apontar que as notícias acompanham a tendência dos registros policiais da província.

Bastide (1943) atribuiu a diminuição observada nos registros policiais de suicídios de escravos da província de São Paulo, nos anos próximos a 1888, à crescente propagação das idéias abolicionistas e às perspectivas concretas de obtenção de liberdade, que teriam reduzido o número de casos, e da mesma maneira pensa Venâncio (1990) sobre os registros da Corte. Para o caso da Bahia, em que constatou também a mesma redução, Ferreira (2004b) pondera que isto pode ser, em parte, relacionado à diminuição da população escrava, ainda que às vésperas da Abolição o contingente escravo fosse ali ainda significativo.

São explicações plausíveis, que se poderiam aplicar também para a província de São Paulo. Porém, além de supor que os suicídios de escravos diminuíram diante da perspectiva de liberdade (pelo menos, os diretamente ligados ao estado de cativo), é possível imaginar se, na conturbada década de 1880, as autoridades não estariam mais preocupadas com questões referentes à manutenção da ordem do que com o registro de suicídios de cativos; o mesmo ocorrendo com o espaço dado às notas de seus suicídios na imprensa.

Talvez o foco das notícias tenha se dirigido às fugas coletivas e às rebeliões de escravos e ainda à radicalização do movimento abolicionista, assim como, nesta época, em seus relatórios os presidentes e os chefes de polícia se ocuparam, sobretudo, da generalização do protesto escravo nas fazendas paulistas, como observou Célia Marinho Azevedo (1987).

Na província de São Paulo, os escravos se matavam mais do que as pessoas livres?

Entre 1870 e 1887, a proporção dos casos de suicídios de escravos noticiados foi de cerca de 42% e os registrados nas estatísticas policiais dos relatórios provinciais de 50%, em comparação aos livres.

Para efeito de comparação, pode-se levar em conta os dados do Censo de 1872, possuindo a província de São Paulo pouco mais de 835.000 habitantes, com aproximadamente 155.000 de escravos (Alencastro, 2001, p.479) Ou seja, os escravos representavam cerca de 19% da população e se matariam na mesma proporção que os livres, como observado nas notícias da Gazeta e nas estatísticas policiais.

A população escrava da província decresceu nos últimos anos da década de 1880, em razão do crescente número de alforrias e da cessação do tráfico interprovincial. Tomando duas das várias e díspares estimativas existentes, consideremos que ela estivesse perto de 100.000 cativos em 1887 (Fausto, 2001), sendo a população total pouco mais de um milhão de pessoas (Carneiro, 1986), e teremos uma proporção em torno de 10% de escravos.

Ainda que os números sejam imprecisos, pode-se observar que a redução relativa na população cativa provincial certamente não foi tão acentuada quanto aquela observada nas notícias de suicídios e tentativas da Gazeta, onde entre 1880 e 1887 aparecem 20 casos de escravos (21%) e 74 de livres (79%), como pôde ser visto na Tabela 9 do capítulo II. Da mesma forma para as estatísticas policiais de suicídios dos relatórios provinciais onde, no mesmo período, há 14 casos de escravos (38%) e de 23 pessoas livres (62%), como se viu na Tabela 4 do capítulo II.

Como visto na página 111, a proporção de escravos da província de São Paulo que cometem suicídio seria maior do que a proporção de livres, quando comparados com o contingente populacional da província.

Recordando, nosso ensaio de cálculo de taxas de casos de suicídio por 100.000 habitantes, segundo condição, para o período entre 1870 e 1879, resultou em 6 por 100.000 para os escravos e de 1,6 por 100.000 para livres (segundo os Relatórios); e em 3,2 por 100.000 para escravos e 0,3 por 100.000 para livres (segundo a Gazeta). Para o período entre 1880 e 1887, encontrou-se para os escravos a taxa de 4,6 por 100.000 e para os livres de 0,3 casos por 100.000 (segundo os Relatórios); e de 2,8 por 100.000 escravos e 0,8 por 100.000 livres (segundo a Gazeta).

Em resumo, o que as informações permitem afirmar é que a proporção de escravos nos registros de suicídio compilados, nas duas fontes pesquisadas, é maior do que seu percentual na população geral estimada, o que pode apenas indicar uma resposta positiva à questão formulada.

Suicídio e negociação

Certamente, a disseminação das idéias abolicionistas na sociedade brasileira como um todo, e entre os escravos, provocou reações, como coloca Stein, “tornou a escravidão menos tolerante” (Stein, 1990, p.182). Assim, o número de revoltas, fugas e atos violentos teria aumentado a partir dos anos de

1870, mas este é um ponto controverso na historiografia da escravidão, com relação ao crescimento dos crimes violentos, como já citado.

Para Kátia Mattoso, a partir desta data, os movimentos de fuga dos escravos teriam se tornado mais tentadores “a partir dos anos 1870, quando uma parte da população livre começa a aderir às idéias abolicionistas e apóia os fugitivos” (Mattoso, 1988, p.154).

Mattoso coloca a idéia de que o suicídio seria uma resposta do escravo a uma situação de insatisfação com a estrutura na qual está inserido. Os senhores e escravos viveriam em uma espécie de equilíbrio, onde cada uma das partes se colocaria de forma que obtivesse determinadas vantagens. Para a autora, este movimento em busca de um equilíbrio seria algo desejável, tanto para o senhor quanto para o escravo, e natural, já que um indivíduo separado de seus familiares, de sua terra, de seus costumes, deveria se esforçar para tentar viver de alguma forma na nova condição em que se encontrava. (Mattoso, 1988, p.103)

Assim, formar uma estrutura que respondesse a seus anseios pessoais seria em caminho natural para o escravo. Quando esta estrutura não fosse formada, ou mesmo quando o tênue equilíbrio entre senhores e escravos fosse quebrado, a ocorrência de fugas, suicídios, lutas e revoltas seria o caminho esperado e natural. (Mattoso, 1988, p.103)

Outros autores que trabalham esta idéia de forma diversa são João José Reis e Eduardo Silva, ressaltando a emergência do conceito de liberdade, entre os próprios escravos e para os escravos, dentro de uma realidade onde este não existia. Pensar o escravo como ser destituído de liberdade era natural, pois não havia outro tipo de pensamento contrário. Segundo eles:

A escravidão só começou a ser uma ‘vergonha da humanidade’ no século XVIII, seja com os filósofos da Ilustração, (...) seja com os economistas primitivos, que acabaram por descobrir a “irracionalidade” do trabalho escravo, com seus altos custos, ‘vis-à-vis’ ao trabalho livre. (Reis e Silva, 1999, p.71)

Hebe Mattos também trata sobre os acontecimentos que marcam, para os atores envolvidos no processo, o fim da escravidão. A autora aponta que os escravos percebem cada vez mais discursos e ações que estremecem o mundo da escravidão, seu mundo, ao passo que os senhores antevêem, pelos diversos acontecimentos, o fim próximo do sistema escravista (Mattos, 1998.)

Nas últimas décadas da escravidão, havia a percepção de um acentuado aumento dos atentados violentos de escravos contra senhores e feitores. Porém, como observa Hebe Mattos, um aumento objetivo e documentado dos crimes dos cativos é difícil de comprovar, “para além da paranóia senhorial” (Mattos de Castro, 2001, p.357). Mas, real ou imaginário, o importante é que este clima existiu e deve ter influenciado a percepção que senhores e escravos tinham das próprias possibilidades de controle e embate.

Neste contexto de incertezas, ganha força um novo aspecto dentro do sistema de relações entre senhor e escravo, a negociação, onde se destacam as atitudes dos escravos para com os senhores, em que os primeiros traçam estratégias específicas, ou contam com sua criatividade ou sorte, para viver a vida da melhor forma possível, já que, comparativamente, poucos escravos se rebelaram ou mataram seus senhores (segundo Sandra Graham, citada por Reis e Silva, 1999, p.14), ou, se poderia aqui acrescentar, só alguns se suicidaram.

Dentro de uma abordagem sobre a reação dos escravos de acordo com as capacidades individuais de resistência ao regime servil, Reis e Silva situam seu conceito de negociação. Partindo do ponto de vista em que consideram os escravos nem “vítimas nem heróis o tempo todo, se situando na sua maioria e a maior parte do tempo numa zona de indefinição entre um e outro pólo.”, (Reis e Silva, 1999, p.7 – nota de rodapé) ressaltam as possibilidades que o escravo possuía de se revoltar ou não contra o ambiente e as condições de trabalho. O que determinaria a escolha pela revolta seria a possibilidade da negociação com o outro específico, o senhor, ou com o outro não-específico – as condições de trabalho, o tempo de trabalho, as folgas nos dias santificados. Em suma, a estrutura do regime escravista.

Uma importante influência na construção das idéias sobre negociação e resistência dos escravos brasileiros pode ser identificada na obra pioneira dos autores norte-americanos Sidney Mintz e Richard Price. Estes situam a discussão sobre a cultura dos escravos, fugindo das visões estabelecidas dentro do debate histórico e cultural dos anos setenta, quando publicam seu importante livro, *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*.¹²

Mintz e Price partem da premissa de que existiu uma variedade de culturas africanas entrando em contato, e não uma forma mais ou menos homogênea de cultura. Em sua interpretação, dentro da estrutura da escravidão, onde o senhor detinha o uso monopolizado do poder, os escravos inventaram as chamadas culturas “afro-americanas”, no plural, pois esta invenção, segundo Marquese (2004) seguiria ritmos e rumos determinados pelo contato, mas sempre tendo como norte as orientações cognitivas mais profundas trazidas da África (Mintz e Price, 2003).

Segundo eles:

A verdade inescapável no estudo da Afro-América é a humanidade dos oprimidos e a desumanidade dos sistemas que os oprimiram. Mas nem todos os sistemas escravagistas oprimiram igualmente todos os escravos, e nem todos os escravos lidaram da mesma maneira com sua opressão

(Mintz e Price, 2003, p.113).

Outro pesquisador que se insere no debate sobre a cultura dos escravos é o historiador Eugene D. Genovese, que discute a escravidão nos Estados Unidos e mostra como houve influências construtivas, neste caso para ambas as partes, entre a cultura dos negros e a cultura dos senhores. Guardadas as devidas diferenças, pode-se estender ao Brasil aquilo que Genovese afirma

¹² Os autores questionam duas vertentes existentes no debate acadêmico, a primeira, que pregava a destruição da cultura africana, quando os escravos foram forçados a se adaptar a uma nova cultura, a do senhor branco, e a segunda, que postulava a resistência da cultura africana trazida pelos negros, de variadas formas.(Mintz e Price, 2003).

sobre o sul dos Estados Unidos, isto é, que os senhores, por diversos motivos, contribuíram para a sobrevivência criativa de suas "peças", e "se impregnaram da cultura e da sensibilidade de seus escravos, ao mesmo tempo em que incutiam neles muito de sua própria cultura." (Genovese, 1988, p.13)

Estudando a escravidão no Brasil, Robert Slenes dá uma relevante contribuição ao abordar a idéia de negociação supondo que “a experiência de escravos (...) vista “por dentro”, não pode ser reduzida a uma história de submissão, cooptação, e aculturação” (Slenes, 2001b, p.253).

Partindo da premissa de que os escravos constituíam realmente relações de parentesco – sejam famílias conjugais, relações de compadrio, sejam reconhecimentos identitários em relação a um grupo específico – Slenes discute a idéia de embate político entre os grupos, de um lado os senhores, com suas proposições sobre o trabalho dos escravos – “extrair a maior quantidade de trabalho possível”, e de outro os escravos, “que almejavam o máximo de autonomia” (Slenes, 2001b, p.112).

Para este autor, a formação de relações parentais entre escravos responde a anseios dos cativos, mas ao mesmo tempo torna-os reféns dos senhores, dentro da lógica dos favores. Da organização familiar advêm conseqüências, como uma certa falta de autonomia dos indivíduos, já que o fato de se possuir uma família poderia servir como fator limitante, caso o senhor se inspirasse a realizar atos onde esta família se encontrasse ameaçada. O parente desenhava-se com espécie de refém desta sua organização familiar. Por outro lado, esta organização familiar (...) “provavelmente ajudou muitos escravos a reterem sua identidade e lidarem efetivamente com as pressões psicológicas da escravidão” (Slenes, 2001b, p.14).

Em resumo, o que estes autores citados indicam é que as relações entre estes atores sociais eram extremamente complexas e variadas, necessitando de um grande esforço interpretativo para serem bem conhecidas.

Assim, através da noção de negociação entre senhores e escravos, novos elementos são adicionados à discussão sobre as estatísticas de suicídios. Neste sentido, pode-se supor que talvez em alguns casos cometer suicídio fosse uma forma de negociar com o senhor, ou uma saída quando todas as tentativas de negociação falhassem, mas esta seria apenas uma das possibilidades.

Ressalta-se que esta afirmação não nega, absolutamente, a grande violência inerente ao cativeiro e a diferença de poder entre senhores e escravos, apenas aponta que a visão do suicídio como única saída dos cativos é incorreta.

CONCLUSÕES

Conforme indicado no presente trabalho, os registros de suicídios na província de São Paulo, estudados a partir dos relatórios provinciais e de notícias de um jornal de Campinas, foram mais freqüentes para os escravos que para os livres, mesmo considerando as várias possibilidades de distorção nos registros.

Entre os escravos, as motivações relacionadas mais diretamente à situação de cativo foram as predominantes, nos casos onde o suicídio surge como recusa à violência da mudança forçada em razão de vendas, nos casos relativos a castigos ou ameaças de castigos, em especial entre escravos condenados e presos, e finalmente, naqueles em situação de fuga.

Assinalou-se ainda a atribuição diferenciada de motivações dos atos suicidas para livres e escravos, sendo que sua imputação a transtornos mentais predomina entre os livres e é muito pouco citada para escravos. O fato de causas psicopatológicas estritas terem sido ligadas muito mais aos suicídios dos livres que ao dos cativos, pode refletir tanto a real predominância de suicídios ligados à situação do cativo, quanto a veiculação de uma visão estereotipada dos escravos como sendo moralmente diferentes das pessoas da classe senhorial.

Concluindo, não parece justificável que o fenômeno do suicídio entre escravos no Brasil seja tomado como auto-explicável pela desfavorável condição do cativo, e assim considerado como ponto resolvido na historiografia da escravidão.

Neste trabalho, partiu-se da premissa de que os atos suicidas são manifestações humanas extremas que não poderiam ser reduzidas a uma única explicação, fosse ela de caráter sociológico, antropológico ou psicopatológico, e que deveriam ser referidas aos contextos históricos em que se deram.

Espera-se que esta pesquisa tenha permitido vislumbrar a complexidade e a variedade das situações em que se deram estes atos – bem como as contingências que influiriam no registro destes casos – e que ela contribua para desfazer explicações simplificadoras, que de certa forma repetem a expressão-clichê recorrente nos documentos oficiais, a que afirmava serem os suicídios de escravos obviamente decorrentes “dos desgostos provenientes do cativo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivos e siglas

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Jornal Gazeta de Campinas microfilmada;

Center for Research Libraries (CRL) - relatórios provinciais, acervo on line;

Acervo de História da Psiquiatria do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, Faculdade de Ciências Médicas (FCM), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - teses de medicina;

Centro de Memória - Unicamp (CMU) - Fundo Tribunal de Justiça de Campinas (TJC) - processos judiciais;

Arquivo do Estado de São Paulo (AESP);

Fontes primárias

Antonil AJ. Cultura e opulência do Brasil por suas drogas, e minas, com várias notícias curiosas do modo de fazer açúcar; plantar e beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas; e descobrir as da prata; etc. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1711. p.23. In: Silva, LD. (org.) Brasil [CD ROM]. Madrid, Fundacion Histórica Tavera, DIGIBIS; 1997. Edição fac-similada.

Bahia (província). Mensagens dos Presidentes das Províncias. Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras. Latin-American Microform Project. Center for Research Libraries. Relatórios de 1861 e de 1876 [on line]. Disponível em: URL: <http://www.crl.edu/content/brazil/bah.htm>. Acesso em: 01 jul 2007

Chernoviz PLN. Diccionario de medicina popular. 3ª.ed. Paris: Typographia de Jullio Claye ; 1862 vol. 3.

Debret J-B. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo, Livraria Martins; 1940, vol 2, p. 186. [Voyage pittoresque et historique au Brésil, 1834-39].

Duarte JRL. Ensaio sobre a higiene da escravatura no Brasil. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert; 1849.

Ewbank T. Vida no Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo; 1976.

Gazeta de Campinas. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas; 1872-1883. [Microfilme disponível no Arquivo Edgar Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas] Detalhes no Anexo 9 da dissertação.

Jardim DG. Algumas considerações sobre a higiene dos escravos. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert: 1847.

Koster H. Viagens ao nordeste do Brasil. Tradução e prefácio de Luis da Câmara Cascudo. 2ª. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura; 1978, p. 372-433. [Travels in Brazil, 1816].

Martius CFP von. Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros. Tradução de Pirajá da Silva. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1939, p. 29-33. [Das Naturell, die Krankheiten, das Arztthum und die Heilmittel der Ueberwohner Brasiliens, 1844]).

Mendes LAO. Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e o Brazil, apresentada à Real Academia de Ciências de Lisboa, 1793. Porto: Publicações Escorpião; 1977.

Moreira NJ. Considerações geraes sobre o suicídio. [Discurso pronunciado perante Sua Magestade o Imperador e Sua Alteza o Senhor Conde D'Eu, na sessão solemne da Academia Imperial de Medicina celebrada no Paço da Cidade em 30 de Junho de 1867.] Rio de Janeiro: Typographia Progresso; 1867.

Oliveira VT de. Do infanticídio sob o ponto de vista médico-legal (proposições). Bahia: Typ. do Diário; 1874. p. 22.

Pinel P. Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale, ou la manie. Paris: Slatkine; 1980. [Reprodução da primeira edição: Paris, Richard, Caille e Ravier, ano IX da Revolução, 1800].

Santos AJ de. Do regimen das classes pobres e dos escravos, na cidade do Rio de Janeiro em seus alimentos, e bebidas. Qual a influencia deste regimen sobre a saude? (proposições). Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert; 1851.

São Paulo (província). Mensagens dos Presidentes das Províncias. Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras. Latin-American Microform Project. Center for Research Libraries. Relatórios de 1838 e de 1888 [on line]. Disponível em: URL: <http://www.crl.edu/content/brazil/sao.htm>. Acesso em: 01 jul 2007

Sigaud J-FX. Du climat et des maladies du Brésil. Paris : Fortin, Mason et C.; 1844, p. 126-142. Todas as traduções deste autor para o português foram feitas por Ana Maria Oda.

Silveira JCB da. Do infanticídio considerado sob o ponto de vista médico-legal (proposições). Bahia: Typographia de Francisico Queirolo; 1874.

Teuscher R. Algumas observações sobre estadística sanitária dos escravos em fazendas de café (Tese para verificação de diploma). Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp.; 1853.

Walsh R. Notícias do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo; 1985.

Zaluar AE. Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861). São Paulo: Editora Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo; 1975.

Fontes secundárias

Alencastro LF de. Vida privada e ordem privada no Império. In: Alencastro, LF de (org.). História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras; 2001. p.80-2, 479.

Amoglia AMF. Um ar de liberdade: o suicídio de escravos no município de Juiz de Fora (1830-1888). [Dissertação]. Niterói (RJ): Universidade Federal Fluminense; 2006.

Aron R. As Etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Brasília: Martins Fontes/Editora da Universidade de Brasília; 1982.

Azevedo CM de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX. São Paulo: Paz e Terra; 1987.

Bastide R. O candomblé da Bahia: rito nagô. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Revisão técnica de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras; 2001 [Le candomblé de Bahia: rite nagô, 1958].

Bastide R. Os suicídios em São Paulo, segundo a cor. Boletim de Sociologia da Universidade de São Paulo: USP; São Paulo, n. 71. 1943.

Bercherie PE. In: Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1989. p. 48-56.

Berrios GE, Mohanna M. Durkheim and French psychiatric views on suicide during the 19th century: a conceptual history. British Journal of Psychiatry 1990; 156: 1-9.

Botega et al. Prática Psiquiátrica no hospital geral, 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.

Brito J. História da cidade de Campinas. Campinas: Saraiva; 1958 v. 6 e 7

Capela J. Prefácio. In: Mendes, Luiz Antonio de Oliveira. Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e o Brasil, apresentada à Real Academia de Ciências de Lisboa, 1793. Porto: Publicações Escorpião; 1977. p. 7-18.

Cardoso FH. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977. p.125-28.

Carneiro G. O poder da Misericórdia: a Irmandade da Santa Casa na história social e política da cidade de São Paulo – 1560/1985. 2 vol. São Paulo: Press Grafic; 1986, p. 235-307.

Castro HMM. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: Alencastro, LF de (org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras; 2001. p. 338-383 (Vol. 2. Império: a corte e a modernidade nacional).

Costa WP. O Império do Brasil: dimensões de um enigma. Almanack Brasiliense [on line] Mai 2005 [acesso em 01 jul 2007]; 1: p. 27-43. Disponível em: URL: www.almanack.usp.br/PDFS/1/01_forum_2.pdf

Dalgalarrondo P. Civilização e loucura: uma introdução à história da etnopsiquiatria. São Paulo: Lemos; 1996.

Durkheim E. O suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes; 2000. [Le suicide, 1897].

Ernst C, et al . Suicídio e ausência de psicopatologia em eixo I. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul [on line] 2004 set./dez. [acesso em 01 jul 2007]; 26(3) Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082004000300003&lng=pt&nrm=iso

Fausto B. História do Brasil. São Paulo: EDUSP/ FDE; 2001. pp. 236-242.

Ferreira J. "Por hoje se acaba a lida": suicídio escravo na Bahia (1850-1888). Afro-Ásia 2004A; 31: 197-234.

Ferreira JAS. Loucos e pecadores: suicídio na Bahia do século XIX. [Dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2004b.

Freyre G. Casa-Grande e senzala. 25^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1980.

Freyre G. Deformações de corpo nos negros fugidos. In: Novos estudos afro-brasileiros: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro realizado no Recife, em 1934. Prefácio de Arthur Ramos. Recife: Massangana; 1988. p. 243-248. [Fac-símile de Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1937].

Genovese ED. A terra prometida: o mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1988.

Goulart JA. Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia do escravo no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista / INL; 1972.

Guimarães MRC. Os manuais de medicina popular de Chernoviz na sociedade Imperial. Revista Cantareira [on line] 2004 Abr-Ago [acesso em: 01 jul 2007]; 1(5). Disponível em: URL: http://www.historia.uff.br/cantareira/edic_passadas/v5/manuais.pdf.

Guimarães MRC. Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz. Pós-graduação em História das Ciências da Saúde; 2003.

Karasch MC. A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

Lapa JRA. A cidade, os cantos e os antros: Campinas, 1850-1900. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1996.

Machado R. et. al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal; 1978.

Marquese RB. História, antropologia e a cultura afro-americana: o legado da escravidão. Estudos Avançados [on line] 2004; [Acesso em: 01 Jul 2007]; 18(50). Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100026&lng=en&nrm=iso.

Marin-Léon L, Barros MBA. Mortes por suicídio: diferenças de gênero e nível socioeconômico. Revista de Saúde Pública 2003; 37(3): 357-63.

Mattos HM. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.

Mattoso KQ. Ser escravo no Brasil. São Paulo: Brasiliense; 1988.

Mello MF de. O Suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. Cadernos de Saúde Pública [on line] 2000 jan./mar. [acesso em 01 jul 2007]; 16(1) Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000100017&lng=pt&nrm=iso

Minayo MC de S. Social violence from a public health perspective. Cadernos de Saúde Pública [on line] 2007 [acesso em 01 jul 2007]; v.10 supl. 1. Disponível em: URL: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500002&lng=en&nrm=iso

Minois G. História do suicídio. 1.ed. Lisboa: Editorial Teorema; 1995.

Mintz S, Price R. O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. São Paulo: Pallas/ Ed. Universidade Cândido Mendes; 2003.

Moura C. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: EDUSP; 2004.

Nunes ED. O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. Cadernos de Saúde Pública 1998; 14(1): 7-34.

Oda AMGR. Relatório científico anual n. 2: Projeto “Dos desgostos provenientes do cativeiro: uma história da psicopatologia dos escravos brasileiros no século XIX” (FAPESP processo 04/00442-4). Campinas, julho de 2006

Oda AMGR, Dalgarrondo P. Apresentação. In: Pinel, P. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania (1800). Tradução de Joice Armani Galli. Revisão técnica de Margareth Christoff e Ana Maria G. R. Oda. 2007 (no prelo).

Oda AMGR. Esboço de uma história da psicopatologia dos escravos brasileiros. In: Alienação mental e raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues. [Tese – Doutorado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2003. p. 391-428.

Oda AMGR. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental 2007; 10(2): 346-361.

Oda AMGR, Oliveira SV. Registros de suicídios entre escravos em São Paulo e na Bahia (1847-1888): notas de pesquisa. Trabalho apresentado no III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007 Mai. [Acesso em: 01 Jul 2007] Florianópolis. Disponível em: www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/6.6.pdf

Oliveira CS de, Lotufo Neto F. Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro. Revista de Psiquiatria Clínica [on line] 2003 [acesso em 01 jul 2007]; 30(1) Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832003000100001&lng=pt&nrm=iso

Ortiz F. Los negros brujos. Madrid: Editorial América; 1906. In: Afroamerica, textos historicos [CD-ROM]/ Enriqueta Vila Vilar (comp.). Madrid: Fundacion Historica Tavera: DIGIBIS: Mapfre Mutualidad; 1999. Edição fac-similada.

Pessoti I. A loucura e as épocas. Rio de Janeiro: Editora 34; 1994.

Piedade EL. Do infanticídio considerado sob o ponto de vista médico-legal (proposições). Bahia: Typ. do Correio da Bahia; 1874. p. 27.

Porto A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. História, ciências, saúde – Manguinhos 2006; 13(4): 1019-1027.

Reis ICF. Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX. [Dissertação]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 1998.

Reis JJ, Silva E. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.

Rubem de Pinho A. Aspectos da psiquiatria transcultural no meio baiano. Revista Brasileira de Psiquiatria 2003; 25(1): 59-62.

Schwarcz LM. Retrato em branco e negro: jornal, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras; 1987.

Shiang J, Barron S, Xiao SY, Blinn R, Tam WC. Suicide and gender in the People's Republic of China, Taiwan, Hong Kong, and Chinese in the US. Transcultural Psychiatry, 35 (2):235-251, 1998.

Slenes RAW. Senhores e subalternos no oeste paulista. In: Alencastro LF. História da vida privada no Brasil. p. 234-290; 2001a.

Slenes RAW. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001b.

Starobinski J. Historia del tratamiento de la melancolia desde los orígenes hasta 1900. Genebra: Geigy; 1962. (Acta Psychosomatica, 3).

Stein SJ. Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

Toledo RP. A capital da solidão: uma história de São Paulo das origens até 1900. Rio de Janeiro: Objetiva; 2003.

Vainfas R (org.) Dicionário do Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Objetiva; 2002.

Venâncio RP. A última fuga: suicídio de escravos no Rio de Janeiro (1870-1888). LPH - Revista de História 1990; 1(1): 80-89.

World Health Organization. Multisite intervention study on suicidal behaviours SUPRE-MISS. Geneva: World Health Organization; 2002.

ANEXOS

ANEXO 1

Processo judicial sobre suicídio de escravo

Em buscas no Fundo Tribunal de Justiça de Campinas (1793 a 1888), depositado no Centro de Memória da UNICAMP, foi encontrado apenas um processo cujo objeto era o suicídio de escravo. A importância do processo é considerável, por ser este o único a investigar o suicídio de um escravo, dentro de um universo de aproximadamente 52.000 processos para a região de Campinas e Jundiaí. Este processo será descrito a seguir¹³.

Os processos judiciais arquivados no CMU estão classificados e informatizados em banco de dados segundo: nome do réu, nome do autor da ação, tipo de ação e ano de abertura, constando ainda informações sobre o ofício original, e dados de localização como a caixa e o número do processo.

O réu é José Mullato, propriedade do Capitão Manoel Ferraz de Campos; o processo foi aberto em 1819, constando como autor o Juízo Ordinário da Vila de São Carlos, antigo nome de Campinas (Fundo TJC ofício 1, caixa 19, número 544).

O documento mostra como os casos de suicídio cometidos por escravos poderiam ter sido tratados na sociedade campineira da primeira metade do século XIX. Pode-se observar nele o universo das testemunhas que foram depor, suas idades, ocupações, quem depôs como sendo o caso um suicídio, quem testemunhou como sendo um assassinato, entre outros.

O processo foi escrito à mão, como todos os processos daquela época, por um escrivão que estava presente no momento do julgamento. Não é a reprodução fiel das palavras dos envolvidos, mas sim uma condensação das falas.

¹³ É necessário aqui agradecer ao Professor Doutor Sérgio Saboya Arruda, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM UNICAMP, pela ajuda inestimável na leitura do texto do processo, trabalho este árduo e difícil.

Apresenta uma caligrafia peculiar, com alguns possíveis erros de português, alguns caracteres indecifráveis, algumas abreviações – muito usadas na época, para documentos jurídicos – que tornam ainda mais difícil a leitura do texto.

Dificuldades adicionais são o estilo típico de redação da época, o estado de conservação do original, em alguns pontos já corroído pela tinta usada, além do vocabulário jurídico específico, ou seja um conjunto de condições que tornam a leitura do documento uma tarefa de árdua realização. Algumas poucas palavras não puderam ser compreendidas, mas o entendimento geral dos fatos não foi prejudicado.

O processo tem seu início na data de 12 de outubro de 1819 e ao que parece foi apreciado por pelo menos dois juízes, e mais de um escrivão participou do processo. Registrou-se o depoimento de vinte e quatro testemunhas.

Está presente um exame de corpo de delito no cadáver do escravo, realizado por um médico diante da presença de testemunhas. No exame, aqui transcrito, com sua ortografia original, observa-se que o escravo possuía uma ferida na região gástrica, uma ferida no crânio, provocada ao que parece por um objeto pontiagudo, e finalmente uma nódoa no antebraço.

declarou o ditto Aleixo Correa achar o
corpo do ditto Escravo fallecido com
hum ferida____ na região gástri-
ca ublicuamente ao llado direitto, e
que passando a examinar a rotura
_____, achou na parietal para a parte esquer-
da uma ferida contusa cuja _____ a
pe netrar o crâneo, para a sutura occipi-
tal, e dice mais, que achou no ante.bra-
sso uma nódoa contusa e nada mais
dice

As testemunhas ouvidas no processo dão várias explicações sobre estas feridas presentes no corpo do escravo. Uma destas testemunhas, o senhor Theodoro Francisco de Andrade, diz que o escravo se feriu quando saltou uma

vala quando segurava uma faca. Outra testemunha, de nome Joaquim Marciano de Ramos, diz que o filho de certa “Donna Anna”, de nome Manoel, contou que havia matado o escravo José Mullato, do Capitão Manoel Ferraz de Campos.

Ao final do processo a conclusão é a de que o escravo cometeu suicídio. O escravo é condenado a ser preso – pois suicídio era considerado um crime grave – e solto, já que não poderia cumprir sua sentença, estando já morto.

O Juiz condena o Capitão Manoel Ferraz de Campos, dono do escravo suicida, a pagar as custas do processo, acrescentando que o escravo não poderia pagar já que “não existe”:

Conclusão

As testemunhas nesta Devaça inquiridas

obrigao.~ aprizao.~

e livramento a José Mullato

escravo do Cap.m Manuel Ferraz de Campos

por ter ce morto a si proprio e p.r q.~ não

existe dito Mullato .o Sn.r do mesmo como

requerente da presente devaça pague as

custas exlaura em que

Em que ocomdemno a pagar

Sam Carlos 3 de junho de 1820

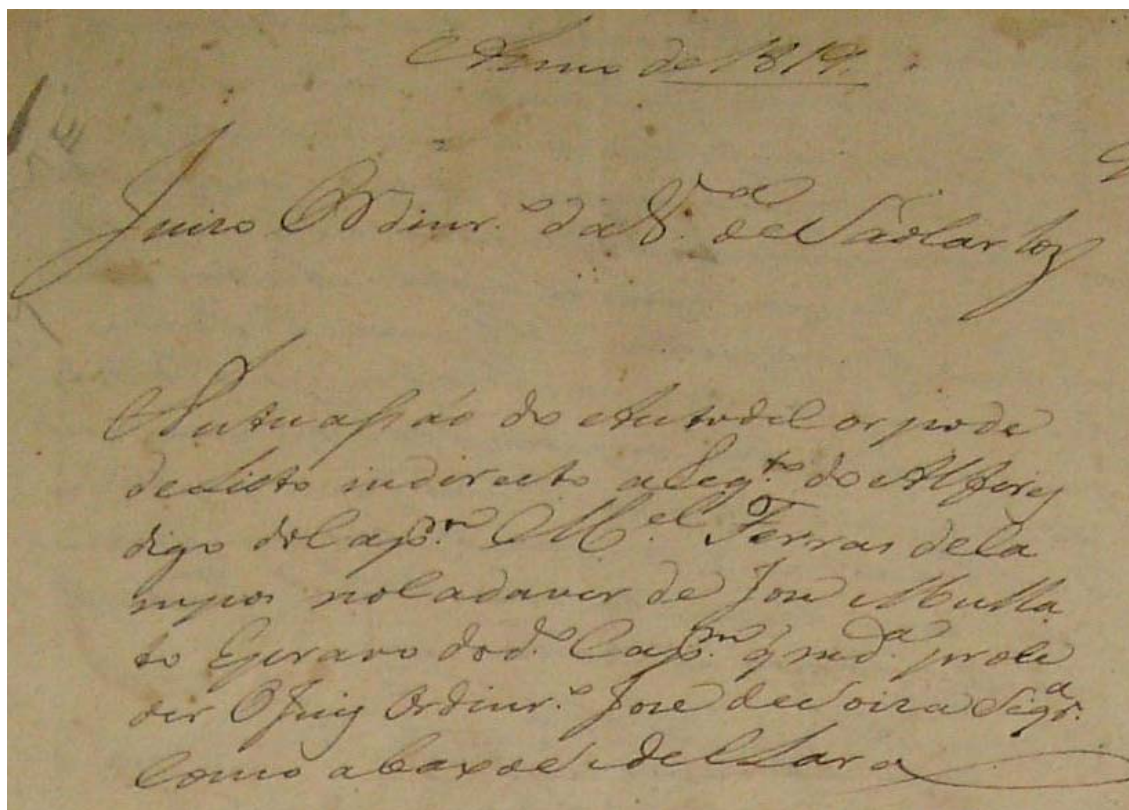
O processo possui uma particularidade: além desta conclusão com validade jurídica, que atesta a morte do escravo por suicídio, há outra “conclusão” adicionada algum tempo mais tarde, na última página do processo, e que se opõe à conclusão original.

Esta “conclusão não-oficial” diz que a causa da morte do escravo não foi suicídio, e sim assassinato. Isto dá a entender que o processo seria novamente aberto, mas este fato nunca ocorreu.

Para fins jurídicos, a primeira conclusão é a oficial, o processo é mesmo sobre o suicídio de um escravo. Mas para fins históricos, pode-se perceber a inegável contradição inscrita no processo e a rede de relações estabelecidas, que parece pretender mesmo concluir que o escravo se matou.

Possivelmente, se a conclusão oficial fosse de que o escravo tinha sido assassinado, uma investigação maior sobre os acontecimentos teria que ser realizada, o que talvez não fosse interessante para os envolvidos no caso, notadamente se fossem pessoas de projeção na estrutura social da época, ou mesmo gente mais pobre, mas apadrinhada por figuras importantes.

A seguir, excerto extraído da página inicial do processo:



Anno de 1819.

Juízo Ordin.º da V.a de São Carloz

Autuassão do Auto de corpo de
delicto indirecto a Req.to do Alferes
digo do Cap.º M.º el Ferraz de Ca
mpo no cadáver de Jose Mulla
to Escravo do d.o Cap.º q m.º da proce
der o Juiz Ordin.º José de Soiza Siq.ra
como abaixo se declara

Transcrição do processo

Anno de 1819

Juízo Ordin.º da V.a de São Carloz

Autuassão do Auto de corpo de

delicto indirecto a Req.to do Alferes

digo do Cap.º M.º el Ferraz de Ca

mpo no cadáver de Jose Mulla

to Escravo do d.o Cap.º q m.º da proce

der o Juiz Ordin.º José de Soiza Siq.ra

como abaixo se declara

ANEXO 2

RELATORIO

APRESENTADO

A' ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL

PELO

EXM. SR. DR. JOÃO THEODORO XAVIER

PRESIDENTE DA PROVINCIA

NO DIA 5 DE FEVEREIRO DE 1873



S. PAULO

TYPOGRAPHIA AMERICANA, LARGO DE PALACIO N. 2

1873



N. 3

MAPPA DE ESCRAVOS FUGIDOS, TURBULENTOS E ÉBRIOS QUE FORÃO PRESOS EM 1872

MUNICIPIOS	<i>Turbulentos, ébrios e outros</i>	<i>Escravos fugidos</i>	TOTALIDADE
Capital	101	69	170
Ubatuba	15	4	19
Pirassununga	11	.	11
Santos.	244	29	278
S. Vicente	4	4	8
S. Luiz	6	12	18
Capivary.	24	5	29
S. José dos Campos	2	1	3
Bragança.	42	4	46
Taubaté	47	17	64
Silveiras	5	2	7
Mogy das Cruzes	15	3	18
Cunha	6	4	10
Lorena	7	5	12
S. Sebastião.	6	1	7
Villa-Bella	7	1	8
Belém de Jundiaby	3	.	3
S. João da Boa-Vista.	11	4	15
Faxina	10	1	11
Cananéa	3	.	3
Paranapanema	11	.	11
Botucatu.	6	3	9
Mogy-mirim.	69	27	96
Campinas	80	59	139
Guaratinguetá	36	5	41
Rio-Claro	42	9	51
Sorocaba.	26	6	32
Jundiaby.	15	1	16
Cacapava.	2	.	2
Pindamonhangaba.	9	18	27
Jacarehy.	4	.	4
Aréas.	4	7	11
Bananal	32	15	47
Xiririca	3	2	5
Lencóes	5	.	5
Limeira	16	11	27
Casa-Branca.	.	8	8
Iguape	17	6	23
Cidade do Tieté	.	3	3
Batataes.	6	3	9
	957	349	1.306

Secretaria da Policia de S. Paulo, 15 de Janeiro de 1873.

O Secretario interino,
Luiz Antonio Corrêa.

Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial pelo exm. sr. dr. João Theodoro Xavier, presidente da provincia, no dia 5 de fevereiro de 1873. S. Paulo, Typ. Americana, 1873. Mapa 3

ANEXO 3

RELATORIO

APRESENTADO

A' ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL

DE

SÃO PAULO

PELO

PRESIDENTE DA PROVINCIA

O Exm. Sr. Dr.

JOSÉ FERNANDES DA COSTA PEREIRA JUNIOR

Em 2 de Fevereiro de 1872



PAULO,

TYPOGRAPHIA — AMERICANA — LARGO DE PALACIO N. 2.

1871



Projectos de insurreição

Nestes ultimos mezes a população dos municipios agricolas tem sido desagradavelmente impressionada pelo receio de sublevação dos escravos.

No districto do Espirito-Santo do Pinhal, termo de Mogy-mirim, houve desconfianças de insurreição.

O fazendeiro Antonio Joaquim da Costa communicou ao Sub-delegado que notava em seus escravos certa altivez, a que não erão

habituaados; tomadas as necessarias providencias, no dia 29 de Agosto forão presos dez escravos, que insubordinarão-se.

Forão interrogados; mas nada depuzerão que compromettesse a terceiros, ou indicasse estarem combinados com escravos de outras fazendas.

Na Cidade de Campinas teve noticia a autoridade policial, de que estava preparada uma insurreição, na qual tomavão parte escravos de diversas fazendas. O dia 1º do anno era o designado para o rompimento.

O distincto Delegado de Policia, Capitão Joaquim Quirino dos Santos, tomou, com promptidão, energicas providencias.

Nas averiguações feitas apparece Vespasiano Rodrigues da Costa como excitador dos escravos á insurreição.

Esse Vespasiano tinha em seu poder grande quantidade de munições de guerra, que devia, por conta do Governo, transportar para Mato-Grosso.

As diligencias, a respeito dessa insurreição, não estão ainda concluidas; é porém certo que, desta vez, a ordem publica não será alterada no importante municipio de Campinas.

Acaba tambem de descobrir-se, no municipio de Jundiáhy, que os escravos da fazenda de Luiz José Pereira de Queiroz, planejavão uma insurreição, de acordo com escravos de outras fazendas.

Um escravo do mesmo Queiroz denunciou os companheiros.

O Delegado, Luiz Henrique Pupo de Moraes, activo e energico como é, tomou com promptidão conhecimento do facto, e pediu auxilio de força, que, sem demora, lhe foi enviada. Não é conhecido ainda o resultado das diligencias.

Na Villa de Indaiatuba tambem houve sérios receios de algum movimento na escravatura, e o Subdelegado preparou-se para occorrer a qualquer accidente.

O digno Delegado de Pindamonhangaba, Capitão Benjamin da Cunha Bueno, tendo tambem aviso de que os escravos do municipio dispunhão-se á insurreição; tomou, de acordo com outros cidadãos notaveis, adequadas providencias, e até esta data nada tem occorrido.

No termo de S. Simão, nove escravos do fazendeiro Francisco Graciano de Macedo, dirigirão-se a este, em attitudo ameaçadora, pedindo a liberdade. O senhor contemporisou, até que, auxiliado pela policia, os fez prender.

No districto de Una, dous escravos de Joaquim Xavier Bueno, rebellarão-se contra este; mas forão logo presos.

Vê, portanto, V. Exc. que houve a insubordinação entre os escravos.

E' mister muito tino e prudente energia da parte da autoridade, para dominar a crise que nos ameaça.

As autoridades policiaes estão vigilantes, e todos empenhão-se

em manter a segurança publica ; mas pedem com instancia o auxilio de destacamentos, e este não é possível ser dado por falta de soldados na Capital.

E' de urgentissima necessidade que peça-se com instancia ao Governo Imperial, que mande um batalhão de linha estacionar nesta Provincia. A presença de uma força regular, por si só conterà os insubordinados.

Hoje não ha a temer só os escravos; mas tambem os especuladores, que os excitão.

Existem muitos Vespasianos; e todos elles contão com a fraqueza da autoridade para facilitar suas criminosas pretensões.

Haja força, e todos elles desanimaráõ.

Anexo ao Relatório do ano de 1872, redigido pelo chefe de polícia
Sebastião José Pereira.

Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo
presidente da provincia, o exm. sr. dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior,
em 2 de fevereiro de 1872. Paulo, Typ. Americana, 1871

ANEXO 4

DOCUMENTOS

QUE

ACOMPANHAM

RELATORIO

QUE

ILL.^{MA} E EX.^{MA} SE. CONDESSA

D.^R VICENTE PIRES DA MOTTA

APRESENTOU A

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL

PARANÁ

ANNO DE 1864



S. PAULO
TYPE-SETTING BY THE IMPERIAL PRESS
DE-IMPRESSO IMPERIALIS

1864



Homicídio e simulação de suicídio de escravo

Reprodução do trecho do relato do Chefe da Polícia da província de São Paulo, dirigido ao presidente provincial e anexado ao seu relatório de 1864, comentando o “bárbaro assassinato” de um escravo pelo seu senhor, que mandou pendurá-lo em uma árvore a fim de simular um suicídio.

A 30, no Termo da Capital, em o lugar denominado—Perús—foi commettido um barbaro assassinato, que revela, da parte do autor, acrisolada malvadez. O Tenente-Coronel Joaquim Pereira de Toledo, depois de ter feito amarrar e lançar por terra um seu escravo de nome André, infligiu-lhe castigos excessivos; e não satisfeito, servindo-se dos tacões das botas que tinha caçadas, praticou-lhe outras offensas, no ventre e cabeça, que produziram a morte. Quando assim procedia, um outro seu escravo appareceu e intercedeu pela victima, que estava a espirar, e foi castigado com brutalidade, por este acto de compaixão exemplar.

O réo, para occultar o crime, fez pendurar o cadaver pelo pescoço em uma arvore, com o fim de simular suicidio. A autoridade avisada do facto procedeu á diligencias, e poudo felizmente, colher dados que guiassem-na ao descobrimento da verdade.

Por esta occasião não posso, a menos que falte ao meu dever, deixar de notar a morosidade, que succedeu ás primeiras diligencias, que praticou o Dr. ex-Delegado de Policia; não sendo menos sensivel a indolencia da Promotoria Publica, que coroou com o silencio a inacção da Delegacia. Logo que tomei posse e tive conhecimento d’esta occorrença, officiei ao actual Dr. Delegado, sobre a necessidade de concluir-se o summario; e devo declarar que, até esta data, nada tenho que censurar a esta autoridade.

Deixo de commentar este crime, porque ninguem haverá cuja consciencia se não revolte diante d’elle.

De 11 a 15 de Setembro, em os trabalhos da via-ferrea — Ponto da Cachoeira—no Termo de Jundiaby, os operarios portuguezes, de mão armada, impediram, com grave prejuizo da empresa, que outros operarios trabalhassem no tunell. Scientificada a Presidencia d’este attentado, fez para ali seguir o Dr. Delegado de Policia, com uma

Relato do Chefe de Polícia, João Guilherme Aguiar Withaker, p. 5, em: Documentos que acompanham o relatório que o ill.mo e ex.mo sr. conselheiro d.r Vicente Pires da Motta apresentou á Assembléa Legislativa Provincial na sessão do anno de 1864. S. Paulo, Typ. Imparcial de J.R. de Azevedo Marques, 1864.

ANEXO 5

RELATORIO

COM QUE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR DOUTOR

João Jacyntho de Mendonça

ENTREGOU .

A PRESIDENCIA DA PROVINCIA

DE

S. PAULO

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR CONSELHEIRO

Dr. Manoel Joaquim do Amaral Guizel

1.^o VICE-PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA

NO DIA 24 DE SETEMBRO DE 1862.



S. PAULO.



TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE J. R. DE AZEVEDO MARQUES

49—Rua do Rosario—49.

1862.

**Mapa dos crimes e outros factos occorridos nesta Provincia,
no presente anno até esta data, e de que esta
Repartição teve conhecimento.**

MUNICIPIOS	Tirada ou fuga de presos	Homicidio	Tentativa de dolo	Ferimentos e offensas physicas	Roubo	Danno	Resistencia	Estupro	Abertura de cartas	Envenenamento	Suicidio	Tentativa de dolo	Morte repentina	Dia casual
Bananal.....	2	3												
Aréas.....		1												1
Queluz.....		1		1			1							
Silveiras.....		1												
Taubaté.....		3		1						1				
Caçapava.....														
Pindamonhangaba.....		2												
Guaratiningueta.....	1			1										
Lorena.....				1										
Guinha.....														
Parahybuna.....				1										
S. Luiz.....														
Ubatuba.....		1	1	2										1
Jacarehy.....		2												
Mogy dos Cruzes.....		2									1			
S. José do Parahyba.....		1												
Santos.....														
S. Sebastião.....		1												
Villa Bella.....				1										
Iguape.....														
Cananéia.....														1
Xiririca.....														
S. Paulo.....	1	6		24	2	1		2	1		1	3	3	1
Itú.....		1		1										
Sorocaba.....				2										
S. Roque.....														
Itapetininga.....				2										
Botucatu.....														
Tatubá.....	1													
Itapova.....														
Campinas.....		2												
Jundiahy.....		1												
Dracena.....		1		2										
Atibaia.....		2		1										1
Constituição.....														
Porto Feliz.....				1										
Pirapora.....														
Capivary.....		2	1	1										
Mogy-mirim.....		1		1							1			
Limóira.....			1	2										
Rio Claro.....														
Broços.....														
Araraquara.....														
Franca.....														
Batatas.....														
Casa Branca.....	1													
Sommas.....	6	36	4	44	2	1	1	2	1	1	3	3	3	5

Secretaria da Policia de S. Paulo 24 de Setembro de 1862.

O Chefe de Policia,

Luiz José de Sampaio.

Relato do Chefe de Policia, Luiz José de Sampaio, em:
Relatório com que o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Doutor João Jacyntho de Mendonça
entregou a Presidência da Província de São Paulo ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor
conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel 1º Vice-Presidente da mesma
província no dia 24 de setembro de 1862.
Relatório 1862A, Mapa 2

ANEXO 6

Relatórios da Província de São Paulo - documentos consultados

Ano	Data Publicação Relatório	Autor do Relatório	Título
1838	07 janeiro	Bernardo José Pinto Gavião Peixoto	Discurso abertura da Assembléia
1840	07 janeiro	Manoel Machado Nunes	Discurso abertura da Assembléia
1841	07 janeiro	Rafael Tobias d'Aguiar	Discurso abertura da Assembléia
1842	07 janeiro	Miguel de Souza Mello e Alvim	Discurso abertura da Assembléia
1843	07 janeiro	José Carlos Pereira d'Almeida Torres	Discurso abertura da Assembléia
1844	07 janeiro	Manuel Felisardo de Souza e Mello	Discurso abertura da Assembléia
1845	07 janeiro	Manuel da Fonseca Lima e Silva	Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial
1846	07 janeiro	Manuel da Fonseca Lima e Silva	Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial
1846 A	06 julho	Manuel da Fonseca Lima e Silva	Discurso abertura da Assembléia
1847	07 janeiro	Manoel da Fonseca Lima e Silva	Discurso abertura da Assembléia
1848	25 junho	Domiciano Leite Ribeiro	Discurso abertura da Assembléia
1848 A	16 outubro	Domiciano Leite Ribeiro	Relatório entrega de presidência para Vicente Pires da Motta
1849	15 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Discurso abertura da Assembléia
1850	15 abril	Vicente Pires da Motta	Discurso abertura da Assembléia
1851	15 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Discurso abertura da Assembléia
1852	01 maio	José Thomaz Nabuco d'Araujo	Discurso abertura da Assembléia
1852 A	19 maio	José Thomaz Nabuco d'Araujo	Relatório entrega de presidência para 3º vice-presidente Hypolito José Soares de Souza
1852 B	13 setembro	3º Vice-presidente Hypolito José Soares de Souza	Relatório entrega de presidência para 2º vice-presidente José Manoel da Silva
1852 C	17 dezembro	Joaquim Octavio Nebias	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Carlos Carneiro de Campos
1853	16 fevereiro	Josino do Nascimento Silva	Relatório apresentado na de abertura da Assembléia
1854	16 fevereiro	Josino do Nascimento Silva	Relatório apresentado na de abertura da Assembléia
		Não há relatório de entrega da presidência de Silva para Saraiva	
1855	15 fevereiro	José Antonio Saraiva	Discurso abertura da Assembléia

1855 A	15 fevereiro	José Antonio Saraiva	Documentos que acompanham o relatório
1855	16 maio	Saraiva entrega ao 1º Vice-presidente Almeida a província	
1856	15 fevereiro	Antonio Roberto d'Almeida	Discurso abertura da Assembléia
1856 A	29 abril	Antonio Roberto d'Almeida	Relatório entrega de presidência para Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos
1857	03 fevereiro	Vice-presidente Antonio Roberto d'Almeida	Discurso abertura da Assembléia
1857 A	22 janeiro	Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Antonio Roberto D'Almeida
1857 B	27 setembro	Antonio Roberto d'Almeida	Relatório entrega de presidência para José Joaquim Fernandes Torres
1858	02 fevereiro	José Joaquim Fernandes Torres	Discurso abertura da Assembléia
1858 A	02 fevereiro	José Joaquim Fernandes Torres	Documentos que acompanham o relatório
1859	02 fevereiro	José Joaquim Fernandes Torres	Discurso abertura da Assembléia
1859 A	06 junho	José Joaquim Fernandes Torres	Relatório entrega de presidência para Hypolito José Soares de Sousa
1859 B	25 setembro	Manoel Joaquim do Amaral Gurgel	Relatório entrega de presidência para José Joaquim Fernandes Torres
1860	2 fevereiro	José Joaquim Fernandes Torres	Discurso abertura da Assembléia
1860 A	17 abril	José Joaquim Fernandes Torres	Relatório entrega de presidência para Policarpo Lopes de Leão
1860 B	22 outubro	Policarpo Lopes de Leão	Relatório entrega de presidência para vice-presidente Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
1860 C	17 novembro	Manoel Joaquim do Amaral Gurgel	Relatório entrega de presidência para Antonio José Henriques
1861	2 março	Antonio José Henriques	Discurso abertura da Assembléia
1861 A	14 maio	Antonio José Henriques	Relatório entrega de presidência para Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
1861 B	8 junho	Manoel Joaquim do Amaral Gurgel	Relatório entrega de presidência para João Jacyntho de Mendonça
1861 C	3 julho	João Jacyntho de Mendonça	Relatório apresentado na sessão extra-ordinária da Assembléia
1862	19 março	João Jacyntho de Mendonça	Relatório apresentado na de abertura da Assembléia
1862 A	24 setembro	João Jacyntho de Mendonça	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
1862 B	16 outubro	Manoel Joaquim do Amaral Gurgel	Relatório entrega de presidência para Vicente Pires da Motta
1863	2 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Relatório apresentado na abertura da Assembléia
1863 A	2 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Documentos que acompanham o relatório
1864	3 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Relatório apresentado na de abertura da Assembléia
1864 A	3 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Documentos que acompanham o relatório
1864 B	4 fevereiro	Vicente Pires da Motta	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Manoel Joaquim do Amaral Gurgel

1864 C	8 março	Vicente Pires da Motta	Relatório entrega de presidência para Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello
1864 D	24 outubro	Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello	Relatório entrega de presidência para 5º vice-presidente Joaquim Floriano de Toledo
1864 E	7 novembro	Joaquim Floriano de Toledo	Relatório entrega de presidência para João Chrispiniano Soares
1865	2 fevereiro	João Chrispiniano Soares	Relatório apresentado à Assembléia
1865 A	2 fevereiro	João Chrispiniano Soares	Documentos que acompanham o relatório
1865 B	24 julho	João Chrispiniano Soares	Relatório entrega de presidência para 3º vice-presidente Joaquim Floriano de Toledo
1865 C	4 agosto	João Chrispiniano Soares e Joaquim Floriano de Toledo	Relatório entrega de presidência para João da Silva Carrão
1866	3 fevereiro	João da Silva Carrão	Relatório apresentado à Assembléia
1866 A	3 março	João da Silva Carrão	Relatório entrega de presidência para 3º vice-presidente Joaquim Floriano de Toledo
1866 B	9 novembro	Joaquim Floriano de Toledo	Relatório entrega de presidência para José Tavares Bastos
1867	12 maio	José Tavares Bastos	Relatório apresentado à Assembléia
1868	2 fevereiro	Joaquim Saldanha Marinho	Relatório apresentado à Assembléia
1868 A	24 abril	Joaquim Saldanha Marinho	Relatório entrega de presidência para vice-presidente Joaquim Floriano de Toledo
1868 B	6 agosto	Joaquim Floriano de Toledo	Relatório entrega de presidência para Barão do Tietê
1868 C	16 agosto	Barão do Tietê	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente José Elias Pacheco Jordão
1868 D	26 agosto	José Elias Pacheco Jordão	Relatório entrega de presidência para senador Barão de Itaúna
1869	25 abril	Barão de Itaúna	Relatório entrega de presidência para 3º vice-presidente Antonio Joaquim da Rosa
1869 A	7 maio	José Elias Pacheco Jordão	Relatório apresentado na abertura da Assembléia
1869 B	Entre dia 26 e 30 de abril	Antonio Joaquim da Rosa	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente José Elias Pacheco Jordão
1869 C	19 maio	José Elias Pacheco Jordão	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Vicente Pires da Motta
1869 D	30 julho	Vicente Pires da Motta	Relatório entrega de presidência para Antonio Candido da Rocha
1870	2 fevereiro	Antonio Candido da Rocha	Relatório apresentado à Assembléia
1870 A	5 novembro	Antonio Candido da Rocha	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Vicente Pires da Motta
1870 B	5 novembro	Vicente Pires da Motta	Officio de entrega de presidência para Antonio da Costa Pinto Silva
1871	5 fevereiro	Antonio da Costa Pinto Silva	Relatório apresentado à Assembléia

1871 A	13 abril	Antonio da Costa Pinto Silva	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Vicente Pires da Motta
1871 B	29 abril	Vicente Pires da Motta	Relatório entrega de presidência para 5º vice-presidente Barão do Tietê
1871 C	30 maio	Barão do Tietê	Relatório entrega de presidência para José Fernandes da Costa Pereira
Sem data, relativo a 1872	2 fevereiro	José Fernandes da Costa Pereira Junior	Relatório apresentado à Assembléia
1872	19 junho	José Fernandes da Costa Pereira Junior	Relatório entrega de presidência para Francisco Xavier Pinto Lima
1872 A	21 dezembro	Francisco Xavier Pinto Lima	Relatório entrega de presidência para João Teodoro Xavier
1873	5 fevereiro	João Theodoro Xavier	Relatório apresentado à Assembléia
1874	5 fevereiro	João Theodoro Xavier	Relatório apresentado à Assembléia
1875	14 fevereiro	João Theodoro Xavier	Relatório apresentado à Assembléia
1875 A	30 maio	João Theodoro Xavier	Relatório entrega de presidência para 5º vice-presidente Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
1875 B	8 junho	Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade	Relatório entrega de presidência para Sebastião José Pereira
1875 C	27 junho	Sebastião José Pereira	Relatório apresentado à Assembléia
1876	2 fevereiro	Sebastião José Pereira	Relatório apresentado à Assembléia
1877	6 fevereiro	Sebastião José Pereira	Relatório apresentado à Assembléia
1878	18 janeiro	Sebastião José Pereira	Anexos ao relatório de entrega de presidência para 5º vice-presidente Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
1878 A	1 fevereiro	Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade e Antonio Aguiar de Barros	Relatório entrega de presidência para João Batista Pereira
1878 B	Data ilegível	Sebastião José Pereira	Relatório entrega de presidência para 5º vice-presidente Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
1878 C	2 fevereiro	Antonio Aguiar de Barros	Discurso abertura da Assembléia
1878 D	5 fevereiro	Antonio Aguiar de Barros	Relatório entrega de presidência para João Batista Pereira
1878 E	7 dezembro	João Batista Pereira	Relatório entrega de presidência para Barão de Três Rios
1879	2 fevereiro	Barão de Três Rios	Relatório apresentado à Assembléia
1880	5 fevereiro	Laurindo Abelardo de Brito	Relatório apresentado à Assembléia
1881	13 janeiro	Laurindo Abelardo de Brito	Relatório apresentado à Assembléia
1881 A	4 março	Laurindo Abelardo de Brito	Exposição entrega de presidência para 1º vice-presidente Conde de

			Três Rios
1882	17 janeiro	Manoel Marcondes de Moura e Costa	4º vice-presidente Manoel Marcondes de Moura e Costa explica que não teve tempo de elaborar um relatório, e apresenta o relatório do Conde de Três Rios, que é o relatório 1882 A
1882 A	7 janeiro	Conde de Três Rios	Relatório apresentado à Assembléia
1882 B	10 abril	Manoel Marcondes de Moura e Costa	Relatório entrega de presidência para Francisco de Carvalho Soares Brandão
1883	10 janeiro	Francisco de Carvalho Soares Brandão	Falla dirigida à Assembléia
1883 A	18 agosto	Visconde de Itu	Relatório entrega de presidência para Barão de Guajará
1884	16 janeiro	Barão de Guajará	Falla dirigida à Assembléia
1884 A	4 setembro	Vice-presidente Luiz Carlos D' Assumpção	Relatório entrega de presidência para José Luiz de Almeida Couto
1885	10 janeiro	José Luiz de Almeida Couto	Falla dirigida à Assembléia
1885 A	18 maio	José Luiz de Almeida Couto	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho
1885 B	Data ilegível	Vice-presidente Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho	Relatório entrega de presidência para Vice-presidente Elias Antonio Pacheco e Chaves
1885 C	19 outubro	Vice-presidente Elias Antonio Pacheco e Chaves	Relatório entrega de presidência para João Alfredo Corrêa de Oliveira
1886	15 fevereiro	João Alfredo Corrêa de Oliveira	Relatório apresentado à Assembléia
1886 A	26 abril	João Alfredo Corrêa de Oliveira	Relatório entrega de presidência para o 1º vice-presidente Barão do Parnahyba
1887	17 janeiro	Barão do Parnahyba	Relatório apresentado à Assembléia
1887 A	19 novembro	Visconde do Parnahyba	Exposição com a qual se entrega a presidência para Francisco de Paula Rodrigues Alves
1888	10 janeiro	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Relatório apresentado à Assembléia
1888 A	27 abril	Francisco de Paula Rodrigues Alves	Relatório entrega de presidência para 1º vice-presidente Francisco Antonio Dutra Rodrigues
1888 B	23 junho	Pedro Vicente de Azevedo	Exposição com a qual se entrega a presidência para 1º vice-presidente Francisco Antonio Dutra Rodrigues
1889	11 janeiro	Pedro Vicente de Azevedo	Relatório apresentado à Assembléia

ANEXO 7

Descrição das notícias de suicídios de escravos

Data	Local	Evento	Nome Escravo	Sexo	Nome Senhor	Procedimentos autoridades	Motivações	Meios	Observações adicionais
05/ 09/ 1872	Campinas Zona rural	S	Ignez	F	A. C. Ferraz de Salles	“A autoridade competente deu os passos legais sobre o caso”	“não se tendo averiguado as causas que levaram a tal fim”	Afogamento “no tanque da fazenda”	Desapareceu e foi encontrada morta. “Supõem-se que atentara contra a própria existência”
03/ 10/ 1872	Campinas Zona rural	S	João	M	A. E. de Souza Aranha	“auto de corpo de delito e demais formalidades de direito pelo Sr. Delegado Major Oliveira”	“Acesso de loucura”	Afogamento “precipitou-se em um tanque para os bandos do caminho de Limeira”	“o preto há algum tempo sofrera já desarranjos mentais”
13/ 02/ 1873	Campinas Zona rural	S	“uma sua escrava”	F	(“nosso amigo”) Amador Bueno Machado Florence	Não cita	(O filicídio ocorrera) “só por nímia malvadeza”	Afogamento “em um sítio (...), por imersão em tanque”	A “escrava (...) levava perversamente consigo uma filha de 5 anos liberta” pelo senhor
08/ 06/ 1873	Não cita	T	“um escravo”	M	(“falecido capitão”) Eliseu Ferraz	Não cita	Por “ter se desconfiado ou verificado que ele propinara veneno a um parceiro (...) que falecera”	Arma branca “dando com um canivete repetidos golpes sobre o pescoço”	“Socorrido pelo Sr. Dr. Cassiano, que foi logo chamado, e uniu as feridas com 11 pontos, dá esperanças de ser salvo”

07/ 05/ 1874	Bethlém (depois Itatiba) ¹	S	Benedicta	F	(alferes) José Rodrigues do Prado	“Foi avisado o delegado de polícia de Bethlém, distrito onde se deu o fato, a fim de tomar averiguações legais.”	Não cita	Afogamento “em um tanque junto ao sítio...”	Desapareceu e foi encontrada morta depois de 12 dias. “Supõe-se que a morte deu-se por suicídio”
21/ 05/ 1874	Campinas Zona rural	S	José	M	(capitão) Candido J. L. Bueno	“O Sr. Delegado Damaso da Silva procedeu as diligências legais sobre o fato.”	“em dezembro condenado pelo júri desta cidade por crime de homicídio”	Enforcamento “com a própria corrente em que estava preso na fazenda de seu senhor”	Não há
06/ 08/ 1874	Campinas (?) ²	T	Israel	M	A. Pompeo de Camargo	Não cita	Não cita	Arma branca “facadas”	“achando-se bastante embriagado (...)” foi encontrado muito ferido...”. “Declarou o próprio ofendido que ele mesmo tentara contra si. Acha-se em tratamento na enfermaria do Sr. Dr. Lacerda.”

¹ Segundo Francisco Nardy Filho, a partir de 8 de maio de 1877, “a cidade de Betlém de Jundiá passou a chamar-se Itatiba”. NARDY FILHO, F. **A cidade de Itu**, vol. VI. 2ª ed. Itu, Ottoni Editora, 2000, p. 100.

² As notícias de 06/08/1874, 13/09/1874, 17/10/1875 e 08/12/1887 não citam o local do evento, mas os nomes dos proprietários são de famílias estabelecidas em Campinas e região (Pompeo de Camargo, Teixeira Nogueira, Aranha e Barão de Ibitinga, respectivamente).

06/ 08/ 1874	Campinas Zona rural	T	Bento	M	Joanna Severino do Amaral	“O Sr. Delegado Damaso da Silva tomou conhecimento do caso e procedeu as diligências legais”	Não cita	Arma branca “passando uma faca sobre o pescoço e assim causando-se gravíssimas ofensas”	“O doente foi recolhido à enfermaria do Dr. Silveira Lopes e ali tratado, achando-se livre perigo apesar do estado melindroso”
13/ 09/ 1874	Campinas (?)	S	“um escravo”	M	Eliseu Teixeira Nogueira	Não cita	“Consta-nos que este fato foi ocasionado ainda em consequência de furtos de café.”	Enforcamento “com um baraço”	“Sempre as tais vendas de estrada com a sombra má multiplicando-se em nuvens de prejuízo e de incômodos!”
15/ 10/ 1874	Campinas	S	Ambrósio	M	Bierrembach e irmão	Não cita	“se achava cumprindo sentença de ferro ao pescoço por dois homicídios e uma tentativa de homicídio”	Arma branca “profundo golpe sobre o pescoço com uma pequena folha de faca.”	“Já por diversas vezes na cadeia, tentou ele dar- se a morte por esse meio e afinal logrou o desastrado intento.”
03/ 12/ 1874	Campinas	T	Procópio	M	Joaquim de Barros Penteado	“O sr. delegado Damaso da Silva procedeu ao auto de corpo de delito e mais termos legais.”	Em luta, matara um o escravo Calisto, “seu companheiro”, ferindo-se a seguir.	Arma branca “facadas”	“(…) acha-se em perigo de vida.”
18/ 03/ 1875	Campinas	T	Lourenço	M	Viúva Doque	Não cita	Não cita	Arma branca “rasgando o ventre”	“O ferimento foi considerado mortal”

18/ 04/ 1875	Campinas Zona rural	S	Benedicta	F	J. L. de Andrade Couto	“delegado de policia Luiz Pupo fez o auto de corpo de delito e procedeu às averiguações necessárias”	Não cita	Enforcamento No quintal da fazenda de seu senhor.	“ saindo (...), a pretexto de estender roupa, demorou-se extraordinariamente. Dando-se-lhe pela falta foram ao encalço e encontraram-na enforcada.”
16/ 05/ 1875	Campinas Zona rural	S	Innocencio	M	(senhora) M. A. de Mendonça Doque	“O sr. delegado de policia Luis Pupo fez o auto de corpo de delito e procedeu às averiguações necessárias”	Não cita	Enforcamento “numa árvore da fazenda” de sua senhora.	“se achava fugido”
23/ 05/ 1875	Campinas Zona rural	S	Benedicta	F	Martim Egydio de Souza Aranha	“O sr. subdelegado Alberto Muller fez o auto de corpo de delito e procedeu às averiguações legais”	Não cita	Arma branca “deu um golpe de faca no pescoço de modo a interessar (sic) a artéria carótida”	“O fato passara-se na fazenda; e como era mortal o ferimento, trataram logo de conduzir a ofendida para a cidade, a fim de ser-lhe aplicado o devido curativo. Em caminho, porém, faleceu.”
26/ 08/ 1875	Campinas Zona rural	S	José	M	Viúva Barbosa Aranha e filho	“A polícia fez auto de corpo de delito e procedeu às diligencias legais”	Não cita	Enforcamento	Não há

17/ 10/ 1875	Campinas (?)	S	Aniceto	M	J. P. Barbosa Aranha	“ A policia tomou conhecimento do fato”	Não cita	Afogamento “atirando-se ao Rio Jaguary”	“ O cadáver foi retirado das águas já em estado de putrefação”
01/ 12/ 1875	Não cita	T	“ uma escrava”	F	Joaquim Theodoro Teixeira	Não cita	“ Era escrava lavadeira, muito estimada de seus senhores e por isso ignora-se o que desse causa a semelhante ato de desespero”	Afogamento “precipitou-se no tanque da chácara ...”	“Acudindo-se- lhe logo, foi com muito custo tirada para fora já inanimada, porém foi socorrida por um médico e consta-nos que vai fora de perigo.”
09/ 01/ 1876	Não cita	S	Izaías	M	(doutor) A. X. Bueno de Andrade	“ A polícia fez os exames e indagações do estilo”	Não cita	Arma branca “cravou em si sobre o ventre uma faca, penetrando ela e despedaçando os intestinos.”	“ Veio para a cidade moribundo e faleceu ontem”
01/ 02/ 1876	Campinas Zona rural	T	Adão	M	Luiz Antonio de Pontes Barbosa	“foi recolhido à cadeia”	Não cita	Não cita	“tentou suicidar-se na fazenda e dali foi enviado para a casa de saúde do Dr. Marinho, nesta cidade, onde tentou de novo matar-se, pelo que foi recolhido à cadeia.”

04/ 02/ 1876	Campinas Zona rural	S	“um escravo”	M	“herança Lapa”	“feito corpo de delito” na Casa de Saúde do Dr. Marinho, onde fora internado.	Não cita	Arma branca “tentou suicidar- se na fazenda dando três golpes, dois no ventre e um no pescoço.”	“Julgaram os peritos serem mortais os ferimentos, dos quais veio efetivamente a morrer.”
18/ 03/ 1876	Campinas Zona rural	S	Balbina	F	(“conhecido fazendeiro”) F. de Paula Vasconcellos Pinto	“O Sr. Delegado de policia ordenou ao subdelegado da Conceição que fizesse as averiguações precisas e desse os passos legais”	Não cita	Não cita	Estava “desaparecida há dias. (...)” pela aglomeração de corvos, foi descoberto o seu cadáver em terras do capitão J. Carlos Duarte.”
21/ 10/ 1876	Campinas	S	“um escravo fugido”	M	Bernardo Penteado	Não cita	“O escravo, vendo-se perseguido e prestes a ser agarrado, dizem, suicidou-se ...”	Arma branca “com um canivete”	“próximo da estação da Cachoeira, um camarada que vinha neste trem [de São Paulo], vendo passar perto dele um escravo fugido, saíra do vagão e correria no encalço dele.”

13/ 12/ 1876	Campinas Zona rural	S	Gertrudes	F	Martim Egydio de Souza Aranha	“ O Dr. Delegado fez auto de corpo de delito e inquérito”	“ sem motivo algum”	Afogamento “em um tanque”	“ ficando verificado que Gertrudes suicidara-se sem motivo algum, porquanto era muito estimada na casa, e mesmo nada tinha havido que desse lugar a tal acontecimento”
25/ 01/ 1877	Campinas Zona rural	S	Querubin a	F	João de Souza Camargo	“ O Dr. Delegado tomou conhecimento do fato e inquiriu testemunhas”	Não cita	Enforcamento (seguido de queda) “donde lhe proveio fortíssima comoção, fratura de crânio e derramamento cerebral.”	Tentou enforçar-se com um cipó amarrado a uma árvore, mas este arrebentou, caindo “a desgraçada com a cabeça sobre umas pedras que estavam debaixo da árvore e ficou desacordada, sendo nesse estado recolhida para a casa onde foi examinada e tratada pelo facultativo Sr. Dr. Pereira Lima.”

15/ 02/ 1877	Campinas Zona rural	S	Cypriano	M	(capitão) Francisco de Paula Bueno	“A autoridade procedeu ao auto de corpo de delito”	Não cita	Enforcamento “nas matas da Fazenda Taquaral”	“tinha fugido fazia alguns dias”. Foi encontrado “já em estado de putrefação adiantada”
22/ 03/ 1877	Não cita	T	João	M	(negociante) Rodrigo Marques dos Santos	“A autoridade competente compareceu e fizeram os curativos e o auto de corpo de delito”	“querer ser vendido com outros companheiros que iam para Rio Claro...”	Arma branca “com uma faca de ponta”	“como não viu realizado este desejo, revoltou-se e resistindo a força que intentou prendê-lo, resolveu suicidar-se.”
29/ 05/ 1877	Campinas Zona rural	S	“um escravo”	M	(capitão) Francisco de Paula Bueno	“A autoridade procedeu diligencias da lei.”	Não cita	Enforcamento “nas matas da Fazenda Taquaral”	“andava fugido” Encontrado “já em estado de putrefação”
22/ 08/ 1877	Campinas Zona rural	S	Pedro	M	Francisco de Paula Vasconcellos Pinto	“O Sr. Subdelegado Friandes, acompanhado dos peritos Drs. Gaston e Melchert, deveriam ter procedido, ontem, no cemitério, ao respectivo auto de corpo de delito. A autoridade prossegue em averiguações”	Não cita	Enforcamento Na fazenda do senhor	Não há

20/ 09/ 1877	Campinas Zona rural	S	Manoel	M	João B. de Lacerda	“ A autoridade procede as diligencias legais”	Não cita	Enforcamento	O “ escravo estava alugado na fazenda do Sr. Antonio Pompeu de Camargo, de onde fugira por ter sido encontrado roubando café.”
05/ 10/ 1877	Campinas	S	(a mulata) Escolástica	F (21 a)	Francisca Emilia de Carvalho	Não cita	“ O motivo que levou a infeliz a cometer esse ato de loucura foi o ter-se descoberto que ela fizera um roubo no mercadinho do qual a acusara à sua senhora a uma outra escrava sua conhecida.”	Afogamento “ atirou-se no poço da casa em que morava com sua senhora, a rua do comércio.”	Não há
31/ 01/ 1878	Campinas	T	Antonia	F	Costa Almeida e Cia.	Não cita	Não cita	Arma branca “ 2 golpes de navalha no pescoço”	Os proprietários eram “ estabelecidos com loja de fazenda à rua do comércio”
05/ 02/ 1878	Não cita	S	Rita	F	João de Sampaio	Não cita	“ em um momento de desvario”	Afogamento No “ tanque do sitio” do senhor	Não há

31/ 07/ 1878	Campinas	2 T	“dous escravos”	M	Não cita	Não cita	Não cita	Esmagamento “se puseram dentro dos trilhos da linha férrea de Campinas ao Rio Claro (...) decerto com o fim de se deixarem esmagar pela locomotiva”	“Entretanto, chegado o momento extremo, tiveram medo e fugiram a toda pressa...”
08/ 09/ 1878	Campinas	S	“uma escrava”	F	F. Pompeo do Amaral	Não cita	“Desconfia-se que a escrava suicidou-se por não querer ir para a fazenda, porque era bem tratada.”	Afogamento “em um poço do quintal da casa”	Estava desaparecida há dias quando o corpo foi encontrado.
25/ 09/ 1878	Campinas Zona rural	S	Domingos	M	Eliseu Teixeira Nogueira	Não cita	“ignora-se”	Enforcamento Na fazenda do senhor.	“Ignora-se o motivo que o levou a este ato de desespero, pois era pajem e muito estimado por seus senhores.”
25/ 09/ 1878	Campinas	S	“uma preta”	F	Não cita	[Até o momento] “a autoridade não tinha conhecimento do fato, pois tanto o Sr. Delegado de polícia quanto o Sr. Subdelegado da Conceição achavam-se ausentes”	“ Ignoramos o motivo que levou a infeliz a este ato de alucinação.”	Esmagamento “precipitou-se pela janela do vagão e sendo apanhada pelas rodas morreu instantaneamente”	A preta vinha no trem que chegava de Rio Claro.

29/ 12/ 1878	Sorocaba “bairro de Itupeva”	S	Thereza	F	Francisca Cândida Madureira	“O delegado de polícia Antonio Gonzaga Sêneca de São Fleury, apesar do estado em que se achava o cadáver, procedeu a corpo de delito”	Estaria “caduca”	Afogamento em rio “sendo declarado pelos peritos ter sido a morte causada por asfixia por submersão”	Estava desaparecida. “sendo mais declarado por depoimento de testemunhas ser a referida Thereza septuagenária e caduca pelo que atribuem ter ela se atirado ao rio por falta de ... (sido?)”
09/ 02/ 1879	Não cita	T	Philippe	M	Joaquim Lopes Coelho	Não cita	“estando fugido feriu-se com uma faca, na ocasião de ser preso por ordem de seu senhor”	Arma branca “faca”	“Foi recolhido à casa de saúde Santa Cruz, onde foi curado. Houve saída de intestinos e perfuração dos mesmos, pelo que se julgou gravíssimo o seu estado.”
06/ 03/ 1879	Campinas Zona rural	S	João	M	Domingos Franklin Nogueira	Não cita	“Não sabemos pormenores”	Enforcamento “no pasto da fazenda”	Não há

18/ 04/ 1879	Atibaia	4 S 3 T	Não cita	F	Não cita	Não cita	“foram levadas àquele acto de desespero por não quererem acompanhar seu novo senhor, fazendeiro, residente no município do Amparo, que as veio buscar”	Afogamento “em um tanque”	“suicidaram-se, atirando-se a um tanque 4 escravas, sendo 2 mães e 2 filhas; tentando suicidarem-se mais 3, que foram imediatamente socorridas”
06/ 05/ 1879	Carmo de Parnahyba (MG)	S	Januário	M	Francisco Antonio de Moraes	Não cita	Suicídio após homicídio passional.	Enforcamento Em uma árvore	“assassinou sua parceira Bárbara com muitas facadas, porque desejando com ela casar-se, soube que estava contratada com outro parceiro” “O assassino evadindo-se, passados cinco dias foi encontrado enforcado...”
21/ 06/ 1879	Campinas	S	Eufrásio	M	“herança Lapa”	“A autoridade competente procedeu o auto de corpo de delito”	Fora condenado pelo júri, há alguns dias.	Enforcamento “numa das grades da cadeia desta cidade, onde se achava”	“O infeliz, segundo nos informam, serviu-se, para isso, de um cadoço que usava como cinta”

13/ 08/ 1879	Campinas	T	Alcyhiades	M	Joaquim Novaes	“ Estiveram presentes os Srs. Major comandante do destacamento e Otto Langgard, subdelegado de Santa Cruz, que tomou conhecimento do fato”	“ O mesmo escravo é dado ao vício da embriaguez e achava-se neste estado quando cometeu aquele ato de loucura...”	Afogamento Em “ um poço da casa de seu senhor”	Foi “ tirado com muita dificuldade de dentro daquele lugar e socorrido pelo sr. Dr. Pupo” .
03/ 09/ 1879	Mogy-mirim	S	Adão	M	Segesfredo da Sota Paes	Não cita	“ É inexplicável este procedimento, tendo obtido este escravo a pena que desejava; atribui-se ao desgosto de ter de abandonar os seus companheiros do crime”	Enforcamento “ nas grades internas da prisão, onde se achava, tendo rasgado umas calças para fazer a corda com que estrangulou-se”	“ no dia anterior tinha sido condenado a galés perpétuas pelo assassinato praticado na pessoa de empregado de seu senhor”
28/ 09/ 1879	Piracicaba	S	“ uma escrava”	F	(alferes) L. de Paula Eduardo	Não cita	Não cita	Afogamento “ em um poço”	“ Falecera ali a Sr. D. Anna Josefina de Campos.”
23/ 10/ 1879	Ribeirão Preto	S	“ um escravo”	M	Manuel Monteiro Junqueira	Não cita	Estava fugido. Matara um outro escravo que o ia prender, depois tentou se matar.	Arma branca (?) “ fazendo sobre o pescoço e ventre ferimentos reputados mortais.”	Não há

18/ 11/ 1879	Tietê	S	Alípio	M (16 a)	Isabel Emylia Dias de Aguiar	Não cita	“ Não se sabe o que levou aquele infeliz a cometer esse ato de loucura pois era muito estimado de seus senhores”	Arma de fogo “com um tiro espingarda”	Era “pajem do Dr. Castro Andrade”
03/ 12/ 1879	Mogy- Mirim	T	Antônio	M	Silvestre Soares do Prado	Não cita	“ tendo fugido da fazenda de seu senhor e sendo encontrado (...) e vendo o mesmo escravo que era preso, puxou de uma faca que trazia e com ela ofendeu-se gravemente”	Arma branca “faca”	Foi socorrido pelas mesmas pessoas que o prendiam, “assistido pelo médico Dr. José Julio, achando- se alguma coisa melhor, porém ainda com perigo de vida...”.
06/ 02/ 1880	Campinas	S	Francisca	F	Antonio Joaquim Gomes Tojal	Não cita	Não cita	Afogamento num “poço do quintal da casa de seu senhor”	Não há
21/ 09/ 1880	Campinas Zona rural	S	Sebastião	M	Viúva de Francisco Egydio de Souza Aranha	“ A policia tomou conhecimento do fato.”	Não cita	Enforcamento Em árvore	O cadáver foi encontrado “em um mato, próximo às Campinas Velhas”
08/ 12/ 1880	Não cita	S	Bento	M	Helena de Campos Cintra	Não cita	Não cita	Enforcamento	Não há

25/ 03/ 1882	Campinas	T	Benedicto	M	Manoel Joaquim de Moraes	“O delegado em exercicio (...)mandou proceder a auto de corpo de delito, servindo de peritos os srs. dr. Ataliba Florence e Otto Langgaard.”	Estava preso na cadeia e havia sido condenado no dia anterior.	Instrumento perfurante “um grande prego que arrancara do assoalho, cravando-o no estômago”	Tentou o suicídio por ocasião da revista, sendo que os guardas “obstaram a consumação deste ato de desespero”.
21/ 04/ 1882	Campinas	T	Bernardo	M	Joaquim de Sampaio Góes	Não cita	Estava preso na cadeia, “a fim de cumprir pena de açoites a que foi condenado”	Enforcamento “Com dois lenços amarrados”	“foi obstado pelo carcereiro que chegou a tempo de impedir aquele ato de desespero.”
12/ 09/ 1882	Rio Claro	S	Elesbão	M	Barão de Grão Mogol	Não cita	Estava preso na cadeia, “ia entrar em julgamento” por ter assassinado a mulher do feitor.	Instrumento perfurante “quebrara um vidro do lampião, e com ele fizera sobre o pescoço uma grande incisão”	Fora encontrado ferido pelos guardas. “O ferimento foi julgado mortal. Este incidente fez adiar o seu julgamento.”
30/ 09/ 1882	Campinas Zona rural	S	Não cita	M	Francisco Pompêo do Amaral	“O cadáver foi remetido para esta cidade, mandando o sr. Delegado de policia proceder ao competente exame.”	Não cita	Enforcamento Em uma árvore, “nas matas da fazenda”	Não há

20/ 10/ 1882	Piracicaba	S	Laurentin a	F (19 a)	Fernando Augusto Nogueira	“ Sendo encontrada morta, veio o cadáver remetido à autoridade, juntamente com a corda, de que fez uso a suicida” .	“ Por motivos que ignoramos”	Enforcamento Na fazenda do senhor.	Era solteira.
14/ 11/ 1882	Campinas	S	José	M	Manoel da Rocha Ribeiro	“ Pelas averiguações a que procedeu o Sr. Delegado de polícia, chegou-se ao conhecimento de que o suicida chamava-se José”	Não cita	Arma de fogo Tiro de espingarda, “ um ferimento na fonte, do lado direito”	Foi encontrado “ no largo próximo à estação da estrada de ferro”
18/ 11/ 1882	Campinas	S	Casimiro	M (60 a)	“ herança Villella”	“ A polícia teve ciência do ocorrido e mandou proceder ao exame do cadáver, sendo peritos os srs. Drs. Thomaz Alves Filho e Germano Melchert. ”	“ não se sabendo qual o motivo que o levou a praticar semelhante ato de loucura”	Arma branca “ uma faca com a qual fez quatro ferimentos, dois no pescoço e dois no ventre”	Era caseiro, matou-se na casa onde morava.
21/ 03/ 1883	Amparo	S	Caetana	F	(doutor) José Pinto Nunes Junior	“ sr. Subdelegado de polícia, que fez o auto de corpo de delito, servindo de peritos o sr. Dr. José Ferraz de Oliveira e Antonio José Moraes.”	Não cita	Enforcamento Encontrada na cozinha da casa.	Não há

27/ 03/ 1883	Amparo	S	Emygdio	M	Antonio da Costa Machado	“ A autoridade do Amparo teve conhecimento do ocorrido.”	Não cita	Enforcamento Nas matas de uma fazenda.	“ Pelo que se pode averiguar chegou-se ao conhecimento de que houve suicídio, sendo testemunhado por várias pessoas que achavam-se no lugar.”
19/ 05/ 1883	Piracicaba	S	João Joaquim	M	Moraes de Barros	Não cita	“ há dias cumpriu sentença de açoites pelo crime de morte praticado em outra escrava do mesmo sr. Dr. Moraes Barros”	Enforcamento “com um lençol”	Não há
07/ 07/ 1883	Campinas	S	Paulina	F (30 a)	Luiz Nery de Souza	“ Foi chamada a polícia, a qual procedeu a indagações”	Não cita	Afogamento “foi encontrada, dentro do poço do quintal da casa”	“ Consta-nos que não se fez o necessário auto de corpo de delito, como é de lei, ignorando nós qual a causa dessa irregularidade.”

13/ 02/ 1884	Campinas	S	Luiz	M	Joaquina Ribeiro	“Tendo a policia conhecimento do ocorrido, mandou proceder ao preciso exame, sendo peritos os drs. Ataliba Florence e Melchert.”	Não cita	Arma de fogo (Tiro no ouvido)	Não há
23/ 04/ 1884	Campinas Zona rural	S	Rubino	M	Francisco Ferreira de Camargo Andrade	“A requerimento do senhor do escravo, a autoridade policial procedeu à respectiva diligência, tendo vindo o corpo para a polícia, onde foi examinado pelos peritos drs. Virgilio e Martinho”	Não cita	Enforcamento (“na mata do Chapadão”)	Não há
06/ 11/ 1884	Campinas Zona rural	S	Paulino	M	Barão de Itapura	“a policia mandou proceder ao preciso exame no cadáver, servindo os srs. drs. Guilherme da Silva e Sergio Meira”	Suicídio após tentativa de homicídio passional: “sentindo-se magoado pelo demônio do ciúme”	Arma branca (“uma velha faca de mesa”, cortou “a veia carótida”)	Tentara assassinar a escrava Rita, ferindo-a no pescoço com a faca.
04/ 02/ 1885	Campinas Zona rural	S	“um escravo”	M	Pedro Egydio e Filho	“A polícia mandou proceder ao competente exame cadavérico e dar sepultura”	Não cita	Afogamento (atirando-se ao rio Capivary)	Não há

08/ 12/ 1887	Campinas (?)	S	Manoel	M	Barão de Ibitinga	Não cita	“Por motivos que ignoramos”	Arma de fogo “disparou quatro tiros de revólver na cabeça, e vibrou uma terrível navalhada na garganta”	“Manoel tinha dito anteriormente a algumas pessoas que ia suicidar-se ou fugir, e optou pelo mais terrível alvitre”
-----------------	-----------------	---	--------	---	-------------------	----------	-----------------------------	--	---

ANEXO 9

Gazeta de Campinas - exemplares consultados

1870 (106-118); (50-102); (103-112, 116, 117-118);
1871 (119-165, 167-220); (204-220); (119-165, 167, 169);
1872 (221-290); (289-319); (244-302); (303-319);
1873 (320-421); (404-421, 444); (348-404); (320-347);
1874 (422-482, 484, 486, 488-492, 494-504); (422-436, 446-572); (437-443);
1875 (604-639, 644-648); (505-603); (573-601); (602-603);
1876 (649-724, 737-758); (758-831, 833-860, 862-865, 867-877, 885-895, 897-929);
1877 (1096, 1105); (930-962, 964-965, 967-995, 997-1051, 1053-1072); (1072-1169, 1175-1216);
1878 (1224, 1769, 1939); (1218-1311, 1317-1387); (1387-1451, 1453-1457, 1459-1477, 1491-1512); (1396-1402);
1879 (1513-1518, 1520-1526, 1528-1536, 1539, 1542-1552, 1555-1564, 1567-1578, 1580-1657, 1659-1698, 1700-1711); (1711-1810);
1880 (1840, 1848-2056); (2056-2094);
1882 (2417-2593); (2594-2610, 2616, 2618-2625, 2635 2636, 2640, 2642, 2644, 2649, 2661-2666, 2823-2955);
1883 (2721-2821, 2823-2955);

1884 (3192); (2983-3036, 3038-3066, 3068-3128,3136-3279);
1885 (3280-3313, 3315-3407, 3409-3435, 3437-3581);
1886 (3593-3855); (3855-3879);
1887 (3910-3911, 3913-3922, 3924-3932, 3936-3962, 3965-3981, 3983-4019, 4021-4034, 4036-4060, 4063-4072, 4076-4084, 4088-4121, 4124-4161);
1888 (4282);

Anos utilizados estão grifados

ANEXO 8

Descrição das notícias de livres

Data	Local	Evento	Nome do Suicida	Sexo	Nacionalidade	Profissão	Procedimentos autoridades	Motivações	Meios	Observações adicionais
14/ 09/ 1871	Campinas	S	Felisberto Claro d' Escobar	M	Brasileira	Lavrador	Inquérito e corpo de delito.	Desarranjo mental (possível) "propenso, há tempos, a desarranjos mentais"	Arma de fogo (Tiro de revólver)	Não há
28/ 09/ 1871	Campinas	S	"cujo nome não pudemos apanhar"	M	Alemã	Carpinteiro	Corpo de delito "e mais formalidades do estilo"	Não cita	Enforcamento	Não há
04/ 04/ 1872	Campinas	S	Cypriano Francisco de Assis	M	Brasileira	Ex-tenente de Voluntários da Pátria	Corpo de delito "e mais providencias da lei"	Desarranjo mental (possível) "Há tempos notava-se-lhe um caráter sombrio e propenso a desarranjo mental"	Arma de fogo (Tiro de revólver no ouvido)	[O ocorrido] "produziu em todos dolorosa surpresa (...). O tenente Cypriano era moço estimável e de alguma ilustração, sabendo línguas, etc. (...). Deixou várias declarações escritas em francês."

15/ 09/ 1872	Campinas	S	Christiano Jex	M	Alemã	Não cita	O subdelegado de policia recebeu denúncia.	Desarranjo mental. fora levado a suicidar-se por desarranjo nas faculdades mentais, de que sofria há algum tempo”	Enforcamento (Em árvore de um pasto)	Tinha 54 anos. “No domingo 8 do corrente, depois de lhe entregar a quantia de 28000 réis, despedira-se dela dizendo: - Adeus por uma vez! – mas nenhum caso fez ela disso por supor que o marido estivesse gracejando”
17/ 11/ 1872	Campinas	S	João Muller	M	Alemã	Não cita	Não cita	“ Ignoramos os motivos que levaram este desgraçado a tão sinistro fim”	Enforcamento	Não há
10/ 07/ 1873	Campinas	S	Fernando Bianchi	M	Italiana	Engenheiro (ex- empregado da estrada de ferro Mogiana)	Não cita	Paixão amorosa. “ Parece que uma paixão veemente lhe vinha atraindo a fim para este alvo pelo fio pertinaz de uma quase monomania”	Arma de fogo (Tiro de revólver)	“ Deixou uma carta dizendo que se matava por viver desgostoso” . “ Era moço estimável e de qualidades de apreço.
14/ 12/ 1873	Campinas	S	Antonio Campi	M	Italiana	Pedreiro (na linha férrea Mogiana)	Não cita	“ Não sabemos os motivos que levaram a tal lamentável designio”	Arma de fogo (Tiro de pistola)	Não há
21/ 05/ 1874	Campinas	T	Marcolino	M	Brasileira	Não cita	O delegado de policia fez “ as investigações necessárias”	Desarranjo mental. “foi remetido para São Paulo por ter continuado a manifestar sintomas de loucura.”	Precipitação de altura “ achando-se, havia dois dias, doente de reumatismo, teve a infeliz idéia de precipitar-se da janela para o lado do pátio”	Era hóspede do Hotel das Quatro Nações. “ Socorrido imediatamente pelo Dr. Silveiro Lopes, verificou que havia apenas luxado o ombro esquerdo, fraturado a clavícula do mesmo lado e feito uma grande brecha na cabeça.”

08/ 10/ 1874	Campinas	S	Thomaz Villa Nova	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Desarranjo mental ("em um acesso de desarranjo mental, disparou em si sobre o ventre uma pistola")	Arma de fogo (Tiro de pistola no ventre)	
14/ 01/ 1875	Campinas	S	Joaquim Izique	M	"Natural de Gibraltar"	Comerciante (tecidos)	Não cita	Doença incurável. Deixou declaração que de que se matava "por causa das enfermidades que sofria havia anos, e de que julgava não poder sarar"	Arma de fogo (Tiro de revólver no ouvido direito)	Tinha 60 anos. Deixou testamento. "alem do revólver, preparara também uma navalha de barba" "Deitou-se, e perpetrou esse ato de desespero, que lançou na consternação seus extremosos filhos. A eles nossos sinceros pêsames."
27/ 06/ 1875	Campinas	S	Christiano Emkc	M	Alemã	Não cita	"A polícia procedeu às diligencias legais"	Ignora-se	Enforcamento (Na mata de uma fazenda)	"Um individuo procurando uma arvore para mastro em a véspera de S João, deu com o cadáver já quase reduzido a esqueleto e com vestígios apenas por os quais se podia aquilatar a identidade da pessoa"

19/ 11/ 1876	Santos	S	Joaquim José da Silva	M	Brasileira	Proprietário (Comerciante)	Não cita	Não cita ("já a tempo premeditava suicidar-se").	Envenenamento ("Álcali volátil")	"principiou a vomitar sangue puro, e assim continuou sofrendo horríveis dores e convulsões por espaço de 11 dias (...). Morreu arrependido de ter tentado contra a própria vida. O suicida era a pessoa mais importante do bairro."
16/ 02/ 1877	Campinas	T	João Moreira Guimarães	M	Brasileira	Empregado (da companhia de gás)	Não cita	Não cita	Envenenamento (Arsênico em vinho)	Não há
20/ 02/ 1877	Campinas	T	Antonio dos Santos Cruz	M	Brasileira	Não cita	Não cita	" Ignoramos a causa que levou esse moço a dar semelhante passo"	Envenenamento	" Consta-nos que, tendo sido acudido a tempo, acha-se fora de perigo. Em poucos dias é este o segundo caso que se dá nesta cidade. Que não pegue a moda, é o que aconselhamos"
16/ 03/ 1877	Atibaia	S	Antonio Saturnino do Amaral	M	Brasileira	Não cita	Polícia fez ao auto de corpo de delito e "inquérito às testemunhas que conduziram o cadáver".	Não cita	Envenenamento (" substâncias venenosas")	Não há
10/ 05/ 1877	Campinas	T	José Feliciano de Azevedo	M	Brasileira	Empregado (em padaria)	Não cita	Paixão amorosa. " Restos da festa e alguns <i>recuerdos</i> amorosos foram (...) o que arrastou o Sr. Azevedo a esse ato de desespero"	Arma de fogo (" atirando-se dois tiros de revolver, dos quais só um acertou")	" Foi-lhe retirada a bala pelo Sr. Dr. Melchert e acha-se felizmente livre de perigo."

18/ 09/ 1877	São Paulo	T	Ignorada	M	Não cita	Empregado ("da estação da estrada de ferro do norte, no Braz")	Não cita	Não cita	Arma branca ("golpe no pescoço com um canivete")	Não há
27/ 11/ 1877	Campinas	S	Epiphanio Gomes de Abreu	M	Brasileira	Zelador do cemitério municipal	Não cita	Desonra. Sentia-se "atacado na sua honra e convicto de haver por isso decaído da estima e do conceito publico que sempre gozara"	Arma de fogo (Tiro de revolver no coração)	Sua prestação de contas à Câmara era questionada pela imprensa. Deixou uma carta a "seu amigo Dr. Moraes Salles" explicando seus motivos. O ocorrido "causou profunda sensação nesta cidade, onde o desditoso moço gozava de merecida estima..."
12/ 02/ 1878	Campinas	S	Adolpho Rother	M	Alemã	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo ("Tiro revolver crânio")	"O infeliz deixa mulher e 7 filhos."
12/ 06/ 1878	Rio Claro	S	C.Loewe	M	Alemã	Professor (da escola alemã da sociedade Germânia)	Não cita	Não cita	Enforcamento	Não há
28/ 09/ 1978	Sorocaba (região de)	S	João Sonmerancer	M	Alemã	Não cita	Auto de corpo de delito e averiguações.	Desarranjo mental (possível). "estava ele sofrendo ultimamente das faculdades intelectuais"	Afogamento ("atirando-se ao rio Sorocaba")	Casado, 70 anos. "O suicida era benquisto e gozava de bom conceito."
07/ 06/ 1879	Jundiaí	S	Frederico Bucoolz	M	Alemã	Chefe da estação ferroviária	Não cita	Não cita	Enforcamento (em uma latrina da estação)	"antigo e bom empregado, chefe de numerosa família" "deixou na orfandade 7 filhos menores"

12/ 08/ 1879	Campinas	T	“ Antonio de tal”	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Desarranjo mental (possível) “ Consta-nos que a vitima sofre de alienação mental”	Arma branca (“ cravando uma faca na barriga”)	Foi levado à “ Casa de Misericórdia, a fim de serem aplicados os socorros necessários”
20/ 08/ 1879	São Paulo (Vila de Santo Amaro)	S	Joaquim Domingues	M	Brasileira	Não cita	Não cita	“ Ignora-se o motivo dessa desgraça.”	Arma de fogo (tiro de espingarda)	Tinha 40 anos. “ disparou um tiro de espingarda contra sua mulher, ferindo-a pelas costas (...) em seguida o infeliz tomou de outra espingarda e suicidou-se”
02/ 09/ 1879	Campinas	S	João “de tal”	M	Italiana	Carpinteiro	Não cita	Não cita	Arma branca (Com uma “grande faca rasgou o ventre de modo a saírem-lhe para fora os intestinos”)	“ Foi recolhido a Santa Casa de Misericórdia, onde faleceu poucas horas depois.”
26/ 09/ 1879	São Paulo	S	João Gomes do Paço	M	Portuguesa	Barbeiro	Não cita	Desarranjo mental (possível). “ Diz um jornal que o infeliz sofria há tempos de alienação mental”	Arma de fogo	“ Foi encontrado morto em sua casa, estendido em seu próprio leito e com duas balas na cabeça” “ Outro jornal, porém, diz que correm boatos a respeito dessa morte, havendo opiniões de que houve ali um assassinato misterioso” .
03/ 12/ 1879	Guaratininguetá	T	Amâncio Gonçalves	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Problemas comerciais.	Arma de fogo (tiro de revólver no ouvido)	Não há

08/ 06/ 1880	Campinas	T	Não cita	M	Ignorada	Empregado (“loja de fazendas”)	a policia “tomou conhecimento do fato.”	Não cita	Enforcamento	“ Alguns transeuntes que passavam não o deixaram levar a cabo sua triste resolução”
16/ 06/ 1880	Amparo	S	Jerônimo Ferreira Duarte	M	Portuguesa	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo (“tiro de garrucha sobre a barriga”)	Tinha de 18 a 19 anos. “ Ferreira já havia tomado uma dose de drogas venenosas” pouco antes.
07/ 07/ 1880	São Paulo	T	“ um moço”	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Envenenamento	“ Sendo socorrido a tempo ficou livre de perigo”
12/ 10/ 1880	São Paulo	S	Benedicto de Freitas	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita (Cumpria pena de 6 anos).	Instrumento perfurante (pedaço de folha de Flandres)	Perfurou a carótida . “ A morte foi quase instantânea, sendo impossível prestar-se lhe qualquer socorro.”
24/ 11/ 1880	São Paulo	T	“ um moço”	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo (“disparou na cara um tiro de revolver”)	“ A ferida, porém, não é mortal, ao que nos dizem”
02/ 12/ 1880	São Paulo	T	João do Amaral França	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo (Tiro no ouvido)	Não há
10/ 02/ 1882	Bragança	S	João, filho de José Salvador	M	Brasileira	Menor de idade	Não cita	Após o falecimento súbito da mãe	Arma de fogo	Tinha 10 anos de idade.
15/ 02/ 1882	Itu	T	“ uma jovem”	F	Ignorada	Não cita	Não cita	Briga conjugal	Arma de fogo (Tiro de revólver no peito)	Não há
11/ 03/ 1882	Santos	T	Bernardo Correa de Miranda	M	Brasileira	Empregado (do correio)	Auto de corpo de delito	Não cita	Arma de fogo (Tiro no ouvido)	Não há
02/ 03/ 1882	Santos	T	Não cita	M	Ignorada	(ex) Gerente da companhia de bondes	Não cita	Ignora-se	Arma de fogo	Antes atirara contra outra pessoa.
03/ 03/ 1882	Capivari	S	Francisco Dias	M	Portuguesa	Não cita	Não cita	Não cita	Afogamento (poço de um hotel)	Havia dúvidas se teria sido homicídio.

06/ 09/ 1882	Bragança Paulista	S	Antonia Maria das Dolres	F	Ignorada	Não cita	Não cita	Ciúmes	Enforcamento	O cadáver foi enterrado na capela de Santa Cruz dos enforcados, no “lugar destinado aos suicidas”
13/ 09/ 1882	Limeira	S	José Antonio de Macedo	M	Portuguesa	Comerciante	A policia tomou conhecimento dos fatos.	“ Ignora-se o motivo”	Enforcamento	Não há
13/ 09/ 1882	Limeira	S	“ um alemão, do qual ignora-se o nome”	M	Alemã	Não cita	A policia tomou conhecimento dos fatos.	Não cita	Enforcamento	Não há
15/ 11/ 1882	Campinas	T	Não cita	M	Ignorada	Não cita	Não cita	Desarranjo mental (possível). “Supõe-se que o infeliz fosse acometido de loucura repentina”	Precipitação de altura	“ Consta-nos que faleceu anteontem, em consequência da moléstia de que estava se tratando”
30/ 11/ 1882	Sorocaba (região de)	S	Raphael Novaes de Oliveira	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo (Tiro de revolver nos ouvidos)	O suicida havia já sido notícia, por castigar barbaramente sua filha de 12 anos.
20/ 02/ 1883	Rio Claro	T	Francisca Maria da Conceição	F	Brasileira	Não cita	Não cita	“ Aborrecimento da vida”	Arma de fogo (Tiro de pistola na cabeça)	“ Acha-se porém, fora de perigo.”
06/ 03/ 1883	Pirassununga	T	“ estimável jovem”	F	Brasileira	Não cita	Não cita	Paixão amorosa “ não ter obtido permissão de seu pai para casar-se”	Envenenamento (óxido de mercúrio)	“ Isto em tempo de tanto positivismo...”
28/ 03/ 1883	Campinas	T	Luiz Moreira	M	Portuguesa	Comerciante (De “secos e molhados”)	Auto do corpo de delito, “servindo de peritos os srs. Dr. Antonio e Otto Langgaard. Moreira”	Desarranjo mental (possível). “Supõe-se que esteja com as faculdades mentais um tanto alteradas.”	Arma branca (Facadas no pescoço)	“ como se isso não fosse suficiente, ainda desfechou três tiros de revolver sobre o crânio...” Depois da tentativa, apresentou-se ao delegado.

28/ 03/ 1883	Santa Bárbara	S	Gabriella, filha do capitão Manoel Francisco da Graça Martins.	F	Brasileira	Proprietária	Não cita	Não cita	Afogamento “ao ribeirão da chácara de sua residência”	Era casada, tinha cerca de 20 anos, e dois filhos. “Seu pai também falecera há anos vítima de igual ato de desespero”
11/ 04/ 1883	Campinas	T	Moyses Viglione	M	Italiana	Não cita	Não cita	Desarranjo mental. “recolhido à cadeia por estar sofrendo de suas faculdades mentais”	Instrumento perfurante (Pedaço de lápis ferimento no pescoço)	“sendo acudido em tempo pelo carcereiro e praças que conseguiram obstar a consumação daquele ato” “Prestou os primeiros socorros o farmacêutico sr. Otto Langgaard”
26/ 04/ 1883	Sorocaba	S	Francisco Leme de Souza	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo (tiro de pistola)	Casado, 19 anos.
18/ 05/ 1883	Nazareth	S	Joaquim d'Oliveira Paz	M	Brasileira	Não cita	“A autoridade tomou conhecimento do facto”	“Sentimentos particulares”	Arma de fogo (“Tiro no ouvido”)	Não há
21/ 07/ 1883	Santos	T	Manoel Bugre	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Embriagado.	Afogamento (no mar)	“se diz que foi cousa que lhe deram a beber! (...) Vinho com unha raspada! Que o vinho fizesse das suas vá; mas a unha..qual!”
24/ 07/ 1883	Santos	S	Duarte Ferreira da Costa Braga	M	Portuguesa	Comerciante (De “secos e molhados”)	Não cita	Ignorada	Enforcamento (em casa)	Não há
17/ 08/ 1883	Campinas	S	Joaquim Gonçalves Teixeira	M	Brasileira	Pedreiro	Diligências policiais e exame, “peritos os drs. Melchert e Gaston”	“São ignoradas as razões (...) caso tenha ela sido outra que não um desastre”	Arma de fogo (Tiro espingarda cabeça)	“Supõe-se que fosse suicídio, em vista da posição em que fora encontrado o corpo”

21/ 08/ 1883	Santos	T	João Ferreira Azevedo Chaves	M	Portuguesa	Não cita	Não cita	Ofensa pessoal “um individuo lhe havia chamado um nome com que ninguém ainda o xingou.”	Envenenamento (querosene)	“Ora, seu Chaves, pois então só por isso queria morrer?! Quem sabe se o querosene que ele ingeriu não é de Paraty?”
28/ 09/ 1883	Campinas	S	Germano Crabbenhoft	M	Alemã	Colono	Exame no cadáver feito pelos “drs. Bento de Souza e Gaston” Inquérito.	Ofensa pessoal (o suicida ficara magoado com as palavras do seu patrão)	Enforcamento	“O infeliz deixa viúva e quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres”
19/ 10/ 1883	Sorocaba	S	João Baptista Der	M	Brasileira	Ferreiro	Não cita	Não cita	Afogamento (poço do quintal)	Não há
26/ 04/ 1884	Lorena	S	Marcelino Marcondes das Chagas	M	Brasileira	Guarda-livros	Não cita	Não cita	Arma de fogo	Não há
16/ 03/ 1884	São Paulo	S	Eugenio Vecchio	M	Italiana	Músico	Não cita	Ignora-se	Arma de fogo	“Diretor da banda de música italiana”
13/ 05/ 1884	São Paulo	S	Messias Francisco Fernandes	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Não cita	“Suicidou-se na penitenciária o preso Messias Francisco Fernandes, condenado em 1882 a 8 anos de prisão com trabalho, pelo júri de Jaboticabal”
07/ 08/ 1884	Itu	S	João Pacheco Jordão	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Ignora-se	Envenenamento (“verdete”)	Não há
11/ 09/ 1884	Campinas	S	Carlos Hermann Bruhns	M	Alemã	Empregado (almoxarifado da Companhia Paulista)	Auto de corpo de delito, “peritos os srs. Drs. Virgilio de Araújo e Guilherme da Silva”	Dificuldades pecuniárias (Não poder sustentar sua família)	Enforcamento	“Uma sua filhinha foi quem o descobriu naquela triste posição” “Deixa viúva e sete filhos menores”
13/ 09/ 1884	Brotas	S	Joaquim Ribeiro da Silva	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Após homicídio passional	Arma de fogo	“Tragédia sanguinolenta”: Disparou na esposa e depois se matou.
05/ 11/ 1884	São Paulo	T	Nicanor Soares	M	Brasileira	(ex) Empregado do comércio	Não cita	Não cita	Arma de fogo (quatro tiros na cabeça)	Não há

22/ 11/ 1884	Santa Rita do Paraíso	S	Casimiro José de Oliveira	M (20a)	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma de fogo ("tiro de garrucha no peito")	Não há
26/ 11/ 1884	Ribeirão Preto	S	Frederico Estevam	M	Alemã	Colono	Não cita	Não cita	Enforcamento	Não há
27/ 12/ 1884	Campinas	S	Zeferino Manoel da Silva	M	Brasileira	Comerciante (dono de taberna)	Exame feito "pelos srs. dr. Bráulio Gomes e farmacêutico Otto Langgaard"	Não cita	Arma de fogo (Tiro garrucha no ouvido)	Não há
31/ 01/ 1885	São Paulo	S	José Barbosa	M	Portuguesa	Não cita	Auto de corpo de delito.	Não cita	Arma de fogo (Tiro no ouvido)	Tinha cerca de 59 anos. Pelo exame, "verificou-se que a bala rompeu o cérebro, sendo a morte instantânea".
28/ 04/ 1885	Campinas	T	Emilio Thiele	M	Brasileira	Empregado (farmácia)	O delegado "deu por findo o interrogatório e recomendou ao pai do menor que tomasse em consideração as respostas de seu filho"	Desvios da Imaginação. "que o teriam feito praticar atos reprovados pela moral."	Enforcamento	O menor tenta se matar por enforcamento e, quando seu patrão pergunta a finalidade de uma solução química, preparada por ele, afirma que havia feito um veneno para quando precisasse se matar.
12/ 05/ 1885	São Paulo	S	Paulo Felipe Worpt	M	Alemã	Não cita		"Aborrecido de viver"	Esmagamento ("foi apanhado pelo trem")	"O infeliz, refere o <i>Correio Paulistano</i> , era dado ao vício da embriagues e na véspera de sua morte dissera a um seu companheiro, que estava aborrecido de viver"
28/ 05/ 1885	Santos	S	João da Silva Tavares	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Enforcamento	"utilizando uma calça de criança, pôs fim à existência, estrangulando-se"

26/ 08/ 1885	Santos	S	Joaquim dos Santos	M	Brasileira	Empregado (armazém)	"tendo o sr. subdelegado ciência do ocorrido, para lá se dirigiu acompanhado do seu escrivão (...) tiraram do fundo do rio o cadáver"	Desarranjo mental	Afogamento	Não há
01/ 09/ 1885	Franca	S	João Vicente de Brito	M	Brasileira	Professor (escola pública)	Não cita	Não cita	Não cita	Não há
08/ 09/ 1885	Campinas	T	João Pires	M	Brasileira	Praça de polícia	"A autoridade tomou conhecimento do ocorrido"	Injustiça. Em carta diz que "sua resolução era devida a uma injustiça que sofrera de um seu superior"	Enforcamento	"levado por motivos que em nada justificam o ato" "logo que se apanhou restituído à vida escapou-se do lugar em que estava e desapareceu, tendo sido encontrado com dificuldade ontem à tarde. Acha-se no hospital de Misericórdia"
16/ 09/ 1885	Bragança	S	Justino José do Carmo	M	Brasileira	Alfaiate	Não cita	Não cita	Enforcamento	Não há
18/ 10/ 1885	Piracica-ba	S	"um moço bem trajado"	M	Ignorada	Não cita	Não cita	Não cita	Enforcamento	"Junto estava um cavalo arreado"
10/ 11/ 1885	Pindamonhangaba	S	Rodrigo Marcondes do Amaral	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Ignora-se	Afogamento (rio Paraíba)	Tinha 17 anos.
06/ 12/ 1885	Taubaté	S	Joaquim Antonio Figueira	M	Brasileira	Alfaiate	Não cita	Não cita	Não cita	Não há
11/ 12/ 1885	São Paulo	T	Sebastião da Cruz e Silva	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Após tentativa de homicídio passional	Arma de fogo	Suspeita de infidelidade conjugal
20/ 12/ 1885	Capivari	S	João Manoel	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita (preso na cadeia).	Enforcamento	Não há

05/ 02/ 1886	Itapetinga	S	Virissimo de Almeida	M	Brasileira	Não cita	“ A autoridade tomou conhecimento de fato e procede na forma da lei.”	Após homicídio passional	Enforcamento	Assassinou a ex-mulher a golpe de foice, e matou-se em seguida.
13/ 02/ 1886	Santos	T	Firmino Augusto Quaresma	M	Brasileira	Caixeiro	Não cita	Desonra.	Arma de fogo (Tiro no coração)	Carta em que “declara que matava-se para lavar a sua honra manchada” .
25/ 05/ 1886	Areias	S	Antonio Barbosa da Silva	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Desarranjo mental “O infeliz sofria das faculdades mentais.”	Arma de fogo (Tiro no estômago)	Não há
04/ 08/ 1886	Campinas	T	Thomas Luiz Guimarães	M	Brasileira	Não cita	“ A polícia interrogou a mulher”	Desarranjo mental. “que há tempos dava indícios de loucura”	Arma branca (Facada no pescoço)	Recolhido ao hospital da Misericórdia.
07/ 09/ 1886	Sorocaba	S	Francisco de Arruda	M	Brasileira	Ferreiro	Não cita	Injustiça. (Fora preso e depois de solto ficara muito triste).	Enforcamento	O jornal critica sua prisão injusta, referindo que ele, apesar de dado ao vício da embriaguez, era em geral muito trabalhador.
22/ 09/ 1886	Campinas	T	Paulo Selmi	M	Italiana	Não cita	Não cita	Desarranjo mental (possível).	Arma branca (canivete)	“fez em si uns ferimentos no pulso com um canivete, em um momento de alucinação. Foi em tempo socorrido pelo doutor Guilherme Silva”
01/ 10/ 1886	Campinas	S	Florianio “de tal”	M	Francesa	Empregado (“da padaria União”)	Lavrado o auto pelo delegado antes do sepultamento	Não cita	Enforcamento	“O infeliz valeu-se de um cinto para realizar o seu sinistro intento”
15/ 10/ 1886	São Vicente	S	Manoel Santiago Ribeiro	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Doença incurável (“ por sofrer de moléstia do coração e estar desenganado pelos médicos”)	Não cita	Não há

07/ 11/ 1886	Sorocaba	T	Joaquim de Lacerda	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Arma branca (faca)	Não há
20/ 11/ 1886	Campinas	S	Galdino Leite de Santana	M	Brasileira	Agregado de fazenda	Exame feito “ Dr. Meira e farmacêutico Otto Langgaard”	Não cita	Arma de fogo (Tiro de espingarda no ouvido)	Tinha 26 anos.
10/ 12/ 1886	Taubaté	S	João Candido Homem de Azevedo	M	Brasileira	Fazendeiro	Não cita	Desarranjo mental.	Arma de fogo	Saíra do Hospital da Misericórdia “onde se achava por apresentar sintomas de alienação mental.”
05/ 03/ 1887	Amparo	S	Albano Franco de Godoy	M	Brasileira	“importante fazendeiro”	Não cita	Não cita	Arma de fogo (“disparando um tiro na cabeça”)	Não há
18/ 03/ 1887	São Paulo	T	Eleuterio Rodrigues do Amaral	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita (Preso na cadeia).	Instrumento perfurante (golpe no pescoço com folha de flandres)	Não há
29/ 05/ 1887	Águas do Lambary ou Alambary	S	Capitão Paulino Bueno de Aguiar	M	Brasileira	“importante fazendeiro e capitalista de Itatiba”	“O sr. alferes Matheos Gomes de Paiva, digno e zeloso subdelegado do lugar, procedeu ao auto de corpo de delito e arrecadou a quantia de 428\$000 e diversos objetos encontrados no cadáver”	Desarranjos mental (“Diz-se que o finado manifestara por vezes a idéia de pôr termo á sua vida, em consequência de sofrimentos cerebrais que de certo modo lhe haviam perturbado a inteligência.”)	Enforcamento	“A noticia deste triste sucesso sensibilizou profundamente a população das Águas do Lambary e a todos encheu de vivo pesar.”
15/ 06/ 1887	“Dois Córregos”	S	Joaquim de Carvalho	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Não cita	“que há pouco mudara-se de Capivari.”
05/ 07/ 1887	Sorocaba	S	Joaquim Rodrigues de Azevedo	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Paixão amorosa (Suicidou-se sobre a sepultura da esposa)	Envenenamento (estricnina)	Deixou bilhete dizendo: “Faz hoje 90 dias que Nicota morreu. Adeus, mundo. Azevedo.”

08/ 10/ 1887	São Paulo	T	Manoel Pereira Neves	M	Portuguesa	Não cita	Não cita	“ Motivos de família”	Afogamento (Rio Tamanduateí)	“ sendo obstado no seu intento por um guarda urbano.”
01/ 12/ 1887	Capivari	S	Antonio Joaquim de Camargo	M	Brasileira	Não cita	Não cita	Não cita	Não cita	“ probro e estimado cidadão”
08/ 12/ 1887	Campinas	T	Joaquim M. G. de Moura Lacerda	M	Brasileira	Não cita	O capitão mandou dois guardas para garantir a tranquilidade da família	Desarranjo mental (possível) “ em um momento de alucinação”	Instrumento perfurante “ um garfo”	“ Lamentamos sinceramente tão triste ocorrência.”
06/ 09/ 1887	Campinas	S	Rozina Pizarro	F	Brasileira	Não cita	O marido da suicida foi preso para averiguação. Auto de corpo de delito pelos drs. Monforte e Edmundo da Fonseca.	Não cita	Arma branca (facada no abdômen)	O inquérito verificou a “ não criminalidade” do marido.
28/ 07/ 1887	Campinas	T	Antonio D’Agostino	M	Brasileira	Empregado do curtume	O delegado de polícia tomou conhecimento do fato.	Ignora-se “ a causa desse ato de loucura”	Arma branca (Navalhada no pescoço)	“ Foi medicado pelo dr. Thomaz Alves e farmacêutico Otto Langgaard, não sendo de gravidade o seu estado. Foi recolhido a Santa Casa de Misericórdia”